Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / N.º 19143 4$00

TERÇA-FEIRA 31 AGOSTO 1976

ROCHA VIEIRA PROMETE NA POSSE DE HUGO DOS SANTOS

SUPERAR DIVERGÊNCIAS NAS FORÇAS ARMADAS

«Estão praticamente reunidas as condições para que de imediato prossiga a renovação e o aperfeiçoamento da instituição Exército», considerou o chefe do Estado-Maior do Exército, brigadeiro Rocha Vieira ao dar posse esta manhã em Coimbra ao novo comandante da Região Militar Centro, brigadeiro Hugo dos Santos.

Presentes além de Franco Charais, os comandantes das unidades da RMC, o reitor da Universidade de Coimbra, prof. Teixeira Ribeiro, o delegado do procurador da República e os comandantes da GNR e da PSP.

Rocha Vieira depois de salientar as qualidades pessoais quer do novo comandante quer do coronel Charais, e de reconhecer o papel deste último na RMC em períodos difíceis do post-25 de Abril, sublinhou que esta posse era dada num momento em que prevalece a «preocupação de consolidar a estrutura militar» de modo a que seja «proporcionado o ambiente de segurança necessário à sedimentação do viver democrático desejado pelos cidadãos».

Tocando o ponto das recentes graduações de militares o chefe do Estado-Maior do Exército diria que «haverá quem procure inadvertida, leviana ou intencionalmente aproveitar a circunstância para criar linha de clivagem de significado político», mas manifestou a convicção de que os militares «saberão superar esta tentativa de criar divergências no seio das Forças Armadas», adiantou que tal ocorrerá «se assumirmos a consciência de que trabalhamos aceleradamente para aprofundar o ambiente de normalização do qual irá decorrer a natural reposição de preceitos hierárquicos formais» e referiu ainda que com esta posse «foi concluída uma parte significativa das alterações em postos de chefia do Exército».

O novo comandante da R. M. C. fez também referência (indirecta) à questão das graduações, tendo pugnado pelo restabelecimento progressivo da hierarquia formal na base da competência, no sentido de umas «verdadeiras e dignas Forças Armadas».

Manifestou-se, finalmente, interessado em criar na R. M. C. um «corpo militar coeso, eficiente e disciplinado que dê confiança e garantia ao povo da região» e afirmou que não cederia a «pressões nem a falsas imagens venham de onde vierem, que tentem desvirtuar e desviar a sociedade portuguesa do livre acesso à verdadeira democracia».

Agostinho Neto não foi convidado a visitar Portugal

Recebemos ao fim da manhã uma nota da Presidência da República que «desmente a notícia constante do telegrama difundido pela agência ANOP, quanto à existência de um convite do presidente da República ao dr. Agostinho Neto para visitar oficialmente Portugal. A hipótese não foi considerada», — conclui a nota.

À DESPEDIDA DA MADEIRA

Azeredo confessa-se "spinolista"

. FUNCHAL, 31 — A escassas 24 horas da transmissão de poderes do Comando Militar da Madeira, o governador cessante, brigadeiro Carlos Azeredo faz, para dois jornais madeirenses, o elogio do ex-general Spínola e, numa certa perspectiva, confessa-se ele próprio «um spinolista».

As declarações de Azeredo, com cujo nome se chegou a especular para o comando da Região Militar do Norte, foram registadas pelos jornais locais «Diário de Notícias» e «Jornal da Madeira».

Posta a questão «ser ou não ser spinolista», declarou o brigadeiro ao «DN».

«Quanto à acusação de spinolista, se ela se refere ao facto de me manter fiel a uma amizade e a uma camaradagem em relação ao grande militar e grande português que é o senhor general Spínola sem que tal sentimento interfira nas minhas obrigações de serviço, ou se representa uma acusação pela honra que sinto em ter servido no Ultramar sob as ordens do grande governador e comandante chefe que ele foi, quero desde já aqui afirmar que aceito essa acusação com todo o orgulho».

Em declarações confiadas ao «JM», Carlos Azeredo prossegue no elogio de Spínola:

. «Se ser spinolista é procurar eliminar a exploração do homem pelo homem ou pelo Estado?, é amar a sua pátria mais que qualquer solo mesmo das estepes?. É, não obstante ter declarado abertamente ser contra a guerra no Ultramar, ter cumprido o seu dever em África e porque se conquistou os objectivos das missões de combate em que se tomou parte comandando, não ter complexos de vencido?, é sobretudo amar este povo maravilhoso que nós somos e respeitar uma História de oito séculos e as suas glórias?, se tudo isto é «spinolismo», então eu sou «spinolista!».

Entretanto, a transmissão de poderes do brigadeiro Carlos Azeredo para o brigadeiro Joaquim Miguel de Matos Fernandes Duarte Silva verifica-se amanhã, pelas 16 horas, no Palácio de S. Lourenço, em cerimónia estritamente militar.

Por outro lado, está anunciada para a próxima segunda-feira, dia 6, a posse do coronel Lino Miguel, da Força Aérea, no cargo de ministro da Região Autónoma da Madeira. A posse será conferida pelo presidente da República.

O SUICÍDIO DO FUNDADOR DO MOVIMENTO SOCIALISTA PORTUGUÊS CENTRAIS

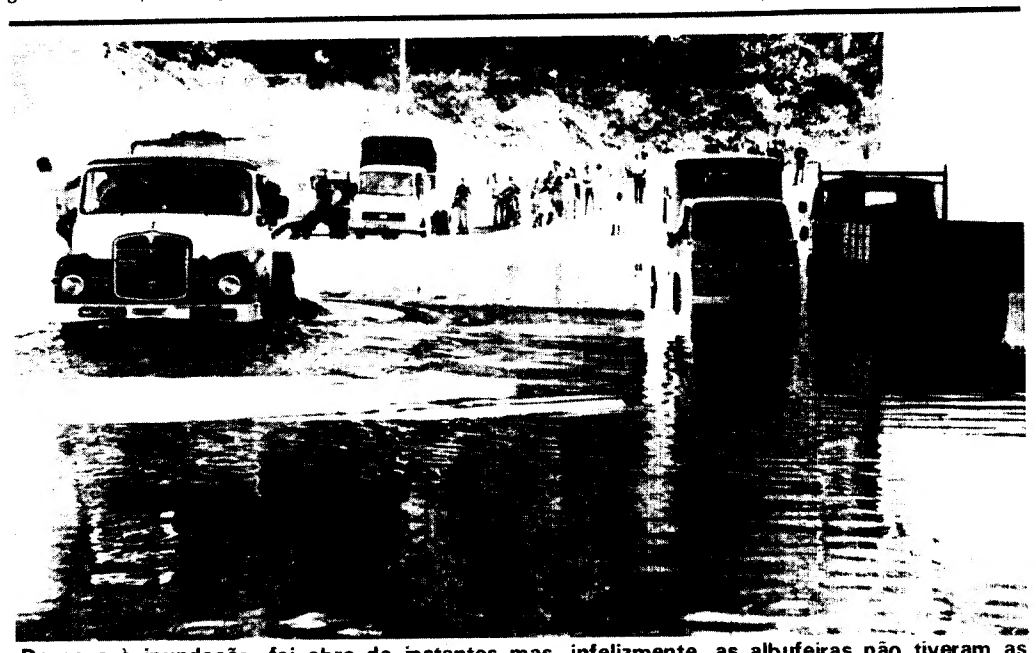
20 PÁGINAS

Suspensas as acareações dos bombistas presos

. Ao contrário do que estava previsto, não deverão realizar-se, nos próximos dias, novas acareações dos bombistas detidos em Caxias. Segundo conseguimos apurar, as investigações centram-se por agora nos interrogatórios a que está a ser submetido o «Corrécio», um dos principais operacionais das bombas. Sabe-se por outro lado que não se efectuaram mais detenções embora as investigações prossigam em parte por todo o país.

Entretanto, num matutino do Porto, foram hoje divulgadas declarações de um elemento da PJM, que considera os detidos «indivíduos anticomunistas» que teriam optado pelas bombas» «para a todo o custo obstarem à implantação de uma ditadura de esquerda que mesmo não concretizada, social e profissionalmente já os teria prejudicado, quer através de saneamentos, quer por meio da impossibilidade de acesso a postos de trabalho. Isto sem falar na certamente possível agressão ideológica de que se considerariam vítimas»...

Continua na pág. 20



Da seca à inundação, foi obra de instantes mas, infelizmente, as albufeiras não tiveram as «enchentes» que paralisaram o trânsito em vários pontos da cidade e provocaram cerca de mil saídas dos bombeiros. Lisboa, com os esgotos entupidos depois duma longa estiagem, não está preparada para «enchentes súbitas» como se verifica por esta foto (Notícia na pág.20)

POR DESPACHO DO M.E.I.C.

Suspenso outro programa do Ensino Unificado

. Sottomayor Cardia, ministro da Educação e Investigação Científica, através do despacho 268/76 determina a suspensão do programa de Educação Cívica e Politécnica que constava do curriculum do Ensino Unificado. Esta medida — justifica o despacho — foi tomada no sentido de se preparar a definição do curriculum escolar dos 7.º e 8.º anos de escolaridade. Não é, regista-se com preocupação, o primeiro programa «saneado». Há poucos dias fora determinada a suspensão da disciplina Ciências Sociais. Em sua substituição regresspu a disciplina de História com o programa de 74/75.

Na análise que o Episcopado fez dos programas de ensino tanto as Ciências Sociais como a Educação Cívica e Politécnica mereciam sérios reparos pelo seu conteúdo progressista que era identificado com a ideologia marxista. A acção de Sottomayor Cardia, em ple-

Continua na pág. 20

DESARMAR TRABALHADORES É RISCO QUE NÃO PODEMOS CORRER — AFIRMA A INTERSINDICAL

(Pág. 8)

PRIMEIRO-MINISTRO ITALIANO ACUSADO DE SUBORNO

(Pág. 13)

MOTINS RACIAIS EM LONDRES

(Pág. 13)

Geral

Política de A a Z

A ESCALADA ANTIDEMOCRÁTICA

Em nome da «caminhada democrática» que, à luz da anterior experiência da caminhada corporativa (e turística), se propoê ensinar-nos, pedagogos iméritos, democratas pintados de fresco, declaram: «O problema do Conselho da Revolução havia de surgir mais cedo ou mais tarde.» E em que consiste o problema? Na circunstância dos democratas, os de sempre, os novos e os novíssimos, terem tido para com os jovens capitães (do 25 de Abril) uma atitude de «condescendência sentimental que, no entanto, nada tem a ver com a Democracia». Banido o Governo de Marcelo Caetano, posto em causa o regime fascista, para esses frescos democratas seria tempo dos militares regressarem aos quartéis e de entregarem a um pessoal político devidamente habilitado, educado nos valores da «democracia orgânica», servidor da tecnocracia corporativa ou adepto do desenvolvimentismo neocapitalista, o pleno encargo da governação pública, talhando, neste jardim da Europa, novos canteiros aprazíveis para os turistas. Mas o militares ficaram na praça, andaram com o povo nas ruas, subiram a São Bento, instalaram-se em Belém. Ignoraram o que os pedagogos iméritos agora sublinham: « A Revolução portuguesa é democrática, porque revolução não é o que fizeram os militares na madrugada de 25 de Abril de 1974, mas o que o povo está a fazer agora dia-a-dia.» E não fica por aqui a lição dos democratas pintados de fresco aos capitães ingénuos (os do 25 de Abril). Claramente afirmam: «Não restam dúvidas de que o Conselho da Revolução é um corpo estranho à Democracia portuguesa...».

Tem razão o general Ramalho Eanes: há por aí pseudo-jornais de informação (e de doutrinação) antidemocrática. Há que lhes prestar a devida atenção. Entre os jornais que informam e os jornais que se colocam conscientemente, ao serviço da «desinformação», da «intoxicação», da «mistificação» não se poderão travar meros jogos florais. À reacção é preciso dar uma resposta. Uma resposta política à escalada antidemocrática, reaccionária, fascizante é o dever da Imprensa que aceita a Constituição como um programa português e revolucionário de institucionalização da Democracia e de marcha para o Socialismo.

UM TESTE

. . Em declarações recentes o Primeiro-Ministro terá afirmado que as próximas eleições para as autarquias locais, constituirão um teste de aceitação pública, ou do público desinteresse, pelo Governo Constitucional socialista. Como é evidente para um Governo que se propõe governar durante quatro anos, o prazo de menos de quatro meses que nos separa da data prevista para as eleições para as autarquias locais, não dará margem à realização das muitas medidas anunciadas, nem à prática verificação dos seus resultados. Sob o ponto de vista administrativo, de pura gestão dos negócios públicos, as eleições para as autarquias locais não serão um teste. Poderão ser um teste do descontentamento das populações periféricas em relação a uma administração central que continua a pensar Portugal a partir de Lisboa, com olhos em Lisboa, com ouvidos em Lisboa. E poderão, também, ser um teste da recuperação política e organizativa dos partidos que derrotados nas eleições legislativas pretendem impor-se para o exercício do «poder» através da sua inserção na virtual «maioria presidencial». As eleições para as autarquias locais não serão verdadeiramente um teste para a «administração socialista». Poderão, quando muito, ser um teste do isolamento voluntário do Partido Socialista em relação a forças correntes e grupos que se não reclamam da «maioria presidencial». Os eleitores de Pinheiro de Azevedo e os eleitores de Otelo Saraiva de Carvalho não poderão ser esquecidos quando se trata de travar o passo à escalada da «direita». E nenhuma regra democrática (e muito menos uma lúcida demarcação face ao inimigo principal) permitirá ao P. S., no plano da administração local, ignorar os eleitores de Octávio Pato. As eleições para as autarquias locais serão um teste político. As posições do P. S. D. (antigo M. S. D.) não deverão, igualmente, ser menosprezadas. Um exame rigoroso das correlações locais das forças políticas, dos interesses económicos das aspirações das populações deverá constituir o fundamento de uma definição das linhas de orientação para a batalha das eleições administrativas. Eleições que, acentuamo-lo uma vez mais, serão um teste político.

OS INÚTEIS ATAQUES

Citarmos Mao Tse-tung, ou Marco Aurélio, ou o conhecido provérbio árabe, não adianta para o caso. Por Nizan, que lhes não será suspeito de pertencer ao K. G. B., sabemos que existem, em termos de classe, «cães de guarda». E sabemos, por Marx e por nós, pela nossa trivial e quotidiana experiência, que estamos, aqui e agora, em plena luta de classes. Mesmo a luta por um projecto nacional para a Democracia e para o Socialismo, é — como Mao ensina — «em última análise, uma luta de classe» (confira a declaração de 8 de Agosto de 1963). De razão certa, portanto, não é estranho que os cães ladrem por iniciativa própria ou a mandado dos seus donos. Não é estranho que os ataques (inúteis) venham da «extrema esquerda», da «direita ultra», de fundibulários de acaso. E os «cães de guarda» — esperamos — não estranharao, e menos ainda os espertos donos, que, desprezando-os, prossigamos o nosso caminho.

VAGA DE NOMEAÇÕES NAS F.A.

Melo Egídio na subchefia do Estado-Maior do Exército

. Recentes nomeações no sector militar, quer referentes a lugares no Conselho da Revolução quer quanto a postos de comando, provocam largas movimentações nas Forças Armadas.

Com a posse este manhã do tenente-coronel Hugo dos Santos (para o efeito graduado em brigadeiro) no cargo de comandante da Região Militar Centro, ficam preenchidos os postos deixados vagos pela opção de Franço Charais e Pezarat Correia em favor dos seus cargos de conselheiros da Revolução.

Entretanto, a nomeação do general Galvão de Figueiredo para ministro da República nos Açores provocou a vagatura das funções de vice-chefe do Estado Maior do Exército, cargo que ontem mesmo começou a ser preenchido pelo general Melo Egídio, até agora adjunto do chefe Estado-Maior General das Forças Armadas. O general Melo Egídio foi ontem à tarde investido das suas funções no decurso de uma «cerimónia privada» no gabinete de trabalho do general Rocha Vieira, chefe do E. M. E.

Nos próximos tempos novas deslocações de militares são de aguardar. Com efeito, com a designação do coronel Garcia dos Santos para o Conselho da Revolução deverá deixar em aberto proximamente o cargo de chefe da Casa Militar do Presidente da República, funções que tem continuado temporariamente a desempenhar. Resta também por resolver a questão da subchefia E. M. G. F. A., problema este que certos círculos adiantam que será resolvido pela criação de três subchefias, a preencher por cada um dos ramos das F. A. A estas vagas há que adicionar a do representante da Força Aérea no Conselho da Revolução. O prazo de 20 dias constitucionalmente determinado para o preenchimento do cargo termina hoje, com o chefe do E. M. F. A., general Morais e Silva, a quem compete a indicação de um nome, ausente até esta tarde do País. (A sua presença já na próxima reunião do C. R. poderá resolver a situação).

Nas ilhas registam-se também algumas nomeações. Assim, o brigadeiro Duarte Silva assumirá amanhã as funções de Comandante-Chefe das Forças Armadas e Comandante Militar da Madeira, em cerimónia a efectuar pelas 16 horas no Q. G. do Funchal. Nestas funções substitui o brigadeiro Carlos Azeredo que cessa também o desempenho do cargo de Presidente da Junta Governativa da Madeira.

Para os Açores anuncia-se, entretanto, que o brigadeiro José Manuel Ferreira de Lemos, da Direcção dos Serviços de Transporte do Exército, será o substituto do brigadeiro Sousa Meneses no cargo de Comandante Militar do arquipélago. Provavelmente, o brigadeiro Sousa Meneses será o futuro Comandante-Geral da Guarda-Fiscal, cargo em que substituirá o general Oliveira Rodrigues, que se anuncia como indigitado para substituir o general Melo Egídio.

Preparado programa da visita de Eanes ao Porto

. PORTO, 31 — Está em elaboração, no Governo-Civil do Porto, o programa da visita oficial do Presidente da República a esta cidade.

Cumpre-se, assim, a promessa do general Ramalho Eanes, que, por ocasião da sua campanha eleitoral, declarou em público, nesta cidade, que se fosse eleito Presidente da República, a sua primeira visita oficial seria à cidade do Porto.

O Presidente da República chegará a esta cidade cerca do meio-dia, da próxima sexta-feira, dirigindo-se imediatamente para os Paços do Concelho.

A Câmara Municipal dirigiu convites aos partidos políticos com vista a fazerem-se representar na recepção ao Presidente da República.

Cerca das 12,30 horas, o general Ramalho Eanes proferirá, da varanda principal da câmara, um discurso.

O Partido Socialista divulgou uma nota nos seguintes termos «vem esta comissão executiva, por este meio, convocar desde já todos os militantes, aderentes e simpatizantes a comparecerem na Praça General Humberto Delgado naquele dia 3 de Setembro, em hora que oportunamente tornaremos pública, através dos órgãos da Comunicação Social.

«Apelamos, pois, à mobilização de todos os militantes, aderentes e simpatizantes para a jornada da próxima sexta-feira».

Conselho de Ministros está reunido em S. Bento

. Encontra-se reunido em S. Bento, sob a presidência do primeiro-ministro, Mário Soares, o plenário do Conselho de Ministros.

Desconhece-se a agenda de trabalhos mas recorda-se que as duas sessões plenárias da semana passada foram dominadas por problemas de carácter económico, alguns dos quais transitaram não só para a reunião de hoje como para outras que se seguirão.

Inserem-se neste campo as anunciadas medidas económicas que, acompanhadas de uma análise da situação nacional actual, serão comunicadas ao País através de uma anunciada — mas ainda não concretizada — comunicação do primeiro-ministro.

No final da semana passada, à saída de uma entrevista com o Presidente da República, o dr. Mário Soares disse ser possível que a sua comunicação se pudesse concretizar em meados da semana corrente.

Até ao momento nada foi, contudo, oficialmente estabelecido, permanecendo de pé a hipótese, aventada já por alguns órgãos de Comunicação, de ser mais uma vez adiada para a próxima semana. Neste campo, contudo, aguarda-se que o Conselho de Ministros de hoje possa fornecer indicações mais precisas.

. Na reunião de hoje espera-se ainda que sejam abordados temas relacionados com a Comunicação Social, entre eles os da RTP que poderão ser objecto, nos próximos dias, de uma comunicação do secretário de Estado daquela pasta. No que se refere à questão RTP é possível que surja a designação de um novo presidente do Conselho de Administração, continuando a falar-se no nome do ex-ministro Tomás Rosa.

Delegação do P.S. em Tripoli

Dois dirigentes do Partido Socialista, Catanho de Menezes, do Secretariado Nacional, e José Neves, da Comissão Nacional, partem hoje para Tripoli aonde vão assistir às comemorações do Dia Nacional da Líbia, que ocorre amanhã, 1 de Setembro, sete anos depois da independência daquele país.

Os dirigentes socialistas portugueses partem a convite do partido governamental líbio, a União Árabe Unida.

Conselho de Segurança pede sanções económicas contra a África do Sul

Países pedirão hoje sanções económicas contra a África do Sul quando o Conselho de Segurança iniciar um debate sobre a intrransigência de Pretória de desistir do controlo sobre a intransigência de Precano).

A sessão do Conselho foi ordenada nos termos de uma resolução aprovada em Janeiro último, exigindo que a África do Sul concorde em realizar eleições livres no território sob supervisão e fiscalização das Nações Unidas.

Foi decididó que, se a África do Sul não acedesse a essa exigência, o Conselho reunir-se-ia em sessão não mais tarde do que hoje para rever a situação e, se for necessário, considerar «medidas apropriadas nos termos da Carta das Nações Unidas» para obrigar o Governo de Pretória a cumprir a moção.

Henri Rasolondraibe, um representante permanente interino da República Democrática do Malgaxe, este mês presidente do grupo africano na ONU, disse que pediria ao Conselho «medidas práticas, significando sanções».

Delegação do M.D.P. regressa da U.R.S.S.

Regressou a Lisboa a delegação do Movimento Democrático Português (M. D. P.) que durante dez dias visitou a União Soviética a convite da União das Associações de Amizade e de Relações Culturais com os Povos Estrangeiros daquele país.

Esta delegação do M. D. P., constituída por Levy Cunha, Pompílio Souto, Martins da Costa e Armando Mões, visitou diversas organizações sindicais, cooperativistas e culturais, bem como organismos de administração local e social.

Morais da Silva regressa hoje a Lisboa

. É esperado ao fim da tarde em Lisboa, o general Morais da Silva, que, como enviado especial do Presidente da República, se deslocou à capital indonésia para tratar do repatriamento de cerca de 1.300 portugueses, residentes em Timor.

Com o general Morais da Silva regressam de Timor mais 145 refugiados, elevando-se, assim, para 405 o total de portugueses que já abandonaram a antiga colónia, desde Julho último.

Recorde-se que o general Morais da Silva declarou anteontem em Jacarta que os restantes 795 civis portugueses que pretendem regressar ao seu país, serão transportados para Lisboa, via Bali, no próximo mês.

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, modernas, estilo Q. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

post-scriptum

Casas préfabricadas não resolvem o problema habitacional

Todos nós tivemos conhecimento, através dos órgãos de Informacão, do plano de construção de casas prefabricadas para os desalojados de África, anunciado pelo sr. ministro da Habitação e Urbanismo.

Tal facto foi mais ou menos realçado, consoante a cor ideológica desses mesmos órgãos, pois alguns foram até ao ponto de louvar, em grandes colunas, tal empreendimento.

Também eu, como cidadão, me congratulo com soluções que visem a resolução do problema habitacional do nosso povo; mas de maneira alguma com as soluções concebidas e aprovadas, que não resolvem de forma capaz o problema da habitação. E porquê?

Ora são sobejamente conhecidas as características de tais habitações. Elas são na sua totalidade prefabricadas e de piso térreo e nisso a minha crítica.

Relativamente a este problema, há a considerar dois aspectos:

a) Se as casas são fornecidas, já completas, por dádiva de países amigos;

b) Se serão montadas com empréstimo de outros países.

Para o primeiro caso, há só que agradecer a generosidade; mas para o segundo, já teremos de encarar o problema com soluções definitivas e estas não são em meu entender, as que o sr. ministro propõe.

Vejamos:

Quais as vantagens de tais habitações? Única e exclusivamente a rapidez — mas não a resolução do problema.

Desvantagens em relação à habitação tradicional, entre outras: más condições de habitabilidade; considerável percentagem de área ocupada por fogo; e a realidade das realidades: o período de duração de tal tipo de habitação.

Ainda que resumidamente, tais factos servem para exprimir o antagonismo de soluções.

É certo que urge resolver o problema. Mas com soluções adequadas, que embora levem um pouco mais de tempo, conduzirão ao caminho certo, se tivermos em conta que o reflexo destas mesmas soluções recaem sobre impostos a tributar ao povo, para pagamento de empréstimos concedidos; e o povo não pode, nem deve, pagar projectos teóricos de soluções provisórias.

Pasmo que hoje na hora de arrancada, na hora de medidas restritivas, exaustivamente anunciadas por todos os nossos governantes, enfim no relançamento de um País novo, tenhamos ainda de lançar mão a realizações, que, além de relativamente caras, não resolvem o problema.

Não entende o sr. ministro que não se resolve o problema habitacional com ocupação de grandes áreas, em que o custo por metro quadrado de terreno se faz sentir, mas sim em altimetria? Não quero com isto dizer que se façam edifícios de 10 andares, mas de 4 pisos, para evitar a colocação de ascensor, que onera um pouco, e assim conseguir 3/4 fogos por piso, agrupados em 2/3 edifícios ou ainda e para melhor resolução, em banda contínua. Estas soluções são, não restam dúvidas, a hipótese viável com garantia de investimento, pois é solução definitiva, e além do mais existem hoje métodos de execução que conseguem por fogo um tempo de conclusão quase idêntico ao conseguido para a habitação prefabricada.

Falou também o sr. ministro da «presente situação no campo habitacional». Na realidade é bom ouvir ou ler as palavras dos sr.s ministros, mas as obras, essas já há muito que duvidamos e neste caso específico razões fortes temos para duvidar. Não se esquecerá decerto o sr. ministro — quando no 6.º Governo — que inundou o nosso país de casas de tipo social, e até alvitrou a hipótese de, num curto espaço de alguns anos, um número irrealista, que não vale a pena focar.

Seriam estas as anunciadas?

Não. Aquelas estão nos projectos das empresas com contrato de desenvolvimento mais ou menos firmado e que não as executam, esperando a altura de poderem especular. E sabem que bem perto está essa altura.

A preocupação do avanço da habitação está nas «manobras» conseguidas para eliminação de elementos progressistas do Fundo de Fomento de Habitação — bem recente ainda.

A preocupação está na nomeação de delegados do Governo da confiança do sr. ministro, para algumas empresas de construção e bem elucidativo é o caso da Urbaco, cujo representante do Governo nomeado na altura não era mais que amigo pessoal, e que abusando do seu poder «ditatorial» levou a empresa a uma paralisação quase total e pode dizer-se que desde a entrada deste em Abril de 1975, aquela empresa (imobiliária) não entregou nem um único fogo, a não ser os que já estavam prontos. E a comissão de gestão nomeada ainda para, esta mesma empresa, sem conhecimento dos trabalhadores (com todo o seu extraordinário conhecimento do ramo) está por resolver o problema de 10 conjuntos de cozinha desde Novembro de 1975, num edifício absolutamente pronto desde essa data, privando assim os promitentes compradores do mesmo, de ocuparem os seus andares.

Florentino A. A. de Carvalho — LISBOA

OTELO, AZEVEDO E A REVOLUÇÃO

Vítor Bento

Há pouco mais de três meses, escreveu-se neste jornal uma carta aberta a Otelo, defendendo-se a opinião de que não deveria candidatar-se às eleições presidenciais. Para que não sujeitasse a sua figura e o seu significado, a um plebiscito cuja concepção e protagonistas não tinham que ver com a generosidade das suas atitudes. Pois bem, é preciso corrigir parte da posição então assumida e «dar a mão à palmatória». É possível fazê-lo, agora, que está encerrado o capítulo da «institucionalização», embora, talvez, na véspera de novos capítulos de irrequietismo, que, se existem ou não nos bastidores não sabemos mas, que ocupando as primeiras páginas dos jornais (e como se diz «não há fumo sem fogo») são indício de preparação do ambiente.

Ao candidatar-se, Otelo fez uma aposta que ganhou: foi buscar ao campo civil o que lhe era negado no campo militar. Recompôs-se, até, dos maus tratos do 25 de Novembro. Nos relatórios, por detrás de páginas e páginas, de datas, nomes, citações, etc, ressalta um ataque a toda uma situação, que não interessa aqui analisar quanto era de evitável, negativa e até real (pela facilidade com que tudo acabou) mas que, seguramente, seria mais correcto clarificar dentro das próprias instituições (é em casa que se deve «lavar a roupa suja»). O 25 de Novembro colocou na prateleira bastantes militares que talvez tivessem tanto de generosidade como ingenuidade, mas, muitos deles não tinham nada que ver com o «filme», enquanto por outro lado se colocaram no «balcão» alguns que também foram intérpretes, e da mais alta responsabilidade.

A opinião pública, em face da confusão que parece pretender-se à volta de todos os «golpes», acabará por colocar ao mesmo nível de «águas passadas», o «28 de Setembro», o «11 de Março» e o «25 de Novembro». Talvez não lhe interesse o porquê dos «golpes» e qual a sua importância na eliminação, obscura, de certas facções e influências militares, mas não é possível lançar para o esquecimento fácil que o «11 de Março» deu origem ao «12 de Março» e este à abertura de uma nova via política para a sociedade portuguesa. Opção que agora, enquanto Nação, temos que aceitar e consolidar, para o bem e para o mal, e que está consagrada na Constituição, sob o risco de perdermos colectivamente a «face» perante o Mundo e de se vir a pôr ao mesmo nível um outro «golpe» (cuja contestação só ainda se iniciou) que nos abriu novos horizontes, o «25 de Abril». Se não conseguirmos — e os tempos próximos com as suas enormes dificuldades vão-nos pôr mais à prova do que os dois anos e meio passados — teremos de voltar a dobrar a cerviz, que é a posição dos subjugados.

Estas considerações, vêm também a propósito do significado da votação em Otelo. Não será o embrião de um «movimento organizativo das massas mobilizadas para a revolução» mas também não é a expressão eleitoral «extrema-esquerda» como pretendia, há tempos, um «resistente», vulgarmente citado nas crónicas mundanas. É talvez um pouco de esperança no totobola e na lotaria, a voz que reforçada colectivamente ousou romper com a portuguesíssima «resignação», o entusiasmo sonhador e espontâneo próprio dos latinos. Mas é também, definitivamente o que resta do 1.º de Maio de 1974 e da possibilidade da burocracia ser vencida pelas respostas concretas a problemas concretos. Só por miopia poderá ser ignorado como capital político, de um homem e de um ideal, que interessa a qualquer projecto que acredite na capacidade criadora da grande maioria dos cidadãos, particularmente dos que podem vir a fazer a Revolução, produzindo (e neste aspecto, a Constituição não tem mais de uma «leitura»).

Agora, que se auto-assumiram para sempre os dirigentes da Revolução (estranha ideia, para uma sociedade onde a última «revolução» só acabava quando «houvesse um português sem fome») e se carregou portanto de peso político o papel de alguns militares, é caso para perguntar se Otelo e Pinheiro de Azevedo não são militares e revolucionários e cada um com o peso político de centenas de milhares de votos. E, ainda, se os «moderados» se acham descansados com o seu flanco esquerdo em «liberdade condicional» e o direito em liberdade total, ou se a Revolução (que está por consolidar, logo por fazer) se apoiará apenas no bloco presidencial (ou, por outras palavras, como integrar no bloco «gramshiano», do major Melo Antunes, o apoio dos eleitores de Otelo e Pinheiro de Azevedo) ou, ainda, se a gravidade da situação não vai exigir a confluência «possível» do bloco «possível».

Estas as questões que, para surpresa de muitos (e nossa) veio pôr, para o futuro, o gesto irreverente daquele a quem, se a política fosse como o futebol, se poderia chamar «o menino de ouro» do «25 de Abril».

UM FESTIVAL NOVO NUMA CÓRSEGA SUFOCADA COMO SEMPRE

Bernard Raffali

Está tudo preparado para a felicidade. Um fundo de montanhas transparentes, uma chuva de estrelas, o perfume do mato, o brilho da Lua, a longínqua cintilação do mar, as ruínas de uma igreja barroca onde o hibismo se mistura com a era das pedras. Pensa-se no jovem Racine, descobrindo Uzès: **E nós temos noites mais belas que os vossos dias.**

Estamos na Córsega, a 15 quilómetros de Calvi, e somos hóspedes de La Grange, proprietário deum convento de sonho, donde os frades e os bem-aventurados desapareceram há muito. Americano pelo lado materno, La Grange é um musicólogo entendido, especialista de Mahler, e, além disso, amigo de Maurice Bleuret. Concebe-se que lhe tenha surgido a ideia generosa de alargar a vocação espiritual do local a celebrações culturais. Já em 1966 acolhia os jovens músicos da Associação Cyrne Art para uma espécie de festival itinerante. Tocava-se um pouco por todo o lado, no olival de Santa Restituta como na velha confraria de Calenzana. Toda a aldeia ali estava, espantada por descobrir outra função para o local de peregrinação ou de passeio, por descobrir, sobretudo, concertos. Aqui, como noutros pontos e mesmo em Ajaccio ou Bastis — onde a antiga Ópera destruída pela guerra nunca foi substituída a cultura resumia-se às sete ou oito salas de cinema da ilha.

Nennhum teatro, nem sequer «Galas Karsenty».

Em 1968 desapareciam os concertos de Calenzana. De longe a longe regressavam alguns «fiéis», um Gabriel Fumet, um Jean-Bernard Pommier, um Jean Moulière, que iam de igreja em praça de aldeia com a sua coragem e a recordação da hospitalidade.

Finalmente em 1974, Henry Louis de La Grange oferecia as primeiras noites de Alziprato, com o Deller Consort, a Orquestra de Câmara de Sofia e os solistas da Filarmónica de Viena. Assim nascia o primeiro festival de Música na Córsega. Na verdade, não podemos tomar a sério os amáveis divertimentos oferecidos aos habitantes de Ajaccio há alguns anos, com os «festivais» dos Milleli, antiga casa de campo dos Bonaparte, ou na casa da Duqueza de Pozzo di Borgo (Odile Versois), no castelo de la Punta, pavilhão das Tulherias transportado pedra a pedra para a Córsega após o incêndio de 1871. Aqui e além os programas parecem fixados para sempre e podemos estar quase certos de reencontrar todos os anos Alexandre Lagoya, uma cena de Musset, e a projecção de **Napoleão,** de Abel Gance.

Nada disso se passa em Alziprato onde este ano o número das manifestações duplicou e progrediu ainda no sentido de qualidade, embora se compreenda mal que, para representar o teatro, se tenha escolhido o **Misantropo,** encenado por Jean-Laurent Cochet, cujas recentes declarações sobre a cena moderna se situam nos antípodas da posição de Maurice Fleuret. Na primeira fila dos espectadores La Grange estava é certo, enquadrado por Domingos Taddei (responsável dos assuntos culturais do Partido Socialista) e Philippe Sauzay, chefe de gabinete do presidente da República. Estranho público, na verdade, esse que tão alargadamente ocupava a nave dos franciscanos de Alziprato hoje a céu aberto. Foi exactamente neste recinto fechado e requintado que ficámos condenados a ver que a Córsega não conta apenas com camponeses pobres e viticultores «pieds-noirs» (1) mas também com notáveis, muitos notáveis e até mesmo alguns recentes castelões: público certo e culto, que apoia sempre os pioneiros quando este lhes propôs talentos consagrados e oportunidade para um brilhante «cocktail» num país onde há tão poucos.

Era difícil evocar musicalmente a Córsega: mediu-se-lhe, no entanto, o pulso ao vê-la presente em Alziprato. Por uma exposição de mapas antigos da ilha onde as fantasias dos geógrafos dão que pensar perante o tradicional desconhecimento das cidades, e por uma pequena exposição de Tony Casalonga que há anos desenha, na aldeia de Piona, cenas e paisagens encantadoras muito próprias para ornamentarem as casas de campo e praia. Lembramo-nos dos acontecimentos políticos do ano passado. E para provar que existe uma cultura na Córsega acolheu-se mesmo para um concerto gratuito a missa corsa do grupo vocal de Rusio e um conferencista sabedor, o professor Ettori, que dissertou sobre o significado da universidade de Pascal Paoli.

Para tantos prazeres diversos, Henry Louis de la Grange obteve algumas subvenções do Ministério do Equipamento, do Fundo de Intervenção Cultural, do Secretariado de Estado para a Cultura e dos Conselhos Gerais. É claro que neste tempo de restrições orçamentais a contribuição do Estado não foi muito generosa. Bastante contrariada a organização teve de

Continua na pág. 4

Geral

SOARES LOURO À RTP

Imprensa não-diária terá distribuição postal gratuita

A distribuição postal para a maioria dos jornais e publicações não diárias passará a ser gratuita, dentro de pouco tempo revelou ontem o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, numa entrevista concedida à RTP.

No fim de Setembro, e a título experimental durante um período de seis meses, a distribuição a nível nacional da Imprensa diária e da grande Imprensa senanal, funcionará em moldes novos afirmou ainda aquele membro do Governo, tendo acresentado que entrará em funcionamento uma grande distribuidora nacional que vai permitir uma maior difusão dos jornais em todo o País e «um aumento de venda da Imprensa diária e da grande Imprensa semanal, com grandes reflexos na economia das empresas jornalísticas».

Soares Louro referiu-se ainda à necessidade de redimensionar a Imprensa regional, que assim poderá «assumir grande importância nas próximas eleições para as autarquias locais». Quanto ao conservadorismo patente na Imprensa regional, relacionou-o com os hábitos de meio século tendo contudo afirmado que «nos havemos de encaminhar para soluções mais correctas, de acordo com a democracia que estamos a criar no nosso País».

O subsecretário de Estado da Comunicação Social frisou ainda que o parque gráfico existente em Lisboa é superior ao de Paris, pelo que «aqueles meios de que o Estado possa dispor serão redistribuidos pela província com vista a uma descentralização da Imprensa, e a reequipar naquilo que por possível, a Imprensa regional, que tem um largo papel e uma obra fecunda a desenvolver».

Seguiu para os Açores o ministro da República

Seguiu ao princípio da tarde para os Açores o general Galvão de Figueiredo, ministro da República daquela região autónoma.

Em Santa Maria o ministro da República será aguardado pelo general Altino Pinto de Magalhães, presidente da Junta Regional dos Açores, pelo dr. Álvaro Monjardino, presidente da Assembleia Regional e pelos comandantes militar e naval, respectivamente brigadeiro Sousa Meneses e comodoro Silva Cardoso, além de outras autoridades locais.

A viagem para S. Miguel, onde o ministro da República chegará às 16 horas é feita em avião militar. Às 17 e 30 realiza-se no Palácio da Conceição uma sessão pública.

Por sua vez Mário Soares acompanhará o Presidente da República, general Ramalho Eanes na sua viagem aos Açores, no próximo dia 4 de Setembro, para presidir à cerimónia de posse do governo regional que, segundo um matutino açoriano está praticamente formado tendo como presidente o «delfim» marcelista e ex-deputado da ANP Mota Amaral. Os restantes nomes indigitados são: João Vasco Botelho de Paiva (secretário adjunto da presidência), Raul Gomes dos Santos (secretário para a Economia e Finanças), António Gentil Lagarto (secretário para o Trabalho), eng. António Manuel Medeiros Ferreiro (secretário para o Comércio e Indústria), eng. João Bernardo Pacheco Rodrigues (secretário para o Equipamento Social), dr. Jorge Reis Leite (secretário para a Educação), dr. Rui Mesquita (secretário para Assuntos Sociais), dr. Melo Alves (secretário para Assuntos Políticos), eng. Germano Rodrigues (secretário para a Agricultura e Pescas) e José Pacheco de Almeida (secretário para Transportes, Comunicações e Turismo).

Enquanto prosseguem os trabalhos de beneficiação da Sociedade «Amor da Pátria» onde decorrerá a cerimónia da abertura da Assembleia Regional dos Açores, procede-se também à instalação do equipamento da TV-Açores e do Emissor Regional dos Açores que transmitirão em directo o acontecimento.

De acordo com uma notícia da ANOP, citando o referido jornal está também formado o gabinete do ministro da República, que será constituído pelas seguintes individualidades: major Valdemar Diniz Clemente, adjunto para a Comunicação Social; dr. Francisco Castro Torres, consultor económico; eng. Pedro Vitorino Frois Cardoso Pinto, adjunto para os assuntos de Agricultura e Pecuária; dr. Carlos César Lima da Silva Mota, secretário particular; dr. José Carlos Machado Dantas da Cunha, elemento de ligação do ministro da República e da presidência do Conselho de Ministros. Falta ainda nomear o consultor jurídico.

Cinco administradores para "A Tabaqueira"

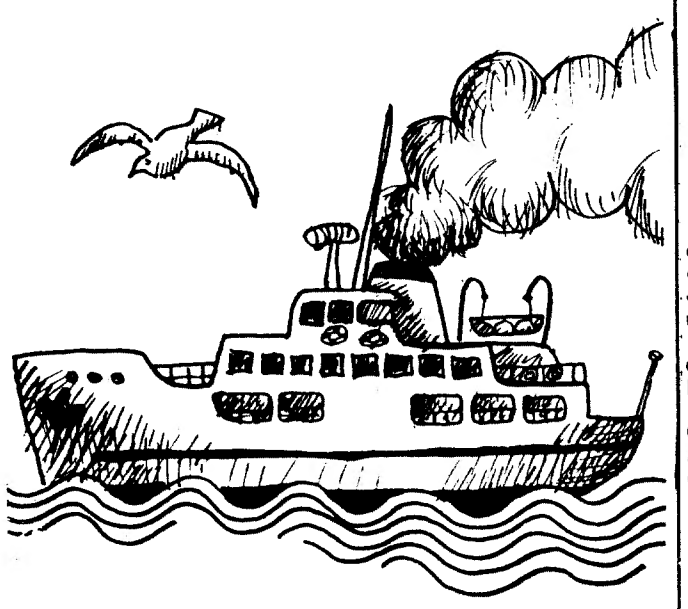
Por resolução do Conselho de Ministros, tomada no passado dia 19 e publicada hoje no «Diário da República», foram nomeados cinco administradores para integrarem o conselho de gerência da empresa «A Tabaqueira».

Os nomes: José Eduardo Cardoso Trigo de Morais, Armando Vasco da Silva Dias Guimarães, Joãode Melo Torres Campos e Manuel de Oliveira, e Silva Rebelo Hespanha.

Manobras militares

O Regimento de Artilharia da Serra do Pilar (R.A.S.P.) realizará, entre as 9 e as 17 horas de amanhã, exercícios de fogos reais na região da serra da Lousada.

Para o efeito, o Estado-Maior do Exército avisa as populações que as áreas de exercício estão compreendidas pelas povoações de Capela Canelas, Vilarinho de Canelas, Vilar, Carbuelo e Vila Meã.



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

RIBEIRO TELES, NO I.U.E.

O Engenheiro e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles vai leccionar, no próximo ano lectivo, como catedrático no Instituto Universitário de Évora, segundo consta de um despacho publicado ontem na folha oficial.

Ribeiro Teles integrou, como

Um festival novo numa Córsega sufocada como sempre

Continuação da pág. 3

aumentar o preço dos lugares caros e restringiu o número dos outros. Serão as regiões mais pobres que terão de sofrer eternamente os contratempos das crises?

Qual será a carta cultural da Córsega quando for assinada? Há anos que a casa de cultura da ilha está em projecto. Na direcção regional dos Assuntos Culturais, o sr. Monteil, empreende com simpatia um inventário das riquezas locais, mas não será demasiado tarde para ressuscitar uma cultura há muito sufocada e que, a despeito dos alertas dos autonomistas, perdeu toda a relação profunda com as verdadeiras preocupações dos ilhéus? Estes mais do que nunca estão em mais relação com os meios que com a qualidade de vida. Mais ninguém esconde que a estação turística é má, e mais que nunca as promessas continuam letra morta. Assim: fala-se cada vez menos da universidade a criar na Córsega; não se sabe o que ela será e há mesmo quem pergunte se muitos a desejam.

É difícil dizer em que medida a Córsega paga as suas violências de 1975. É forçoso reconhecer que em Aleria nada mudou: todos os problemas continuam vivos. No dia 9 de Agosto, precisamente quando se inaugurava o festival, centenas de manifestantes barraram durante sete horas a estrada de Calvi a Bastia. Claro que não se tratava de atacar o oásis musical, mas apenas de reclamar um hospital para a região de Balagne. A estrada de Calvi a Bastia é comprida, e má. Demasiados feridos e doentes não conseguem chegar ao fim. Contra tais males que pode fazer a graça mozartiana de Alziprato?

© «LE MONDE»

(1) «Pieds noirs» designação que se dá em França aos retornados da Argélia.

REABERTURA
DO
RESTAURANTE
7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE
1.ª Categoria
ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações
FERNANDO BARATA

COVA DA PIEDADE
Máquinas de Costura
BERNINA e de tricotar
TOYOTA
RUA CABO
DA BOA ESPERANÇA, 6-D
Cursos gráais, Corte,
Bordados e Tricot

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
XXI 5-D — Rua Infantaria 16 55-C —

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 72/76

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública conforme o preceituado no Decreto-Lei n.º 57/76, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de noventa dias a contar da data do presente edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
Ignorado	Rua Doutor Gama Barros	Ignorada
Ignorado	Rua Doutor Gama Barros	Ignorada
Ignorado	Parque Eduardo VII	Ignorada
Ignorado	Rua D. João de Castro	Ignorada
Ignorado	Rua Emília das Neves	Ignorada
Ignorado	Rua da Centieira	Ignorada
Ignorado	Rua da Centieira	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, 23 de Agosto de 1976.

O Presidente da Comissão Administrativa,
Lino José Góis Ferreira

COMUNICADO DO GABINETE DO PRIMEIRO-MINISTRO

Nada definido sobre utilização das Lajes para fornecimentos de armas a Israel

O gabinete do primeiro-ministro divulgou ontem um comunicado visando dar nova interpretação às declarações de Mário Soares à televisão iraniana, divulgadas para todo o mundo pela agência Telepress. Sob a forma de «esclarecimento» o comunicado de ontem visa primeiramente salvaguardar a posição de Mário Soares face aos Estados Unidos, nomeadamente no que se refere àquilo que a Telepress transmitiu como uma tomada de posição clara do actual primeiro-ministro face à possível utilização da base açoriana das Lajes no circuito aéreo de transporte de armamento para Isreal.

Segundo a Telepress Mário Soares teria afirmado à televisão iraniana que, «como é do conhecimento geral, os norte-americanos pretenderam utilizar as suas bases aéreas na República Federal Alemã para transportar equipamento militar para Israel, durante o último conflito israelo-árabe, tendo o Governo daquele país [illegible] tado essa proposta». Esta decisão do governo federal alemão — prosseguiu Mário Soares segundo a Telepress — constitui uma lição e uma posição política que temos de seguir e que está a ser cuidadosamente estudada».

Agora, segundo o comunicado do gabinete do primeiro-ministro, deve entender-se que os extractos da entrevista divulgados pela Imprensa portuguesa «não correspondem inteiramente ao teor das afirmações feitas». E acrescenta: «Como sempre o primeiro-ministro tem afirmado, na hipótese de se repetir o pedido de utilização da base dos Açores, o Governo decidirá segundo o interesse nacional português. O exemplo da posição adoptada no passado pela RFA merece evidentemente estudo, mas não pode dar azo a quaisquer especulações em relação a uma posição futura do Governo português»

AUTARQUIAS

Outra passagem da entrevista de Mário Soares merece ainda referência no comunicado do gabinete do primeiro-ministro. Trata-se das afirmações contidas nas passagens que mencionaram as eleições para as autarquias e a hipótese dos socialistas não manterem a percentagem de 38 por cento equivalente às eleições parlamentares, situação esta que, segundo afirma a Telepress, mereceria de Mário Soares a afirmação de que, nesse caso, «saberemos compreender que o povo português perdeu a sua confiança no Partido Socialista e nessas circunstâncias não poderemos continuar à frente do Governo».

Diz a este propósito o comunicado: «Em relação às eleições para as autarquias locais, o primeiro-ministro afirmou, na sequência de outras declarações anteriormente feitas, que tais eleições poderão não revestir carácter político geral mas sim apenas regional. Porém, se assim não acontecer, o Governo extrairá dos resultados eleitorais as consequências políticas que comportarem, sendo certo que não aceita nunca governar contra a vontade popular expressa».

Finalmente, quanto à unicidade sindical — outro ponto focado na entrevista à televisão iraniana e reproduzida parcialmente pela Telepress — o comunicado salienta que «a propósito da unicidade sindical, no futuro congresso organizado pelos sindicatos da linha da intersindical e pelos da «Carta Aberta», o primeiro-ministro insistiu na formação de uma central sindical única, democrática e independente, que respeite o direito de tendência e que não seja imposta nem pelo Estado, nem se transforme na correia de transmissão de qualquer partido político, mas terá que resultar da vontade livremente expressa pelos trabalhadores».

Ocupantes e despejados formam comissão no Porto

PORTO, 30 — «É justo haver gente sem casas e casas sem gente? Podemo-nos dar a este luxo de casas vazias provocando os pobres que vivem em barracas ou em portais, num país como o nosso?» perguntou um morador pobre do Porto, durante um plenário que reuniu centenas de ocupantes e vítimas de despejos.

A reunião decorreu na Escola de Belas-Artes, tendo sido discutidas formas de luta contra a crescente vaga de despejos e desocupações que, de uma forma gritante, tem atingido os moradores pobres desde o 25 de Novembro. Foram feitos apelos à mobilização de todos os moradores no sentido de impedir a consumação dos despejos e foi aprovada, por unanimidade, a constituição de um Comité de Ocupantes e Despejados» com representantes de todas as freguesias do Porto e zonas limítrofes. Esta comissão tem por objectivo, dinamizar a luta contra os despejos, intervindo junto das autoridades.

Convicto de que os moradores têm a razão enquanto «a Polícia tem as G[illegible]», um despejado manifestou-se disposto a lutar intransigentemente pelo direito à habitação consignado na Constituição e afirmou: «Há que eleger uma Câmara que sirva o povo e legalize as nossas casas».

Foram feitas críticas à forma como o Governador Civil do Porto tem actuado nos casos dos despejos, o qual, conforme foi afirmado, nada fez para impedi-los, limitando-se requisitar casas, depois da consumação dos despejos.

G.N.R. prevê trânsito intenso

A Brigada de Trânsito da GNR não terá mãos a medir hoje, para regular o trânsito nos acessos a Lisboa. Embora o aumento do trânsito se venha a verificar em todo o país, nomeadamente junto às grandes cidades, o certo é que Lisboa continua a ser o grande centro populacional português e que se prevêem atrasos superiores aos normais nos acessos à cidade.

O facto, por outro lado, do trânsito, apesar de intenso, não ter sido anormal em relação aos últimos fins-de-semana, leva a admitir que muita gente deixou o seu regresso para hoje e para amanhã.

VALENÇA: MOVIMENTO NA FRONTEIRA É UM PESADELO

VALENÇA, 31 — De Julho, até agora, passaram por esta fronteira cerca de um milhão de pessoas, na sua grande maioria turistas e emigrantes que vieram de férias a Portugal. Nos últimos três dias, porém, o trânsito parece ter duplicado, tal o número de automóveis que se integram na «bicha» que ocupa toda a estrada Monção/Valença. Durante este mês passaram diariamente pela fronteira cerca de 5000 automóveis, mas de há uns dias para cá esse número deve ter dobrado, tal a quantidade de viaturas de emigrantes que, terminado o seu período de férias, regressa ao trabalho. O agravamento das condições de trânsito e o excesso de trabalho tem preocupado as autoridades fronteiriças locais, que apesar de todos os esforços não conseguem imprimir à saída dos emigrantes a velocidade que seria para desejar.

VILAR FORMOSO: EM QUATRO DIAS SAIRAM 191 MIL PORTUGUESES

GUARDA, 31 — Pode classificar-se de «colossal» o trânsito na fronteira de Vilar Formoso. Foi essa aliás, a expressão usada por um funcionário dos serviços de fronteira para classificar o que se está a passar neste posto fronteiriço. O mesmo funcionário, disse que há duas «bichas» quase intermináveis de automóveis junto ao posto e que os funcionários se encontram esgotados tal o trabalho a que têm estado sujeitos.

Do dia 26 até ontem sairam por este posto fronteiriço 191.135 portugueses dos quais 44.125 nas últimas vinte e quatro horas. Nesse mesmo espaço de tempo [illegible] por Vilar Formoso 3[illegible] estrangeiros. Os números que nos chegam para se fazer uma ideia do movimento registado e do trabalho a que têm estado sujeitos os funcionários do posto.

NÃO-ALINHADOS

Jugoslávia propõe Banco Comum Central

DUBROVNIK (Jugoslávia), 31 — Um dos componentes da delegação jugoslava à Cimeira de Colombo, Berislav Sefer, defendeu numa entrevista concedida à «Tanjug» a necessidade da realização de uma reunião de representantes das finanças e dos Bancos Centrais dos Países Não-Alinhados, como forma de levar à prática o programa de acção adoptado na conferência.

«Os Países Não-Alinhados — disse Sefer — enfrentam actualmente grandes tarefas, no plano financeiro e monetário. Esta reunião serviria, nomeadamente, para considerar a possibilidade de formação de um sistema comum de pagamentos e de um Banco Comum Central».

Segundo Sefer, vice-presidente do Governo [illegible] ajudaria a criar um sistema de instrumentos financeiros e monetários que estimulariam a cooperação mútua dos não-alinhados, reforçando ao mesmo tempo o movimento face ao mundo desenvolvido, não no sentido de confrontação mas sim da cooperação.

Berislav Sefer declarou ainda que «o grande sucesso dos não-alinhados reside no facto de o movimento ter conseguido formular a crítica do Estado e das tendências nas relações económicas internacionais, elaborar uma estratégia global e oferecer ao Mundo uma reforma, não apenas no seu próprio interesse, mas também no dos países desenvolvidos».

Cristãos portugueses na R.D.A.

Chegou ontem a Berlim Leste uma delegação de personalidades católicas portuguesas, a convite do Comité R. D. A. — Portugal, organismo da Liga Democrática Alemã para a amizade entre os povos.

Segundo a ADN, «os visitantes informar-se-ão, em Berlim e no distrito de Dresde, sobre a contribuição activa dos cristãos do país para a construção da sociedade socialista desenvolvida na RDA».

S.T.A.P.E. prepara eleições para as autarquias locais

O Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais (STAPE) do Ministério da Administração Interna prepara as próximas eleições para as autarquias locais.

Elementos do S.T.A.P.E. encontram-se reunidos esta tarde com os chefes de secretaria das Câmaras Municipais de todos os distritos do continente e ilhas a fim de serem debatidas das questões técnicas e de recolher opiniões tendentes a melhorar o funcionamento do próprio sistema eleitoral.

Entretanto, aguarda-se que novas medidas legislativas, regulamentando as eleições para as autarquias sejam publicadas. Da parte de alguns partidos políticos vem sendo destacada a necessidade de tal regulamentação ser urgentemente tornada pública dada a dificuldade em se prepararem para as próximas eleições sem o seu conhecimento. Salienta-se ainda que [illegible] publicação ao [illegible] Governo e sendo este formado pelo Partido Socialista, [illegible] também concorre ao próximo acto eleitoral, existe o perigo de se avolumarem especulações quanto aos benefícios [illegible] Partido governamental [illegible] poderá tirar.

O prof. Cruz e Silva em Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 31 — Encontra-se nesta cidade, o secretário de Estado do Ensino Superior, prof. dr. Joaquim Alberto da Cruz e Silva que ali contacta com os corpos directivos do Instituto Universitário dos Açores, bem como com o dr. João Bosco da Mota Amaral, indigitado presidente do Governo Regional e com os responsáveis pela pasta da educação, agricultura e Pescas do Governo autónomo do arquipélago, açoriano. Visita também as instalações do antigo hospital da Força Aérea, na Terra Chã, ilha Terceira, onde serão instalados departamentos da Universidade dos Açores.

O seu regresso a Lisboa está previsto para depois de amanhã.

ORGANIZAÇÃO DO C.I.D.A.C.

Professores portugueses em Cabo Verde e Guiné-Bissau

Dezoito professores portugueses, enquadrados pelo CIDAC (centro de Informação e Documentação Anti-Colonial) encontram-se já em Cabo Verde e na Guiné-Bissau para orientarem cursos de reciclagem de professores primários durante o mês de Setembro.

Os primeiros nove seguiram na semana passada para Bissau, onde o curso de reciclagem deverá abranger meia centena de professores primários guineenses. Este curso, para uma duração de cerca de um mês, divide-se em duas partes: a primeira na capital da jovem República e a segunda em Có, no antigo quartel dos «comandos», onde hoje se encontra instalada uma escola de antigos professores-guerrilheiros.

Esta madrugada seguiram para Cabo Verde os restantes nove que vão dirigir um curso na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente. Este curso será frequentado, em duas fases distintas pelos professores da Escola do Magistério Primário e pelos próprios professores primários.

Entre os professores portugueses que o CIDAC mobilizou para esta cooperação militante com os jovens países da África Ocidental contam-se diversos especialistas em novos métodos pedagógicos.

Freitas do Amaral na Áustria

O presidente do C. D. S., prof. Freitas do Amaral, partiu hoje para a Áustria, onde vai proferir duas conferências e participar num colóquio político.

No colóquio a realizar no Tirol, e dedicado ao tema: «a liberdade entre a ditadura e a anarquia», o ex-assistente de Caetano falará sobre a liberdade e anarquia». Depois do Tirol, Freitas do Amaral irá a Viena, onde dará conferência de Imprensa, será recebido pelo cardeal König e fará uma palestra sobre «a actual situação política portuguesa». Finalmente participará noutro colóquio, em Viana, acerca das «perspectivas futuras da política portuguesa».

Reacção activa na Guérin

Acentua-se a escalada reaccionária na empresa Guérin, onde abundam as ameaças anónimas de assassinatos e colocação de bombas, além de incursões de «caceteiros profissionais» que ameaçam trabalhadores progressistas da empresa com a morte por espancamento.

Em face destas ocorrências, a Comissão de Trabalhadores e Delegados Sindicais da Guérin, que as denuncia em comunicado, responsabiliza o Governo pelas posições que os trabalhadores possam vir a assumir em sua própria defesa.

Em ARMAÇÃO DE PERA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

CONHEÇA A RÚSSIA
8 DIAS EM PENSÃO COMPLETA
17.970$00
SAÍDA A 19 DE SETEMBRO
★
LISBOA, COPENHAGA, LENINEGRADO, MOSCOVO, COPENHAGA, LISBOA
Meliá
Rua Rosa Araújo, 2 Tel. 536971-LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 269 r/c Tel. 310034 - PORTO

Nacional

NA COSTA DA CAPARICA

Apenas uma farmácia para 30 mil pessoas

MANUEL GERALDO (texto) RUI PACHECO (fotos)

— Era de madrugada, o meu marido teve uma crise cardíaca, precisava com urgência de «coramina». Valeu-me na emergência um vizinho campista que de carro foi à Costa e trouxe o medicamento. De contrário o meu marido talvez tivesse morrido. As palavras pertencem a uma senhora residente na Fonte da Telha, perímetro balnear situado a dez quilómetros da Costa da Caparica, a cuja Junta de Freguesia pertence.

Mas episódios semelhantes escutámo-los a habitantes das zonas residenciais de Santo António e S. João, igualmente integrados naquela autarquia. E na origem do problema a existência de uma única farmácia numa localidade que, abrangendo uma área imensa, chega a albergar na época estival cerca de setenta mil habitantes.

OCUPAR POR MEDO DAS OCUPAÇÕES

Em 1970, a freguesia da Costa da Caparica tinha uma população fixa de 2550 pessoas. O último recenseamento efectuado este ano aponta já para trinta mil. Mas, apesar desta importante erupção habitacional, a velha Farmácia Higiénica, fundada na década de trinta, continua a monopolizar a venda de medicamentos. Fazendo letra morta ao texto da portaria 413/73, que fixa em sete mil o máximo de pessoas a que um estabelecimento farmacêutico pode dar assistência. E em 300 metros quadrados, a área em que deverá desenolver a sua actividade.

Segundo conseguimos apurar, antes do 25 de Abril todas as tentativas feitas para abrir novas farmácias, na Costa da Caparica, esbararram com a burocracia camarária e da Direcção-Geral de Saúde.

— O que na altura não admirava, pois com a Farmácia Higiénica alugada a um dos mais influentes potentados do ramo, a Sociedade Industrial Farmacêutica, proprietária ou alugadora de quarenta estabelecimentos do género no País, a hierarquia que então dominava a Câmara de Almada e a Direcção-Geral de Saúde, tudo fez para travar a entrada de competidores no negócio, deitando para trás das costas os interesses da população. Mas já espanta que a situação se mantenha e os entraves continuem neste momento, afirmou à nossa reportagem um elemento do Sindicato de Ajudantes de Farmácia, que referiu ainda ser esta situação frequente em muitas outras localidades.

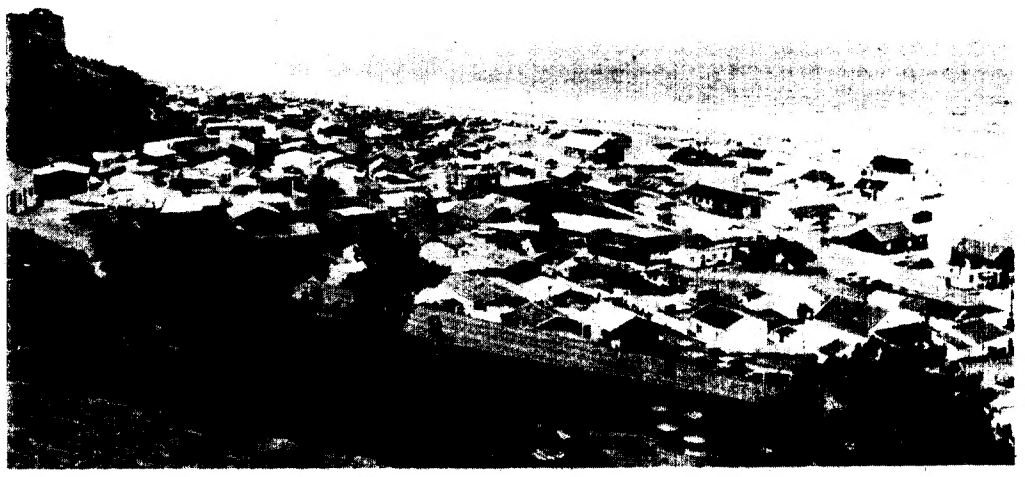
A Costa da Caparica, à excepção da sua zona central, foi uma povoação que cresceu um pouco ao acaso. Vivenda aqui, prédio ali. De pinhal em pinhal, de duna em duna. E com as ocupações revolucionárias de casas, sobretudo a partir do 11 de Março, muitas pessoas que residiam em Lisboa e tinham ali uma casa de campo para utilizarem na época balnear e nos fins-de-semana acabaram por optar em tempo inteiro por esta última.

Também senhorios que tinham vivendas ou andares que só alugavam durante os três ou quatro meses de Verão, a preços quase sempre especulativos, acabaram por alugá-los por todo o ano.

Aconteceu depois a fixação maciça de retornados das ex-colónias, alguns dos quais construiram casas, sobretudo na Fonte da Telha. E aí a justificação do «salto» dos 2550 habitantes em 1970 para os 30 mil em 1976.

E ninguém de bom senso poderá imaginar tanta gente servida apenas por uma única farmácia. Que de «mina de prata» que já era se transformou num autêntico «filão de diamantes», de acordo com a expressão de um morador na zona.

Um espectáculo de todos os dias e a quase todas as horas: uma pequena multidão enche a Farmácia Higiénica e chega até à rua. E com calor ou sob chuva torrencial ninguém arreda pé, pois é que está em causa é a aquisição de medicamentos, em que muitas vezes a vida de seres humanos se encontra em jogo.



Fonte da Telha, estância balnear integrada por via administrativa na freguesia da Costa da Caparica, e cuja população fixa é já considerável, sofre também os efeitos negativos da existência de uma única farmácia na zona.

Sacrificando aos interesses de um único indivíduo (ao caso o proprietário da Farmácia Hgiénica), os direitos de milhares de pessoas. Situação a que urge pôr termo. Com o rápido deferimento pela Câmara de Almada e pela Direcção-Geral de Saúde dos pedidos já endereçados para a abertura pelo menos de mais duas farmácias, nas zonas de Santo António e da Fonte da Telha.

Sem falsos paternalismos nem burocracias injustificáveis.

MÉDICOS E «PASSES»

Mas nem só o problema da farmácia preocupa a gente da Costa da Caparica.

— A maior parte de nós, à excepção dos pescadores e dos trabalhadores ligados ao comércio local, desenvolvem a sua actividade em Lisboa. Era justo que, na travessia da Ponte 25 de Abril, para os que utilizam carros próprios, e nas camionetas da Rodoviária Nacional, que se deslocam a Alcântara, Cacilhas ou Praça de Espanha, existissem «passes» semanais, mensais, semestrais ou anuais, com a prática de preços mais acessíveis, apontou-nos o mecânico Manuel Lopes, a trabalhar numa oficina em Moscavide.

Reivindicação mais do que justa. Já que a maioria dos habitantes da Costa da Caparica deixou de ser, nos últimos anos, constituída apenas por desocupados veraneantes em gozo de férias mais ou menos permanentes.

São homens e mulheres que trabalham. E que à semelhança do que acontece, por exemplo, com os utentes das linhas ferroviárias de Sintra e do Estoril, deveriam ter acesso a um «passe» especial, nos transportes que diariamente utilizam. Aqui deixamos o registo a quem de direito.

Ao mesmo tempo que aproveitamos esta abordagem aos problemas da Costa para referirmos que, naquele imenso linguado de areal densamente povoado, apenas exercem a sua actividade dois médicos. Um dos quais, como é voz corrente na zona, a partir das 20 horas de cada dia desligará o telefone passando a não estar para ninguém.

Com uma população fixa de 2550 pessoas em 1970, a Costa da Caparica tem neste momento cerca de 30 mil habitantes. E na época estival chega a albergar para cima de 40 mil veraneantes

MANUEL GONÇALVES VIDAL

Sua família participa o seu falecimento e que o seu funeral se realizou no passado dia 16.

Em ALJUSTREL o DIÁRIO DE LISBOA é vende-se no CAFE ALIANÇA

PUB

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE

CONCLUSÕES DO ENCONTRO de Sindicatos subscritores e aderentes aos princípios da Carta Aberta para a realização do Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade, realizado em Coimbra nos dias 23 e 24 de Agosto.

1 — Repudiar veementemente as informações dilatórias, falsas e tendenciosas publicadas por alguns órgãos de informação a propósito do encontro realizado e seus objectivos.

2 — Desafiar todos os órgãos de informação a promoverem debates e informarem assim com verdade, como é sua obrigação, todas as questões que se prendem com a preparação do VERDADEIRO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE visando a criação da VERDADEIRA CENTRAL SINDICAL ÚNICA DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE.

3 — Conscientes de que a divisão existente no seio do movimento sindical enfraquece o poder dos trabalhadores e pode pôr em causa as suas conquistas e os seus direitos inalienáveis, foi reafirmado mais uma vez o empenhamento dos Sindicatos presentes na luta pelo CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE pois só através dele se poderá pôr fim à divisão existente; provocada pelo secretariado tendencioso, anti-democrático e dependente, da Inter.

4 — Não dar cobertura às manobras do secretariado golpista da Inter que lança mão de todos os meios para boicotar a realização do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE mostrando claramente que o seu objectivo visa a realização do seu II Congresso — o que a verificar-se cavará ainda mais funda a divisão existente e abrirá o caminho à cisão.
Por isso os Sindicatos democráticos aderentes aos princípios da Carta Aberta e presentes no encontro não participarão nas reuniões distritais convocadas pela Inter nem noutras que vier a convocar para esse efeito, enquanto as questões fundamentais da preparação do CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE não forem debatidas através dos órgãos de informação, em especial através de Mesa Redonda na R. T. P., para que todos os trabalhadores portugueses delas tenham conhecimento.

COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

PUB

INTERSINDICAL NACIONAL

CONGRESSO DOS SINDICATOS

A posição da Intersindical Nacional para reforço da unidade

As forças reaccionárias têm tentado fazer crer que a unidade do Movimento Sindical Português está em perigo.

Importa, em primeiro lugar, dar resposta a esta questão: quem está interessado em romper a unidade, que é a maior arma dos trabalhadores contra a exploração, contra a recuperação capitalista, pela defesa das conquistas alcançadas? São as forças do capital com o auxílio daqueles que, sem se darem disso conta, lhes facilitam os propósitos.

Os inimigos dos trabalhadores, dos explorados, como são os grandes meios de comunicação de massas (Imprensa, Rádio, TV), que directa ou indirectamente controlam, e que nos últimos tempos têm vindo a intensificar uma campanha de calúnias e falsidades sobre a Intersindical Nacional, Central Única dos Trabalhadores Portugueses.

A esta campanha de grosseiras mentiras, é urgente responder com a verdade dos factos pois, quando se ataca pela calúnia a Central Sindical Única, os atingidos são todos os trabalhadores portugueses, qualquer que seja a sua opção ideológica. E a defesa intransigente dos interesses dos explorados, que sempre tem norteado a nossa actuação exige que os trabalhadores sejam esclarecidos, que a verdade seja conhecida.

A «LINHA DA INTERSINDICAL» — A INTRANSIGENTE DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES

Muito se fala em «linha da Intersindical». É verdade que a Intersindical Nacional tem uma linha de actuação: é a que se define pelo apoio a tudo quanto defenda os interesses dos trabalhadores e que se opõe a tudo quanto os prejudique. Por exemplo, a Intersindical defende a **unicidade sindical**, isto é, a unidade do Movimento Sindical expressa na lei, porque os trabalhadores sabem muito bem que, se o pluralismo fosse autorizado, seria logo possível aos patrões criar «democraticamente» os «Sindicatos» fantoches para lhes fazerem o jogo, debilitando assim a força dos trabalhadores. E, para fabricar «sindicatos», certamente, não faltariam aos patrões o dinheiro que agora tantas vezes parece faltar-lhes para pagar os salários.

Em conclusão: se a linha da Intersindical é contestada por alguém e se esse alguém é trabalhador, tem todo o direito de exercer a crítica no seio dos trabalhadores e dentro do Movimento Sindical. A crítica é elemento fundamental da democracia e a democracia é um dos princípios básicos por que se orienta a Intersindical. **Dizemos no seio dos trabalhadores e dentro do Movimento Sindical para preservar,** independência do Movimento face ao patronato, aos partidos, **ao Estado.**

AS «MAIORIAS» E AS «MINORIAS»

Eis uma realidade que ninguém, de boa fé, pode negar: a grande maioria dos Sindicatos Portugueses, representando a maior parte dos trabalhadores, está filiada na Intersindical Nacional. Os factos demonstram que estão filiados na Central Única 190 Sindicatos, (dos 342 existentes no País) representando cerca de 80 por cento dos trabalhadores sindicalizados.

Quanto aos que contestam a Intersindical, diremos que na última reunião em Coimbra, nos dias 23 e 24 de Agosto, estiveram presentes 35 Sindicatos, representando 351.097 trabalhadores. Desses 35 Sindicatos, 18 estão filiados na Intersindical e, nesses 18, incluem-se os que representam maior número de trabalhadores.

Esta é a realidade do Movimento Sindical em termos de «maiorias» e «Minorias».

QUEM PRATICA A DEMOCRACIA?

Os Sindicatos que contestam a Intersindical também se autodenominam de democráticos. Mas sendo eles uma minoria no Movimento Sindical, rapidamente se esquecem de aplicar os seus tão apregoados princípios básicos.

De facto, as direcções de alguns desses Sindicatos não têm cumprido as resoluções das suas Assembleias Gerais e têm violado os seus próprios Estatutos. Por exemplo, quando estas decidem a adesão ou o pagamento das quotizações em dívida à Intersindical Nacional.

Quantos desses Sindicatos convocaram Assembleias Gerais para ouvirem os trabalhadores sobre os decreto-lei da Contratação Colectiva, de Controlo Operário, 530/76 e outra legislação que directamente diz respeito aos trabalhadores?

Agindo assim, tais direcções não praticam a democracia.

SÃO LEGÍTIMAS AS EXIGÊNCIAS DOS SINDICATOS DA «CARTA ABERTA» À INTERSINDICAL?

Quais são as questões em que os Sindicatos da «Carta Aberta» divergem da Intersindical?

1. **Estrutura sindical existente.** Os Sindicatos da «Carta Aberta» pretendem não reconhecer a estrutura da Intersindical existente de facto e de direito.
   Contestam a existência da Intersindical como Central Sindical Única dos trabalhadores portugueses não obstante, como já foi referido, 18 dos 35 Sindicatos que a contestam estarem filiados por vontade expressa dos trabalhadores.
   Para a Intersindical o Congresso tem como fim a sua própria **reestruturação** (total ou parcial) e nesse sentido propôs aos Sindicatos da «Carta Aberta» uma Ordem de Trabalhos para o Congresso que permita **a todos os Sindicatos filiados ou não na Intersindical discutir e votar em pé de igualdade** essa reestruturação.
   Para os Sindicatos da «Carta Aberta» o Congresso é para **construir a Central Sindical Única.**
   Isto significa que não existe Central Sindical Única.
   Haverá outra Central Sindical além da Intersindical?
   Os próprios Sindicatos subscritores da «Carta Aberta» dizem que não.
   Os trabalhadores não podem esquecer que o Ministério do Trabalho pediu a extinção judicial da Intersindical.
   A contestação da existência da Central Sindical Única, feita pelos Sindicatos da «Carta Aberta» dá argumentos aos adeptos do «pluralismo» para criarem outras centrais sindicais, e coincide com a referida acção do Ministério do Trabalho na medida em que permite ao Governo negar a representatividade da Intersindical, e criar campo de manobra para aplicar a política que entender.
   Quererão os trabalhadores correr o risco de aguardarem até à realização do Congresso para terem a sua organização representativa, enquanto os patrões têm já a CIP e a CAP?
   Temos a certeza que não.
   O facto de a Intersindical ter proposto aos Sindicatos da «Carta Aberta» para ordem de trabalho do Congresso a discussão e votação da Lei Sindical, a Revisão dos Estatutos, o Programa de Acção e a eleição do novo Secretariado, é a prova mais clara que o Congresso da Intersindical, com a participação de todos os Sindicatos portugueses, permite que todos os temas e problemas que os Sindicatos da «Carta Aberta» têm vindo a reclamar sejam debatidos, nomeadamente, a unicidade sindical, o direito de tendência a composição dos órgãos directivos da Central Sindical, e por outro lado não dar campo de manobra aos inimigos dos trabalhadores negando as estruturas sindicais existentes.
2. **Devem participar no Congresso os Sindicatos paralelos?**
   A Comissão de Redacção da «Carta Aberta» diz que o Congresso deve ter a participação de todos os Sindicatos paralelos. A Intersindical afirma, como sempre o tem feito, que no próximo Congresso deverão participar todos os Sindicatos sejam ou não filiados, pondo no entanto reservas quanto à participação dos Sindicatos paralelos. Pretendendo representar trabalhadores já representados por Sindicatos existentes, foram criados alguns Sindicatos, num desafio às leis do País: os Sindicatos paralelos. Correm neste momento acções judiciais exigindo a sua extinção, postos pelos sindicatos legítimos. Na base de alguns dos Sindicatos paralelos estiveram o patronato ou organizações estranhas aos trabalhadores.
   Pensa a Intersindical que a participação destes Sindicatos no Congresso seria reconhecer o pluralismo sindical dentro do próprio Movimento Unitário, que deve ser democrático e independente. Pensa também a Intersindical que a forma de ultrapassar esta situação será a de remeter para a Comissão Organizadora do Congresso o estudo desse problema com os próprios Sindicatos em litígio, caso a caso, decidindo-se então da sua participação ou não no Congresso.
3. **A Comissão Organizadora do Congresso deverá ser constituída paritàriamente?**
   A Comissão de Redacção da «Carta Aberta» pretende que a Comissão Organizadora do Congresso seja constituída por dois blocos paritários: de um lado, os Sindicatos que contestam a Intersindical e do outro os Sindicatos da Intersindical. A igualdade numérica exigida por um grupo minoritário que a si mesmo, se intitula de democrático despreza as regras mais elementares da democracia, ou seja, o respeito pelas expressões maioritárias.
   A Intersindical reafirma que a Comissão Organizadora deve ser constituída em espírito de unidade contemplando os Sindicatos filiados e não filiados.
   A Intersindical preconiza, para a solução desta divergência, que deverá ser a reunião geral de todos os Sindicatos, filiados ou não, a decidir dos critérios da formação da Comissão Organizadora do Congresso. Esta a forma mais democrática de resolução da divergência. A Intersindical declara que se submeterá à decisão dessa reunião geral de todos os Sindicatos, seja ela qual for.
4. **Os órgãos de informação deverão estar presentes nas sessões de trabalho preparatórias do Congresso?**
   Os Sindicatos que constituem o grupo minoritário que contesta a Intersindical preconiza que nas reuniões de trabalho estejam presentes os órgãos de informação.
   Curiosa exigência esta no momento em que, como toda a gente sabe, a direita reaccionária inunda os meios de comunicação de calúnias e falsidades a ponto de causar sérias (e várias vezes afirmadas) preocupações ao Conselho da Revolução e ao Governo.
   Facto aliás reconhecido pelos próprios Sindicatos subscritores da «Carta Aberta» quando após a sua última reunião de Coimbra se viram na necessidade de repudiarem «os artigos torpes com que se procura confundir e cavar divisões entre os trabalhadores» (sic).
   Como se explica então que a Comissão de Redacção da «Carta Aberta» faça finca-pé nesta questão, não aceitando a alternativa que propomos e que será a formação de uma Comissão de Imprensa, pela Comissão Organizadora, que, através de comunicados e conferências de Imprensa, mantenha a opinião pública informada sobre o andamento das reuniões de trabalho.
   Pensa a Intersindical que nas reuniões de análise e discussão de toda a matéria para a preparação do Congresso não deverão estar presentes os órgãos de informação, pois todos sabemos a acção divisionista que a grande maioria tem procurado exercer no Movimento Sindical, a qual só tem favorecido e favorecerá os inimigos dos trabalhadores.
   De contrário não será salvaguardada a independência do Movimento Sindical face aos partidos políticos e ao próprio patronato.
   Preconiza a Intersindical que a resolução desta divergência deverá caber democraticamente à reunião geral de todos os Sindicatos.

AS REUNIÕES DE COIMBRA SERÃO CONVERGENTES PARA A UNIDADE?

Para a formulação de todas estas contestações e exigências, esse grupo de Sindicatos tem-se reunido em Coimbra em encontros que entendem ser «reuniões convergentes para a unidade», procurada, dizem, através da discussão dos diferentes problemas.

Também a Intersindical é da opinião de que é necessário discutir os problemas em reuniões convergentes, com verdade e franqueza. Mas já não entende que a unidade possa ser encontrada por meio da reunião APENAS DE ALGUNS e, por coincidência, apenas dos que contestam a Intersindical. A Intersindical Nacional, precisamente porque é a Central Sindical que se honra de defender todos os trabalhadores portugueses, preconiza encontros para a discussão dos problemas, mas com a **participação de todos os Sindicatos portugueses, quer estejam ou não filiados na Intersindical, quer partilhem ou não os seus pontos de vista.** E, nesta óptica, tem a Intersindical realizado encontros abertos em todos os distritos (29 e 30 de Junho e 26 e 27 de Julho) e a nível nacional (29 de Julho), estes últimos convocados em conjunto com a Comissão de Redacção da «Carta Aberta» e com a participação de todos os Sindicatos filiados ou não.

O que é mais unitário?

É fazer reuniões parcelares de grupos de Sindicatos ou fazer reuniões em conjunto, onde se discutem aberta e honestamente as divergências?

Entende a Intersindical que a forma para se avançar no reforço da unidade de todo o Movimento Sindical será, também aqui, o acatamento das soberanas decisões democraticamente tomadas nas Reuniões Gerais de todos os Sindicatos.

UNICIDADE

A Unicidade é, repete-se, a unidade sindical expressa na lei.

Sobre esta questão a Intersindical é de opinião que discuti-la de novo é não só possível, mas necessário, como forma de se ultrapassarem as divergências existentes.

Também aqui a Intersindical cumprirá, como sempre, a vontade dos trabalhadores, expressa, através dos seus legítimos representantes, democraticamente.

A INTERSINDICAL E A «DESINFORMAÇÃO»

Sendo assim tão límpidas as razões da Intersindical, porque se recusou ela a um debate público na TV?

Ainda desta vez, fê-lo por uma questão de princípio. A Intersindical Nacional pensa que as divergências entre os trabalhadores portugueses devem ser discutidas, sim, mas entre os trabalhadores dentro das suas estruturas organizativas: Plenários de Empresa, Assembleias Gerais dos Sindicatos, Plenários Sindicais.

Este tem sido o princípio utilizado e decidido pelo Plenário da Intersindical.

O Secretariado da Intersindical, embora pense que o debate público destas questões pelo tom polémico que poderia assumir não serviria o esclarecimento dos assuntos em debate, não considera esta uma questão fulcral e participará num debate público se tal for a opinião do Plenário dos Sindicatos.

DEFENDAMOS A UNIDADE A TODO O CUSTO

Apesar das perespectivas difíceis para o futuro imediato, a Intersindical Nacional continua firmemente decidida a lutar pela unidade e, pela sua parte, fará, para isso, todos os esforços, sem qualquer excepção que não seja a de que nunca trairá os trabalhadores portugueses. Para a Intersindical Nacional não contam, neste aspecto, diferenças partidárias ou eventuais rancores: só contam os interesses dos trabalhadores. E é justamente para a defesa eficaz desses interesses que está disposta a ir até ao fim na preservação da unidade, não dando nunca qualquer passo de que possa resultar o que seria a grande traição histórica aos trabalhadores portugueses: a cisão do Movimento Sindical.

Para a defesa dessa unidade, a Intersindical, na continuação das amplas reuniões anteriores, nos diversos distritos, tem programada a deslocação do Secretariado da Intersindical e da Comissão de Redacção da «Carta Aberta» a todos os distritos do País nos próximos dias 30, 31, 1 e 2, a fim de confrontarem os seus pontos de vista com as direcções de todos os Sindicatos filiados ou não.

Estas realizações culminarão com uma reunião geral de todos os Sindicatos, no dia 4 de Setembro, a nível nacional. Todas estas iniciativas de discussão democrática são feitas sobre proposta da Intersindical.

Acontece que a Comissão de Redacção da «Carta Aberta» vem agora escusar-se a esses debates amplos no seio dos trabalhadores, com que anteriormente tinham acordado e em cuja primeira fase participou, pretendendo substituí-los por um debate nos órgãos de comunicação social.

NINGUÉM PODERÁ IMPEDIR A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO DOS SINDICATOS

A Comissão Organizadora, que deverá ser eleita em reunião geral de Sindicatos, competirá elaborar os documentos (Projecto de Estatutos da Intersindical, Lei Sindical, Programa de Acção) que serão levados ao conhecimento de todos os trabalhadores portugueses para discussão nas fábricas, nos escritórios, nas oficinas, nos campos, nos locais de trabalho em geral, nos Sindicatos possibilitando um exame que a Intersindical deseja e exige que **seja de facto amplamente democrático.** Assim pretende a Intersindical caminhar na defesa da unidade, aceitando a companhia e a participação de quem quer que tenha os mesmo objectivos e tudo fazendo para obter tal participação. Pois a unidade, antiga herança do Movimento Sindical Português, preservada mesmo durante o fascismo, é para defender. Que reflitam nisso os que, agora, parecem dispostos a desencadear a cisão que o fascismo não conseguiu.

Lisboa, 26/8/76

O SECRETARIADO DA INTERSINDICAL NACIONAL

Trabalho

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Desarmar os trabalhadores é um risco que não podemos correr

— esclarece o secretariado da Intersindical

O Movimento Sindical corre o risco de se encontrar decapitado face aos órgãos do Poder e às organizações do patronato, ficando impossibilitado de dar resposta conjunta a qualquer ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, consagrados na Constituição — advérte o Secretariado da Intersindical, Central Sindical Única, reconhecida legalmente em 1975.

A questão levanta-se no momento em que decorrem reuniões sindicais a nível distrital, preparatórias de um Congresso que o Secretariado da «Inter» não vê que possa ser outra coisa que não seja o II Congresso, mas que dez por cento dos sindicatos portugueses pretendem seja o «Congresso de todos os sindicatos para a unidade», primeiro dos primeiros. Estes, agrupados em torno de uma «Carta Aberta» de contestação à Central Sindical (constituída clandestinamente sob o fascismo), insistem em marcar divergências cuja solução o actual Secretariado da «Inter» remete, basicamente, para as reuniões gerais de todos os sindicatos sem excepção. A polémica aprofunda-se, enquanto o perigo de um aproveitamento por forças estranhas aos trabalhadores aumenta.

O que têm os dirigentes da Central Sindical a dizer?

Para o Secretariado da Intersindical há duas questões fundamentais em jogo — revelou-nos um dos seus elementos, José Luís Judas.

Trata-se de saber, antes de mais, se o Congresso será ou não um meio para reestruturar a Central Sindical já existente. E isto porque, «como se sabe, os sindicatos da «Carta Aberta» consideram que a Central Sindical não existe, não obstante os mais significativos de entre eles estarem filiados na «Inter», como é o caso do Sindicato dos Bancários do Sul, que foi um dos seus fundadores».

Ora — acrescenta o porta-voz do Secretariado —, «parece-nos um grande risco estar a embarcar numa atitude que pode pôr em causa a própria existência da Central Sindical. Seria extremamente perigoso para os trabalhadores, num período que se vai caracterizar por grandes dificuldades e grandes lutas de classes em Portugal, o movimento operário ver-se privado de um organismo que, ainda que existindo de facto, pudesse vir a ser contestado pelos órgãos do poder».

O não reconhecimento da Central Sindical já existente é, para o Secretariado da «Inter», convergente com a atitude do inistério do Trabalho ao pedir a ilegalização da Intersindical.

A concretizar-se este objectivo, os trabalhadores ficariam sem representação, «o que possibilitaria ao Governo e ao patronato utilizar a seu bel-prazer as próprias contradições ainda existentes entre os trabalhadores. É um risco que nós não corremos» — afirma José Luís Judas.

Acresce que a própria data do Congresso «é problemática», podendo levantar dificuldades no seio da Comissão Organizadora e criando assim um novo impasse — isto supondo que se tivesse chegado a acordo quanto à composição dessa comissão. Resultado: «continuaríamos a estar, mais tempo do que seria desejável, sem uma organização sindical dos trabalhadores, sem uma Central Sindical».

Simultaneamente, a recusa da existência da Central Sindical Única «tem o aplauso daqueles que defendem o pluralismo, porquanto assim também sentem que têm aliados para defenderem as suas teses e tentarem inclusive, qualquer manobra no sentido de formarem uma nova Central Sindical».

DEMOCRACIA

A segunda questão de fundo está ligada ao reconhecimento, ou não, de democracia no Movimento Sindical — declara José Luís Judas. «Os sindicatos da «Carta Aberta» exigem paridade na composição da Comissão Organizadora do Congresso. Pensamos que isso não é realista e que nada tem a ver com democracia. Há 342 sindicatos em Portugal — 35 representam pouco mais que dez por cento. Como é que estes 35 sindicatos podem arrogar-se o direito de ter os mesmos lugares que os outros noventa por cento? Mesmo que dentre estes considerássemos que há vinte, ou mesmo quarenta por cento, não filiados na Intersindical, a sua representatividade não é suficiente para exigir uma paridade».

Também aqui o Secretariado da «Inter» devolve ao conjunto dos sindicatos — filiados ou não — a legitimidade para decidir. O Secretariado, no que lhe diz respeito, compromete-se — e já o afirmou no documento que transcrevemos na nossa edição de sexta-feira — a aceitar o que for deliberado. «O que não podemos aceitar é que, a partir de uma posição de força, se crie uma situação que não corresponde de maneira nenhuma à realidade do Movimento Sindical».

Há, naturalmente, outras questões, de natureza secundária. É o caso da presença dos órgãos de Informação nos trabalhos preparatórios do Congresso, exigida pelos sindicatos da «Carta Aberta». «Já manifestámos a esses sindicatos as nossas preocupações a esse respeito. Eles próprios, na última reunião em Coimbra, tiveram oportunidade de repudiarem algumas manifestações da Imprensa reaccionária, que pretende iludir os trabalhadores. Nós pensamos que seria mais realista, mais correcto, formar uma subcomissão para a Imprensa dentro da Comissão Organizadora. Também esta questão deve ser resolvida com todos os sindicatos. Mas este não é um problema de fundo; não é por aqui que o Congresso deixará de se realizar» — palavras, ainda, de José Luís Judas.

Por outro lado, ainda não se obteve acordo quanto à participação dos sindicatos **paralelos** — sindicatos constituídos em sectores de actividade que já eram **cobertos** por outros sindicatos. Como ficou demonstrado na última reunião geral de sindicatos, não é apenas o Secretariado da «Inter» quem rejeita a participação desses sindicatos. Neste domínio, «deve ser a Comissão Organizadora do Congresso, depois de consultar os sindicatos em litígio, caso a caso, a decidir pela sua participação ou não participação».

Com efeito — diz-nos o porta-voz do Secretariado da «Inter» — «verificou-se que, independentemente da sua filiação ou não na «Inter», há sindicatos que, à partida, nos não parece correcto aceitar de uma forma perfeitamente aberta». E exemplifica-nos com o caso do Sindicato do Serviço Doméstico — um dos casos onde os trabalhadores se poderiam sentir atraiçoados pela «Inter», onde está filiado.

«De qualquer forma, não consideramos esta uma questão de fundo, antes deve ser resolvida no âmbito da Comissão Organizadora. Atrasar a entrada em funcionamento dessa comissão por uma questão destas — como pela questão da Informação — parece-nos um protelamento do início dos trabalhos do Congresso» — acrescenta.

Verdadeiramente importantes são, pois, as duas questões de fundo referidas, que o Secretariado espera ver resolvidas antes da Comissão Organizadora entrar em funcionamento.

PLURALISMO?

O Secretariado da «Inter» desde início manifestou a ideia de que as reuniões de Coimbra, em torno da «Carta Aberta», «só serviam para cristalizar posições». Apesar das contradições detectáveis entre esses sindicatos, um fim lhes é comum: «o seu ataque sistemático ao Secretariado da «Inter» — afirma-nos José Luís Judas.

«Antes de se realizar a primeira reunião, manifestámos à Comissão de Redacção da «Carta Aberta» a nossa discordância sobre isso. Propusémos, já nessa altura, que essas reuniões fossem substituídas por reuniões gerais onde participassem todos os sindicatos, filiados ou não na Intersindical. Através desses contactos, que, evidentemente, seria mais dificultoso nas primeiras vezes, se iria criando o ambiente necessário para podermos mais tarde começar a dialogar».

No entanto, depois de uma primeira reunião, esses sindicatos entenderam que, eventualmente, poderia vir a ser essa a última — acrescenta. Posteriormente, afirmaram que, afinal, consideravam isso uma metodologia certa, e que continuariam com ela. «Sobre esse assunto, foi assinado um documento, no qual afirmavam a necessidade de continuarem com essas reuniões; nós declarámos que elas eram necessárias, e propusemos reuniões onde participavam todos os sindicatos. De qualquer das formas, eles aceitaram convocar e participar, em conjunto com o Secretariado, reuniões com todos os sindicatos do País».

A situação manteve-se até há pouco. Na verdade, depois da última reunião dos sindicatos da «Carta Aberta», faz-se depender de um debate público a participação nessas reuniões abertas.

«Em nosso entender, as reuniões de Coimbra, diga-se o que se disser, têm um fim: ir criando a mobilização suficiente para na altura pretendida, se criar o pluralismo sindical e se formar uma nova central. Felizmente, para os trabalhadores, que os apregoados setenta sindicatos que iriam à última reunião não apareceram... ficaram pelos 35, e nem sempre esse número chega ao fim. Parece que alguns sindicatos, a pouco e pouco, começam a aperceber-se que é preferível desenvolver contactos no seu distrito ou ao nível nacional, com todos os sindicatos, do que se comprometerem com atitudes que só servem para cristalizar posições e não levam a lado nenhum» — conclui.

LEI SINDICAL: COINCIDÊNCIA?

Outra questão surge, quando se pensa no Congresso: o facto de este ser o Congresso da Intersindical — como propõe o Secretariado — criará ou não dificuldades aos sindicatos

que a contestam José Luís Judas responde:

«Não há qualquer obstáculo nesse sentido. O Congresso é de todos os sindicatos. Nesse sentido, faríamos uma primeira sessão, com a antecedência que esses sindicatos queiram, no sentido de realizar as alterações aos estatutos da «Inter» por forma a realizar um Congresso com todos os sindicatos. Quanto à data, se quiserem, que a marquem com dois meses de antecedência. Mas esta primeira sessão, teria somente em fim criar as condições legais para permitir isso. Os sindicatos que não estão na «Inter» participarão, comcerteza, em pé de igualdade com os outros, na base do regulamento que for aprovado».

A própria ordem de trabalhos proposta revela o carácter aberto do Congresso (Lei Sindical, revisão dos estatutos da «Inter», aprovação e discussão do plano de acção, eleição do Secretariado), «é a prova mais evidente de que estamos dispostos a discutir todas as questões com eles».

No que respeita à Lei Sindical, há razões para «suspeitas quanto aos objectivos dos sindicatos da «Carta Aberta». Desde início, em Maio, propusemos que essa questão fizesse parte da ordem de trabalhos. Efectivamente, pelo menos até agora, não houve a coragem de propor o contrário. O que é facto é que um dirigente do Sindicato dos Bancários, em entrevista a um jornal, considerou que o Governo devia fazer a revisão da Lei Sindical. Por isso perguntamos: adiar o Congresso não é estar a possibilitar ao Governo mandar para a Assembleia da República um projecto que não tenha sido discutido pelos trabalhadores, ou que pelo menos tenha sido discutido apenas por facções dos trabalhadores, permitindo assim um campo de manobra à Assembleia para fazer a lei que entender?»

A questão, que traduz preocupações bem reais do Secretariado, ainda não obteve resposta. Aliás, de acordo com o programa do Governo, este proporá até ao fim do ano uma nova Lei Sindical. «Curiosamente, esses sindicatos fizeram tudo para adiar o Congresso, e consideram que ele só deve realizar-se em 1977. Pode ser pura coincidência, mas temos o direito de suspeitar dela...» — adianta.

Esta, como outras questões que opõe os sindicatos da «Carta Aberta» à Intersindical, permite, no entender desta, que, enquanto se «discutem falsas questões, se criem clivagens entre os trabalhadores que facilitem o campo de manobra ao Governo e ao patronato e dificultem a capacidade de resposta daqueles».

Acrescenta o porta-voz da «Inter»: «Continuamos a pensar que o caminho mais justo não é o da polémica estéril, para encontrarmos no seio do movimento operário soluções concretas. Por isso temos tentado encontrar soluções de compromisso de parte a parte».

Haverá, portanto, que afastar o **espírito de maiorias** da própria comissão organizadora que vier a surgir, em benefício de um **espírito de compromisso**. Quanto às questões fundamentais, «terão de ser os trabalhadores a decidir, como é óbvio».

DISPOSTO À DEMISSÃO

O próprio Secretariado tem estado **debaixo de fogo**: é acusado de falta de representatividade. Isto, depois de uma primeira fase, «em que o objectivo visado era a própria Intersindical». Argumentos: o sindicato só representaria uma tendência, ou há dirigentes que não fazem actualmente parte de nenhuma direcção.

«É evidente que o Secretariado não é um a tendência no Movimento Sindical. Mas mesmo que fosse, pergunto: quantas tendências estão na direcção do Sindicato dos Bancários ou na do Sindicato dos Escritórios de Lisboa? E se quisermos ir mais longe, quantas tendências estão neste momento a governar este País? Não vi ainda esses sindicatos a contestar o Governo por falta de representatividade de tendências...

«Ainda que fosse essa a questão, desde que essa tendência, dentro das regras democráticas estabelecidas, merecesse o consenso da maioria dos sindicatos e dos trabalhadores por eles representados, seria uma direcção do Movimento Sindical representativa. E, se assim não for, aconselhamos esses sindicatos a proporem uma moção de desconfiança ao Secretariado: se ela for aprovada em plenário de sindicatos, o Secretariado, evidentemente, demite-se».

tan tan

ROSSIO, 118
AV. DE ROMA, 17-A
R. AMEIDA E SOUSA, 20-A
R. FREDERICO AROUCA, 45 — CASCAIS

SALDA A PARTIR DE AMANHÃ

ACEITAMOS CARTÕES
SOTTO MAYOR E UNIBANCO

Trabalho

Trabalhadores dos Cabos Ávila: é urgente a intervenção do Estado

. Intervenção urgente do Estado e uma «gestão consequente para a empresa se manter perante a concorrência que lhe é movida pela multinacional congénere CEL-CAT» são medidas que a Comissão de Trabalhadores da Fábrica de Condutores Eléctricos Diogo D'Avila aponta como imprescindíveis para fazer a empresa sair do impasse a que terá conduzido «a incapacidade da Administração, que persiste em não reconhecer os direitos dos trabalhadores, mesmo os consagrados na lei, culminando com o recurso a métodos fascistas com o levantamento de um inquérito, em moldes pidescos, às Comissões de Trabalhadores e Comissão Intersindical».

As afirmações que atrás citamos foram produzidas ontem, em conferência de Imprensa realizada na empresa geralmente conhecida por «Cabos Ávila». Promoveu o encontro com os jornalistas a Comissão de Trabalhadores, que estava acompanhada da já referida Comissão Intersindical e de representantes dos sindicatos maioritários na fábrica: Químicos, Metalúrgicos, Construção Civil e Rodoviários.

Os trabalhadores, a perguntas formuladas, responderam que a empresa tem condições para continuar a ocupar um lugar relevante no sector do material eléctrico, estando à partida garantidos o escoamento dos cabos que fabrica. Há inclusivamente — conforme foi afirmado — boas perspectivas económicas para o futuro, contando-se com encomendas para o Irão, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Seguiu recentemente uma encomenda para a URSS.

Entretanto — sublinharam — «torna-se necessário sair da estagnação económica-financeira para que fomos arrastados pela gerência nos últimos dois anos». Os trabalhadores acusaram nomeadamente os dois administradores de virem colocar entraves sucessivos ao desenvolvimento da empresa, dificultando a negociaço directa e a posterior fase de arbitragem para o estabelecimento de um novo acordo colectivo de trabalho. A fase de arbitragem decorre agora, superadas as dificuldades relativas ao terceiro árbitro, o qual acabou por ser nomeado pelo Ministério do Trabalho, com o acordo finalmente conseguido de ambas as partes. A solução do conflito — tal como foi salientado — ficou a dever-se «única a exclusivamente ao esforço real dos trabalhadores e ás suas posições conscientes e responsáveis»,,

Quanto ao inquérito instaurado aos elementos da Comissão de Trabalhadores e delegados sindicais, ele não virá segundo foi afirmado, a intimidar os trabalhadores, conhecedores já dos métodos de pressão a que os administradores fazem recurso.

Questão laboral na C.M.L. continua por resolver

O Ministério da Administração Interna manteve que «tudo o que se oponha à criação de um estatuto único para a administração local é inaceitável». Deste modo, não deu quaisquer resultados a reunião que decorreu ontem à tarde no Ministério entre o director da Administração local, arquitecto Câncio Martins e a comissão pró-sindical da Câmara Municipal de Lisboa. De acordo com o representante do M.A.I. a reunião limitou-se a um esclarecimento e à reafirmação da posição do Governo, de recusa às pretensões dos trabalhadores, da Câmara, nomeadamente ao horário semanal de 40 horas. Quanto a esta e outras reivindicações, o presidente da Comissão Administrativa de C. M. L., coronel Gois Ferreira, afirmou ter dúvidas sobre se haveria consenso dos trabalhadores já que no plenário do dia 18 (de que saíram as decisões em discussão) apenas teriam participado «entre 200 a 400, quando na totalidade são cerca de oito mil». O presidente da C. A. mandou entretanto «que seja trancado o livro de ponto em relação a todos os funcionários que, devendo prestar serviço naquele dia (sábado passado), não tenham comparecido no local de trabalho», ao mesmo tempo que solicitou a elaboração de relatórios a entregar ainda hoje sobre a forma como naquele dia foram assegurados os serviços.

Por seu turno, e a fim de dar conhecimento das diligências efectuadas junto do hresidente da Comissão Administrativa da Câmara e do Ministério da Administração Interna, a comissão pró-sindical vai promover uma réunião geral de trabalhadores. Nesse plenário serão aprovadas, decerto, as medidas a tomar face à posição governamental.

E.C.A. voltou a funcionar

. Os trabalhadores da ECA (Empresa de Concentrados de Alvalade) que se encontravam em greve desde o passado dia 19, altura em que dois trabalhadores saneados se apresentaram ao trabalho acompanhados de forças da G.N.R., retomaram ontem a laboração normal por considerarem que a paralisação estava a causar sérios prejuizos à economia nacional e ainda aos próprios pequenos agricultores da região.

No entanto, segundo nos informou esta manhã um membro da Comissão de Trabalhadores da ECA, novas formas de luta são encaradas, enquanto continuam a ser efectuadas diligências junto dos ministérios respectivos (Agricultura e Trabalho), no sentido de ser obtida uma boa solução para o caso.

O recomeço do trabalho tinha aliás sido previsto em conferência de Imprensa efectuada no dia 25, em Lisboa, porque já nessa altura os membros da C.T. da ECA previam que a paralisação prolongada poderia vir a prejudicar a nossa economia, uma vez que os produtos ali fabricados, concentrado de tomate essencialmente, se destinava em grande parte à exportação. Por outro lado, também os produtores de tomate viriam a ser afectados por não haver saída para o produto.

Na conferência de Imprensa a que nos referimos, o porta-voz da C.T. assinalou que os acontecimentos que se têm verificado na ECA, onde antes da reintegração destes dois saneados já outra se tinha verificado, constituem, para além do mais, uma ofensiva contra a própria Reforma Agrária, dada a colaboração que se conseguiu entre a fábrica e os agricultores da região.

C.C.T. DOS CONSERVEIROS

Comissão técnica estuda portaria

. Os representantes do patronato da indústria conserveira estiveram mais uma vez ausentes da reunião da comissão técnica encarregada de estudar os termos da portaria que irá regulamentar o contrato colectivo de trabalho do sector. Um dos conselheiros jurídicos das entidades patronais justificou a ausência com a alegação de a convocação do Ministério ter sido feita tardiamente.

Entretanto a reunião efectuou-se, tendo participado por parte do Ministério do Trabalho, o dr. Beleza Ferreira, um delegado da Secretaria de Estado das Pescas e os representantes dos sindicatos.

A comissão técnica foi constituida com vista à elaboração da portaria, porque se goraram as tentativas de conciliação entre patronato e trabalhadores nas negociações que decorreram no Ministério do Trabalho. A principal reivindicação dos trabalhadores é a garantia de 45 horas de trabalho semanais, tendo os patrões recusado satisfazer essa cláusula por não confiar nas garantias que a Secretaria de Estado das Pescas lhes proporcionava. Recorde-se que a SEP propôs condições que na opinião dos trabalhadores e dos representantes das fábricas com intervenção estatal, podiam resolver o problema.

A este propósito a Associação dos Industriais de Conservas de Peixe do Sul de Portugal emitiu um comunicado em que responde ao comunicado do Ministério do Trabalho. Dizem os patrões que a questão de fundo é a falta de peixe. Não garantem as 45 horas de trabalho semanais porque a SEP, que é quem controla, ou está em vias de controlar, o abastecimento de peixe (...) não garantiu aos patrões, em condições que eles consideram aceitáveis, a quantidade de peixe que exigem para manter as fábricas na laboração reivindicada pelos trabalhadores.

EM POUSOS, LEIRIA

Multinacional ameaça

. Apesar de uma parte dos trabalhadores da fábrica de vidros alemã Ingrid Hutte Kurt Wokan se ter dessolidarizado da greve que ali vem sendo praticada pelos trabalhadores em luta pelos retroactivos a partir de Abril último, a situação naquela empresa parece não ter sofrido grandes alterações por continuar parado o sector de produção.

O rompimento da greve por parte dos 250 trabalhadores da secção de acabamentos deve-se a uma carta da administração daquela fábrica de vidros situada em Pousos, Leiria, em que se ameaçava com o despedimento de todos se não retomassem o trabalho até ao passado dia 28. No entanto, apesar da ameaça, os 85 operários da secção de produção, com excepção de sete continuam a não laborar, motivo porque a secção de acabamentos não tem qualquer perspectiva.

Além dos rectroactivos os trabalhadores lutam também pelo pagamento de parte do 13.º mês e do subsidio de férias, que lhes são devidos por força do novo contrato, já em vigor.

Por outro lado, a ameaça da administracão relativamente aos grevistas parece não ter obtido qualquer resultado prático uma vez que estes continuam a considerar-se empregados.

Como solução para as dificuldades de ordem económica alegadas pela administração da empresa, motivo por que não seria cumprido o novo C. C. T. do sector, parece surgir a possibilidade de abastecimento do mercado interno,

Saldos • Saldos • Saldos

Grande Campanha

JOFRAMA

Não temos "MONOS" para saldar, temos artigos de boa qualidade que vendemos a preços de saldo

Jogo banho 3 peças 495.00
Pano estamp. 1,5 largura 55.00
Colcha algodão casal 183.00
Cobertor luxo veludo estampado 1.350.00
Sensacional lençol estamp 189.00
Jogo mesa Biarritz 395.00
Milhares coberiores 199.00
Toalha rosto fabulosas 39.00
Jogo cama 1,80 estamp. c/ 2 lenç. 450.00
Collants Ninita fabulosos 15.00
Milhares de jogos de banho 199.00 Nosso recleme
Lençóis enormes c/ bordado suiço 149.00
Almofada 39.00
Pano estamp. 2, largura 69.00
Toalhão banho cores quentes 89.00
Pano estamp. 2, largura 59.00
Sensacional baby-groo c/ perna estampado 85.00
Pano estamp. 2, largura 89.00
Lençol branco casal 119.00
Jogo cama estamp. c/ 2,m c/ 2 lençóis 515.00

Somos O REI DOS PANOS — e provamos — Temos nos nossos armazéns 150 toneladas ou seja 600 kilómetros, dos mais diversos panos estampados, brancos e cores, para vendermos mais barato que qualquer fábrica

Os nossos Saldos vão ser o delírio das Noivas e Donas de Casa

SEDE — RUA DOS FANQUEIROS, 226-232 (frente à Rua da Assunção)
FILIAIS — RUA JOÃO DAS REGRAS, 4-B (junto à Praça da Figueira)
RUA DA MADALENA, 203-217
Telefones: 86 28 99 - 87 21 56 - 87 33 40 - 86 85 72 - LISBOA-2

MANDAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS

Saldos • Saldos • Saldos

Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos • Saldos

Nacional

José Fontana, que viveu de 1840 a 1876, e fundou o Movimento Socialista Português

O CENTENÁRIO DA M DE JOSÉ FONTANA

Com dois dias de antecedência, porque se tratava de decisão irrevogável, desesperadamente amadurecida, José Fontana escreve ao seu amigo J. P. Oliveira Martins a carta dramática que reproduzimos e na qual lhe comunica o seu suicídio. O confronto das datas — a carta a Oliveira Martins está datada de 31 de Agosto de 1876, a bala que porá termo à sua vida será disparada no dia 2 de Setembro — acentua a dimensão da tragédia.

José Fontana, aquele «homem alto, descarnado e branco como os fantasmas, de olhar vago e indefinido, a barba elegante e bem penteada», de «voz pousada e baixa», de que nos fala, com uma ponta de emoção, Luís de Figueiredo, nascera na Suíça, no cantão de Tersino, a 28 de Outubro de 1840. Ignora-se a data da sua entrada em Portugal. A tradição corrente no movimento operário português, fala-nos de um José Fontana militante activo do Centro Promotor e da Fraternidade Operária, que vivia em Lisboa desde jovem. Recentemente, na esteira de uma referência do professor Vasco de Magalhães Vilhena, retomada pelos historiadores César Oliveira e Carlos da Fonseca, José Fontana, o operário encadernador, o empregado e Livraria e depois sócio (sem capital) da Livraria Bertrand, seria o membro do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, secretário correspondente para a Itália (1864-1865) cujo nome figura em quarto lugar, após o de Karl Marx, numa acta histórica da AIT.

Certa e confirmada a sua extraordinária actividade como militante do movimento operário e socia-

Relatório ao Congresso de Haia

. A Associação começou em Novembro de 1871 com 37 associados; em Janeiro de 1872 contava já com 327 e em 13 de Agosto último o número dos membros passou a 2750. Todas as semanas há 40 a 50 filiações: em pouco tempo, no fim do presente ano, contará mais de 6000 individuos.

Como pode ver-se dos estatutos que enviamos, a associação é uma federação de secções de ofícios, que tem por objecto ajudarem-se mutuamente em caso de greve por meio de empréstimos feitos na forma que prescrevem os regulamentos.

Uma das sociedades federadas, a dos Calafates, já tem feito três greves com o assentimento da Associação, uma delas contra o Governo e em todas três obteve completo triunfo. Duas destas greves foram feitas em pedido de aumento de salário e uma em diminuição de horas de trabalho.

Esta associação está composta de 28 secções de ofícios que compreendem 2750 individuos (2350 homens e 400 mulheres).

Com a sua propaganda a **Fraternidade Operária** tem fundado as seguintes associações, que, se bem tenham nomes diferentes, estão regidas pelos mesmos estatutos:

Fraternidade de Todos os Trabalhadores, 250; Fraternidade Agrícola, 150; Fraternidade de Trabalhadores, 100; Fraternidade de Almadenses, 150; Fraternidade de Seixalenses, 100; Fraternidade Trabalhadores da Marinha, 50; Fraternidade de Protectora de Trabalho, 800; Total: 1870.

Estamos em via de federar todas as caixas de resistência destas associações.

Entregamos o presente estado da nossa Associação ao nosso delegado e companheiro Paulo Lafargue, para que o comunique ao congresso, o qual nos participará o seu modo de ver sobre a marcha da nossa associação.

Em nome e por acordo da Associação de Resistência Fraternidade Operária.

O secretário, José Fontana (1)

(1) Este relatório redigido por José Fontana foi apresentado ao Congresso da Internacional, realizado em Haia, 1872, por Paul Lafargue, genro de Karl Marx.

O quarto Estado

. O famoso princípio: **A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores,** proclamado em vários congressos operários, tem levantado objecções de diversa natureza, que não julgamos fundadas; antes filhas de uma imperfeita compreensão do mundo social.

Enquanto a muitos parece chimerico que a classe obreira, só por si entregue aos seus recursos e iniciativa, possa realizar o progresso e reformas que são a sua aspiração e que o espírito da época indica, julgam outros que há nestas pretensões autonomia e independência do movimento operário uma como quebra da união e da solidariedade entre as classes da sociedade, uma cisão, senão perigosa, pelo menos desnecessária.

A nós parece-nos coisa muito diferente, e muito outro é o nosso juizo.

O princípio acima enunciado que resume, por assim dizer, a philsophia do movimento obreiro, é por um lado o reconhecimento e consagração da dignidade humanas, que só se afirma pela responsabilidade e pelo trabalho e que não reconhece como meritório e justo o benefício que não provenha do esforço e dedicação do beneficiado; é, por outro lado, um elemento de ordem, uma garantia de paz e segurança para a sociedade no meio das impreteríveis transformações por que vai passando e tem que passar.

Expliquemos melhor o nosso pensamento.

Dada a existência social do mundo operário como uma classe, o que é evidente, porque as condições económicas em que vive a extremam e especialisam na sociedade, segue-se que os seus progressos **como classe só** serão efectivos quando realizados pelo seu esforço, à sua custa e sob a sua responsabilidade. Fora disto, esses progressos, tendo fora da classe operária a sua origem e razão de ser, poderão ser contestados com toda a justiça, serão por assim dizer progressos **postiços e de empréstimo,** sem mérito, destituídos de garantia séria.

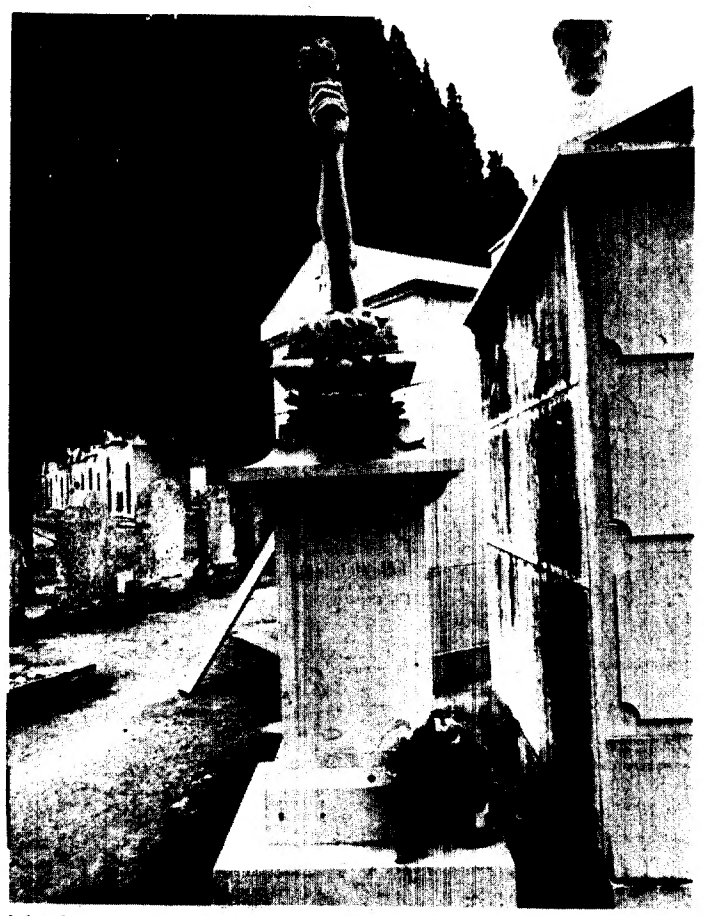
Para que se possa dizer: a classe trabalhadora conquistou no século XIX taes e taes melhoramentos, é necessário que ella os conquiste efectivamente, ela e não outrem por ela, sua própria actividade e correndo-lhe os riscos. D'outro modo, esses melhoramentos serão como os do mendigo, precários, transitórios, exteriores, e a sociedade não pode razoavelmente contar com eles como elementos reais de força e vida.

É pois não só justo, mas necessário, que a emancipação dos trabalhadores seja obra dos mesmos trabalhadores. E não se deve confundir esta digna independência com o exclusivo hostil e o espírito fanático de seita, porque o movimento operário não exclui a cooperação das outras classes, somente quer que essa cooperação se faça no seu ponto de vista, subordinada a ele, numa palavra, quer ter a responsabilidade e direcção do movimento, muito embora entrem nele elementos estranhos.

Isto por um lado; por outro lado, o princípio «a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores», e a sua compreensão e prática verdadeira, é um precisoso indício de que as questões sociais entram afinal num período orgânico, e que está achado um único método de as resolver pacificamente, por uma serena evolução, de tal sorte que o progresso se realize sem envolver na sua realização a violação de direitos anteriores e a ruína imediata de interesses criados, se não absolutamente legítimos, ao menos respeitáveis até um certo ponto.

Com efeito, enquanto os interessados na resolução das questões sociais esperarem pelo Estado, isto é, por uma rápida e completa inversão dos princípios e das instituições executadas por um governo seu, a resolução dessas questões todas num dia e de uma maneira radical, é claro que a sociedade corria um perigo iminente, visto que todas as relações humanas podiam de um momento para o outro sofrer uma inversão total, e por conseguinte o progresso pacifico e a ordem (que não é a imobilidade, mas o movimento regular) se tornavam extremamente precários.

A revolução de 1848 em França é uma prova formidável da realidade deste perigo.



Lápida erguida à memória de José Fontana, no cemitério dos Prazeres

Quando o receio de uma ditadura indeterminada, que podia tanto ser comunista, como phalansteriana ou jacobina, tornava incerto e temeroso o dia de amanhã, todos os interesses se assustavam, dava-se de barato a legalidade e a liberdade, com tanto que se assegurasse a ordem, e a esperança d'um progresso regular desaparecia no meio do pavor geral.

É deste susto, e como que pesadelo, que o novo espírito que anima as classes trabalhadoras vem finalmente livrar a sociedade opressa. O trabalhador já não espera do Estado, da iniciativa imperiosa de um governo revolucionário, a melhoria das suas condições sociais, mas só da sua livre iniciativa, exercendo-se fora da esfera governamental, por meio de criações particulares, que se desenvolvem ao lado das instituições existentes, sem as ameaçarem de morte, mas lutando apenas pacificamente com elas pela concorrência económica, pelo trabalho e pela virtude.

O trabalhador, que já não é comunista nem jacobino, não pretende já substituir à sociedade actual uma sociedade nova inteiriça, que num só dia destrua a obra de muitas gerações. Mais digno e mais sensato, o que agora pretende é criar para si, dentro do mundo actual, condições mais favoráveis, e ir assim correndo lentamente para a gradual transformação das imperfeitas instituições existentes, transformação cuja forma final é o segredo do futuro.

É por isso que o princípio «a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores», ao mesmo tempo que determina o método racional para a solução dos problemas que o proletariado oferece ao mundo, é juntamente a mais sólida garantia de ordem para todos os interesses preexistentes a esses problemas.

Deste principio sai um sistema prático, que não é uma mera utopia filosófica, mas uma realidade provada, e que mais provada se irá tornando de dia para dia: a Cooperação.

Associam-se entre si os trabalhadores, sobre as bases da justiça comutativa, isto é, do contrato livre e da igualdade e fraternidade, e por meio desta mútua cooperação criam instituições novas, centros já de resistência, já de consumo, já de produção, que são como o embrião de um mundo social novo, e que já hoje modificam vantajosamente as condições industriais do obreiro, lhe dão força, nova alma para criar e esperar um futuro melhor, e prepará-lo corajosamente.

Entrando neste caminho, nesta larga estrada real da emancipação pela energia e solidariedade dos individuos, o movimento operário, ao mesmo tempo encontrou a sua verdadeira direcção, perdeu o carácter ameaçador que apresentava no seu período de utopia, e tornou-se em elemento normal de progresso pacífico.

Entre nós o movimento operário pode dizer-se iniciado debaixo dos melhores auspícios. Não teve o primeiro e perigoso período de fermentação e utopia sectária, correspondente a 1848, porque nessa época o problema social não se havia ainda claramente desenhado entre nós: O regime do capital e da grande indústria, com as perturbações e anomalias economicas que o acompanham, só recentemente começou a dar seus frutos em Portugal, e por isso só recentemente também as novas condições do trabalho chamaram a atenção dos operários para esse conjunto de factos, que constituem a questão social. Ora, felizmente para nós, quando esse movimento começou a tomar certo vulto, já lá fóra, tanto pela crítica como pela mais cruel experiência, haviam perdido o prestígio as utopias sectares e a crença numa renovação subitanea por meio de uma iniciativa governamental. Estava-se já em pleno período cooperativo. Entrara-se no caminho da associação solidária.

Entramos nós também nele, nem podiamos deixar de entrar, sob pena de retrocesso. Aproveitamos a experiência dos outros, sem lhe termos corrido os perigosos azares.

Assim pois o espírito da classe operária entre nós é todo pela reforma gradual e espontânea das condições económicas, por meio da livre cooperação.

Felicitando-nos por este belo resultado.

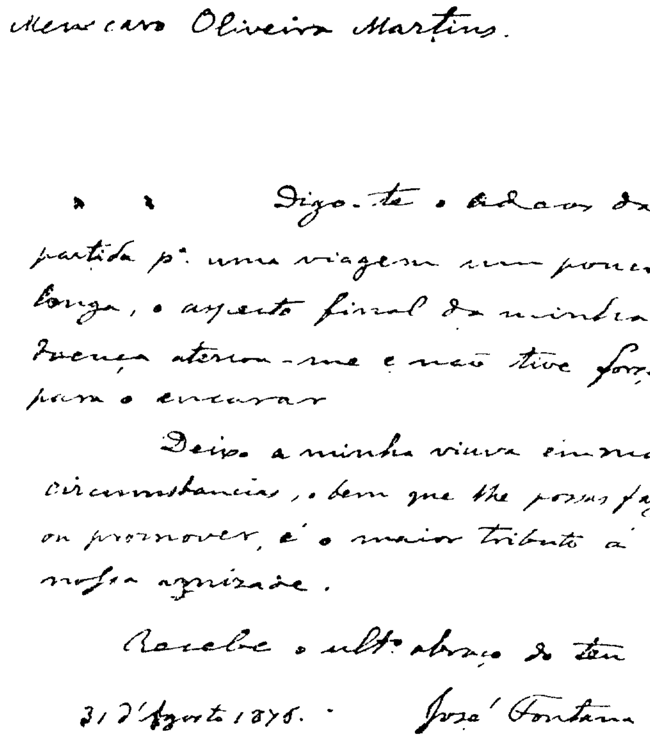
O movimento, tendo começado pela simples cooperativa de consumo tomou de-

ORTE

lista. Certas e confirmadas as suas relações com Sousa Brandão, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis. Certa e confirmada a sua acção em relação às Conferências do Casino. Certa e confirmada a tragédia da sua doença e a decisão trágica de pôr termo aos seus dias.

Segundo o jornalista operário Luís de Figueiredo que, pela mão de seu pai o conheceu na casa da Calçada da Estrela onde funcionava um centro de formação socialista: «Os mais importantes trabalhos de José Fontana foram na Fraternidade Operária, notável associação da resistência, fundada em Lisboa.em Janeiro de 1872, na qual exerceu o lugar de secretário até ao dia em que esta se fundiu com as suas congéneres, constituindo a actual Associação dos Trabalhadores na Região Portuguesa. Fez além disso parte da redacção de «O Pensamento Social», escreveu um pequeno folheto sobre o movimento cooperativo e, ultimamente, apesar da enfermidade que o afligia, colaborou em «O Protesto». E acrescenta: «José Fontana ainda trabalhou no Partido Socialista, mas a doença não permitiu que os seus esforços fossem de peso».

O funeral de José Fontana foi uma comovida e grandiosa manifestação de preito e de saudade. No Cemitério dos Prazeres, o caixão coberto de perpétuas, desceu à terra no coval n.º 4278. À beira da sepultura discursaram Azedo Gneco e Eduardo Maia. Foi um golpe doloroso para o movimento operário a morte de José Fontana. Tinha 36 anos.


Meu caro Oliveira Martins.

.. .. Digo-te o adeus da partida p.ª uma viagem um pouco longa, o aspecto final da minha doença aterrou-me e não tive forças para o encarar

Deixo a minha viuva em más circumstancias, o bem que lhe possas fazer ou promover, é o maior tributo á nossa amizade.

Recebe o ultº abraço do teu

31 d'Agosto 1876. José Fontana

[...]ois a fórmula mais exansiva [...]as associações de ofício, onde a cooperação é mais íntima [...] compreensiva, tendo por fim [...] solidariedade na determinação das condições do trabalho e a defesa de seus direitos.

O nome da associação de resistência, que alguns lhe têm dado, é impróprio e não as caracteriza convenientemente: o seu verdadeiro nome é o de associação de solidariedade industrial, porque o seu fim é organizar o trabalho nas suas variadas relações com o capital, no ponto de vista dos direitos legítimos de um e de outro. Ambos têm tudo a lucrar com esta organização; o futuro o irá evidenciando.

O terceiro grau e mais sabido da cooperação é a associação cooperativa de produção: É só nela, que se realiza a plena justiça económica e a emancipação do trabalhador. É este o grande instrumento do progresso social.

O regimen do salário é mau. Põe frente a frente dois elementos que por força têm de se hostilizar. Resulta dele necessariamente uma inferioridade na condição do trabalhador, inferioridade económica e moral, com que sofre não só ele mas toda a sociedade.

Não culpemos os homens. Os homens, porque são capitalistas e empresários, não são piores do que os outros, e podem às vezes ser melhores; mas a força das coisas, a fatalidade das leis económicas, é superior às vontades mais bem intencionadas. No regimen, não do **assalariador**, mas do salário. Esta é que é a verdade desapaixonada.

O que pois, convém, é ir substituindo, sempre que fôr possível, ao regime do salário o regime cooperativo na produção. Não se atacam homens: modificam-se as leis económicas, e o progresso fica deste modo a todos garantido.

É o que os nossos trabalhadores mais inteligentes vão compreendendo, e é esta hoje a sua grande aspiração: passarem de assalariados a coproprietários e sócios da oficina.

Uma primeira tentativa em grande, feita na indústria de metais, vai dando resultados consideráveis. A fábrica Social, do Aterro, que tem de compreender oficinas de fundição, de caldeireiros, torneiros, latoeiros, carpinteiros de moldes, etc., é um pregão que proclama bem alto o sério espírito de iniciativa e único que começa a desenvolver-se entre os operários portugueses: da parte dos fundidores, perseverança, senso prático e inteligência; da parte de toda a classe operária, admirável impulso de fraternidade, de coadjuvação material e moral, e a compreensão do que há de geral para o futuro das classes trabalhadoras numa empresa que à primeira vista poderia parecer de mero interesse particular.

É que aqui, como em todos os cometimentos, a que preside o espírito da justiça e progresso, o interesse geral e particular não estão em luta, antes se desenvolvem proporcionalmente um com outro. A emancipação de um grupo limitado de trabalhadores, fazendo triunfar o princípio sobre que a classe operária pôs a esperança do seu futuro, é implicitamente o triunfo comum e já como que a preexistência da emancipação total da classe.

Isto compreenderam os trabalhadores de Lisboa. Para eles a fábrica Social é uma instituição de classe. Criaram-na eles com as suas subscrições e um empréstimo gratuito, em que o poder mágico da fraternidade soube transformar o óbulo do pobre num capital considerável. Tocante e animador espectáculo! Em certos ofícios, em que o salário a custo sustenta o trabalhador, a subscrição realizou em poucos dias muitas dezenas de mil réis! Alguns dedicaram a este empréstimo fraternal as suas economias de vinte anos! Não há interesse usurário nesse empréstimo sem juro, há, pelo contrário, sacrifício e dedicação. Uma ideia social, superior à que hoje domina ainda universalmente no mundo económico, entreluz neste exemplo, e él para quem sabe ver, o penhor de um futuro melhor e mais fraternal.

Muitos, a quem o gelo dos tempos presentes tem entropecido aquela parte mais alta da inteligência, que só tem actividade em contacto com os mais generosos sentimentos do coração. chamarão sorrindo, ilusão e engano de **simples** a estes impulsos santos da fraternidade. Pois sorriam embora. A **simplicidade,** que foi em tempo considerada um dom da graça é em todos os tempos condão das vontades leais e dedicadas, por quem só no mundo se tem levado a cabo as empresas grandes que mobilitam **a humanidade. Uma cma classe capaz da santa simplicitas** da fraternidade, e que a manifesta prática e utilmente, pode merecer os sorrisos cépticos dos felizes egoístas do dia de hoje, mas tem por si o futuro. Pertence-lhe o futuro, por que tem em si a matéria prima com que ele será construído: uma ideia nova, e a dedicação a essa ideia.

JOSÉ FONTANA

José Fontana, além da colaboração na Imprensa operária, publicou: O Quarto Estado, Tipografia do Futuro, Lisboa, 1872 e **As Cooperativas,** Tipografia do Futuro, Lisboa, 1873.

Antero e José Fontana

— recordações de Batalha Reis

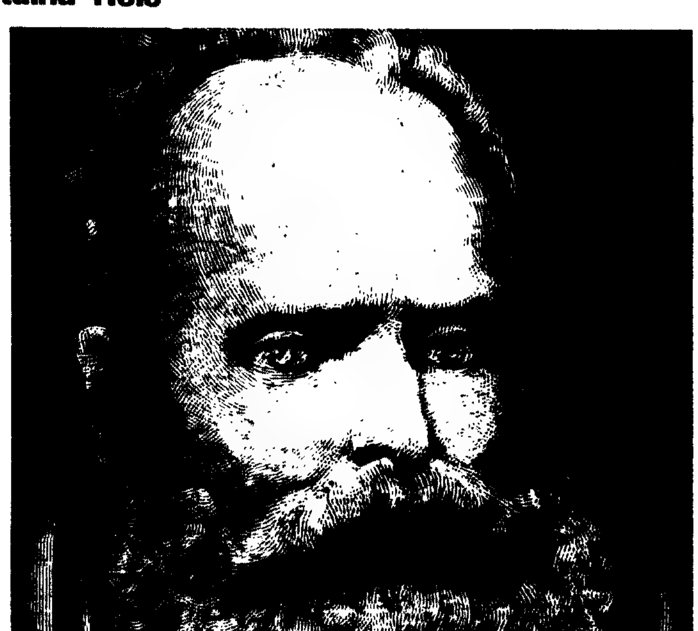
Aos domingos, de manhã e n'outros dias, tarde, depois de cerrada a Livraria Bertrand, vinha ver-nos o José Fontana: Sempre vestido de preto, muito alto, muito magro, muito palio e
corredio, um pequeno bigode alto, muito magro, muito pálido, cabelo longo, negro e o sorriso tristes, apertava-nos as mãos silenciosamente e sentava-se a um canto, se havia mais alguem presente, sem quasi tomar parte na conversação.

Logo, porem que se achava a sós comnosco, depois de examinar cuidadosamente o quarto e o corredor perto, sorrindo sempre, com a mesma melancholia, mas com inteira segurança, o José Fontana dizia em voz baixa:

— Para a semana... sabem? Para a semana sem a menor duvida, rebenta **ella**.

E contava pormenores, mostrava cartas recebidas, .. que repentinamente lhe appareciam desdobradas nas mãos, e n'um momento, também, desappareciam, não se via bem como, nas algibeiras interiores, nas dobras do longo casaco negro que sempre o cobria:

— Uma serie de movimentos revolucionários, habilmente preparados, methodicamente distribuidos, maduros já, ia infalivelmente cobrir de Republicas a Europa. A Revolução social, — **ella,** — seguir-se-lhes-hia, ou far-se-hia de per si só, d'um modo infalivel, absolutamente seguro, sem a possibilidade d'um revez.



Antero de Quental ... que também viria a suicidar-se

O Anthero apresentava as suas duvidas, eu accumulava as minhas objecções. O José Fontana ouvia-nos com toda a attenção; e, com a cabeça, com as duas mãos abertas e estendidas, approvava o que nós diziamos, approvava todas as contradições, approvava a exposição dos planos, dos systemas, das doutrinas as mais encontradas, frio, sorridente, mas, implacavel, murmurando, sempre, a espaços:

— Perfeitamente,... sem a menor duvida... estamos de accordo: mas por tudo isso creiam, que **ella** não póde deixar de rebentar, o mais tardar, para a semana.

Ás vezes, ás horas tradicionaes das conspirações romanticas, o José Fontana vinha buscar o Anthero para o apresentar em **centros**, para o fazer conferenciar com chefes e agentes.

Foi assim que o Anthero escreveu alguns dos seus opusculos socialistas e que algum tempo se redigiu a **Republica federal**.

Entretanto o José Fontana continuava a apparecer, sempre mysterioso, acautellado, fallando pouco e baixo, sorrindo com melancholia, mostrando cartas e promettendo que, sem falta **ella** rebentaria, . para a semana.

D'uma vez entrou-n'os, de noute, em casa, onde o Anthero e eu prevenidos, o esperavamos sós. Vinha acompanhado de tres homens estrangeiros, novos ainda, pobremente vestidos: Eram tres chefes emissarios da **Associação internacional dos Trabalhadores.**

Estes tres homens, sem duvida muito notaveis e, depois, muito conhecidos em todo o mundo, disseram-nos o plano da vasta organisação, expuseram as doutrinas de Karl Marx, e as theorias que, já mesmo então, dividiam o Socialismo nascente, sob esta nova fórma de combate.

Ouvimol-os quasi toda a noute.

No dia seguinte o José Fontana appareceu mais cedo e contou-nos, sempre tranquillo sempre sorrindo, que a policia o seguia por toda a parte, que não podiamos tornar a reunir-nos n'uma casa qualquer e suggerio o Tejo e um barco.

N'essa mesma noute fomos ao Aterro, o Anthero e eu, pagámos a um barqueiro para nos deixar remar sósinhos no seu bote e fizemo nos ao largo A uma hora combinada approximámo-nos d'um outro caes onde o José Fontana nos esperava com os internacionalistas E durante horas, n'essa noute e nas seguintes, sobre o Tejo emquanto eu remava, o Anthero discutia, com os emissarios socialistas, a revolução operaria que já lavrava na Europa.

Páginas publicadas com o título: «Anos de Lisboa (Algumas Lembranças), **no volume** ANTHERO DE QUENTAL, In Memoriam, **Mathieu Sugan, Editor, Porto, 1896.**

José Fontana e Sousa Brandão

— VISTOS POR SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA

..E, uma vez que fallamos nos novos, seria ingratidão esquecer aquelles que, pela sua influência, pela sua dedicação, pela sua actividade e pela sua propaganda, tanto contribuiram para o derramamento d'estas ideias no povo portuguez. Refiro-me a José Fontana e Sousa Brandão.

Ser republicano ou ser socialista n'estes tempos que vão correndo, cousa é que não importa um grande acto de coragem ou de audacia. Mas para affirmar as opiniões republicanas e socialistas, na época em que aquelles dois benemeritos o fizeram, requeria-se ainda mais que coragem e audácia requeria-se uma grande independencia de caracter e um grande e soberano despreso pelas conveniencias e interesses pessoaes.

Os que modernamente vieram para a política, não sabem, nem pódem mesmo avaliar, o que custava a propaganda n'aquelle tempo. Era uma lucta cruel e constante, com a familia, com os amigos, e com tudo e com todos. Ser republicano o mesmo era que ser um doido máu. Socialismo era synonimo de pilhagem e de liquidação social.

Os partidos são, por via de regra, ingratos para com os seus servidores. Superior, porém, á gratidão dos partidos, há o apluaso da própria consciência. E só pela satisfação do dever cumprido, vale bem a pena suportar as chufas dos adversários, as calumnias dos addosos e a perseguição dos inscientes e dos inconscientes.

José Fontana era muitas vezes calumniado por aquelles que o não comprehendiam. De Sousa Brandão sorriam-se os **finorios** e os homens **praticos,** como se tivessem dó d'elle. Fui d'essa epoca, e sei o que isso era e o que isso custava! Mas que importava? Os calumniadores calaram-se e os disfructadores desappareceram. José Fontana e Sousa Brandão são hoje venerados e consagrados,

Continua na pág. 12

Geral

OS ÁRABES "INVADEM" LONDRES

A "estrada do deserto" passa por Harrods...

JEAN WETZ ("Le Monde")

. Londres «foi invadida pelos árabes». Os motoristas de Rolls Royce de aluguer que vão esperar os ricos visitantes do Médio Oriente ao aeroporto de Heathrow sabem que antes mesmo de chegarem ao hotel ou à luxuosa residência, muitos deles param no Harrods, capital do comércio de qualidade, razão por que o trajecto do aeroporto até ao bairro de Knightsbridge foi denominado de «a estrada do deserto» pelos londrinos.

A certas horas, Mayfair, Kensington, Saint-John's Woods oferecem o espectáculo de aldeias beduínas. As ruas regorgitam de homens de beste branca flutuando ao vento, de mulheres cobertas da cabeça aos pés mas com sapatos a última moda de garotos com olhos negros muito grandes que se agitam com exuberância a qual os autoctones não estão nada habituados. Um sentimento gregário que os ocidentais entendem mal e a incapacidade para muitos destes visitantes de se exprimirem na língua de Shakespeare geram cenas caóticas. Mas numerosos restaurantes, armazéns agências imobiliárias, firmas de serviços diversos apressaram-se a imprimir os seus cartões e prospectos em árabe.

Tais atenções não são evidentemente necessárias à elite social do Médio Oriente inteiramente à sua vontade na capital inglesa, tanto mais que lhe são permitidas extrabagâncias há muito fora do alcance dos ingleses. No ano passado um eminente «rei do petróleo» conseguiu que o Harrods lhe reservasse durante algumas horas o uso exclusivo do armazém para fazer as suas compras de Natal. Em duas horas parece que gastou mais de trinta mil libras (cerca de 1770 contos).

Os comerciantes londrinos habituaram-se a receber visitas que noutros tempos lhes teriam parecido de um mau gosto intolerável. Quando um destes clientes do Golfo Pérsico desce do seu Rolls, rodeado de criados, os caixeiros apressam-se. Se um artigo atrai a sua atenção — quer se trate de uma televisão quer de um carro — ele dirá talvez: «Dê-me uma dúzia».

Muitos destes visitantes não receiam já mostrar-se nos bares ou nos **pubs**, onde absorvem quantidades de **whiskies** que pouco britânicos podem dar-se ao luxo de consumir. O álcool levanta, no entanto, problemas, delicados: certos hotéis, quase inteiramente ocupados por árabes, viram o seu bar abandonado, enquanto o consumo dos «drinks» de todo o género nos quartos crescia astronomicamente. Homens de negócios, cujas despesas são, sem dúvida, reembolsadas quando regressam à pátria, exigem que as bebidas não sejam contabilizadas à parte na sua conta, mas acrescentadas discretamente noutras rubricas: aluguer de carro, telefone, jornais, etc.

Esta «invasão» manifesta-se sobretudo no domínio imobiliário. Se as manchetes sensacionais de certos jornais, que anunciam «Londres está a ser comprada pelos árabes» são muito exagerados, o certo é que grande número de agentes imobiliários, cujos negócios nos últimos anos não têm sido muito frutuosos, renunciaram às férias para montarem guarda permanente nos seus escritórios. Esperam o xeique que deixará montes de notas no cofre para comprar uma residência de luxo ou um castelo, quando não a totalidade de um prédio de apartamentos num dos bairros mais altamente cotados da capital.

O montante total destas transacções é difícil de avaliar. Se certos clientes ficam satisfeitos com a publicidade que os rodeia muitos outros **os mais sérios sem dúvida** agem de forma discreta. Os especialistas entendem, contudo, que este ano os naturais árabes terão comprado em Londres propriedades por um montante de 150 mil libras (cerca de 8 milhões e 450 mil contos).

A compra mais espectacular foi a de Dorschester, um dos hotéis mais conhecidos de Londres, pelo qual um grupo árabe pagou nove milhões de libras (cerca de 531 mil contos). A transacção teve as suas incidências políticas: o Dorchester era tradicionalmente o lugar de encontro da maioria das organizações judias de Londres. Desde que o hotel é de propriedade árabe, numerosas dessas organizações fizeram saber que a partir de agora farão as suas reuniões noutros locais. Os dirigentes das organizações israelistas esforçam-se porém por evitar um boicote que eles condenam quando é praticado pelo outro campo...

Mas são sobretudo os apartamentos de luxo e as casas de campo que interessam aos compradores do Médio Oriente: o castelo de Belvedere, no Beekshire, onde o rei Eduardo VIII assinou a sua abdicação, foi agora também vendido a um comprador não identificado, mas que ninguém duvida que seja árabe.

Algumas destas compras assemelham-se a ajustes de contas: um homem de negócios iraniano, vexado por lhe ter sido recusada a entrada numa boite, de admissão rigorosamente reservada, em Mayfair, teria comprado o prédio todo para ficar a ser o dono do estabelecimento...

Estarão todos os súbditos de Sua Majestade encantados com este desabar do exótico sobre a sua capital? Dizê-lo seria um exagero. Uma certa tensão é patente. E isto porque nem todos os visitantes são xeiques opulentos ou requintados homens de negócios. Muitos deles vêm acompanhados de criados e guarda-costas que se alojam igualmente em apartamentos de luxo. Os outros habitantes do prédio queixam-se então de que alguns destes «homens do deserto» se mantiveram demasiado fiéis aos seus hábitos ancestrais...

O palácio de Belvedere, na Inglaterra, local onde Eduardo VIII abdicou, agora foi vendido. Ninguém sabe quem é o comprador, mas fala-se que o novo proprietário é um árabe

CONFERÊNCIAS MILITARES

E.U.A. preparam o domínio do Atlântico Sul

MANUEL SOMOZA (Prensa Latina)

. A celebração de reuniões militares de alto nível patrocinadas pelos Estados Unidos, no Brasil e na Nicarágua, parece confirmar a política que Washington pretende seguir na América Latina.

No passado dia 16, numa significativa coincidência, começou no Rio de Janeiro a VIII Conferência Naval Interamericana enquanto em Manágua o chefe do regime nicaraguense, general Anastásio Somoza, inaugurava uma nova sessão do Conselho de Defesa Cenoroamericano (CONDECA). Os dois encontros contaram com a participação de delegações militares de vários países da região, especialistas do Pentágono e observadores da Junta Interamericana de Defesa. Apesar das medidas de segurança e de desinformação que caracterizam este tipo de conclaves, sabe-se que entre as suas finalidades prioritárias esteve o fortalecimento de uma rígida coordenação técnico-material-operativa para enfrentar a chamada «suversão comunista».

No caso das forças navais, alguns delegados da Conferência Interamericana e órgãos de Imprensa destacaram o papel preponderante que círculos belicistas dedicam a esta arma no Atlântico Sul com vista aos próximos anos.

O matutino argentino «La Nación» não descartou a possibilidade de que os Estados Unidos e o Brasil tenham aproveitado a conferência para abordar temas referentes à criação de um pacto militar nessa estratégica zona: «A estratégia defensiva do Atlântico Sul seguramente será repensada ante a evidência de que uma ideologia estranha aos comuns interesses já chegou às suas águas». Diz ainda o jornal argentino: «A assistência a esta reunião por parte do vice-comandante de Operações Navais da Armada dos Estados Unidos, almirante Shear Harold, evidencia a importância que se deu a essas deliberações».

Uma agência de informações brasileira, entretanto, afirmou que a criação de uma força militar para controlar o Atlântico não teria sido examinada no encontro, porque o tema «está a ser estudado a alto nível pelas principais nações latino-americanas».

Por outro lado, a presença na CONDECA e na conferência naval de países como o Brasil, Chile, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Nicarágua, Guatemala e El Salvador, comprometidos com uma férrea repressão teleguiada de Washington permite que se faça uma estimativa inicial dos resultados de ambas as reuniões.

Um elemento que personifica as alianças militares que Washington pretende fazer reviver nesta região é o tenente general Denis P. Auliffe que representa o comando sul norte americano nas actuais sessões da CONDECA. Condecorado por seus «méritos militares» durante a fracassada agressão dos Estados Unidos ao Vietname, McAuliffe visitou o Chile em Setembro de 1975. Dois meses depois esteve no Paraguai, e, em Junho deste ano, entrevistou-se com altos dirigentes militares da Nicarágua. Nessas visitas e nos correspondentes intercâmbios com colegas chilenos, paraguais e nicaraguenses, o militar sublinhou o apoio do Pentágono à luta que se desenvolvia nos seus países contra a «a subversão de esquerda». E este tema, precisamente, confirma os propósitos políticos militares que os Estados Unidos pretendem materializar na América Latina e nas jovens repúblicas de língua inglesa, através de pactos militares.

José Fontana e a Fraternidade Operária

Continuação da pág. 11

em Portugal, como o são egualmente, na Allemanha, Karl Marx e Lassale.

E isto porquê?

. Precisamente porque elles representaram, na sociedade portugueza, mais alguma cousa do que as suas proprias pessoas. Elles foram os genuinos interpretes de uma ideia que honraram e glorificaram, pela sua coherencia, pela sua abnegação e pelo seu civismo. Foram dois puros e foram dois fortes. Era differente o processo de cada um. Mas o ideal, o fim, o objectivo era o mesmo em ambos. José Fontana era o apostolo da **Internacional**, e ella ahi está hoje mais solida e mais viva do que nunca, apesar da perseguição dos governos! Sousa Brandão foi o evangelista das **sociedades cooperativas**, e ellas ahi estão hoje a impôr-se por toda a parte e em todas as classes, apesar dos embaraços e obstaculos que o capitalismo lhe levante!

. Ha quem desanime a lucta e ha quem cance, durante o caminho. Nem um nem outro souberam nunca o que era o desanimo ou o cansaço. Trabalharam, combateram, perseveraram e seguiram sempre ávante como os crentes das antigas religiões. Edificaram sobre as ruinas e construiram sobre os escombros do velho mundo. A obra ahi está — bella, soberba, imponente. O exemplo é d'aquelles que não morrem nunca e a lição é das que aproveitam sempre. Inspiremo-nos no seu nobre e magnanimo exemplo e reavivemos nos nossos espiritos a grandeza e a sublimidade da sua lição.

A homenagem aos mortos deve constituir um culto para os vivos. E, quando os mortos se chamam José Fontana e Sousa Brandão, a homenagem reveste então o duplo caracter de um preito ao amigo querido e de uma apotheose pelo bravo, pelo apostolo e pelo heróe.

De «O Primeiro de Maio» Lisboa, 1894

. O vulto de José Fontana era daqueles que nunca se esquecem mais, uma vez encontrados na vida. Tinha um não sei quê de nobre e simpático, que o inundava de uma tonalidade doce e meiga, que o fazia atraente e vago. Quando ele falava, vagarosamente, espaçando as palavras e seguindo-as nos ares com o seu grande dedo comprido e descarnado, recorrendo á parábola e pintando comovido as misérias dos operários, o desalinho do lar e as lágrimas dos filhos, tomava um aspecto singular, como de um iluminado sonhador. Se tivesse nascido noutra época, Fontana seria, talvez, um asceta, um inspirado, tal é, pelo menos, a forma por que o reconstruo no meu cérebro, à distância de um bom par de anos. (2)

. Era suiço. Tinha nascido em Cabbio, cantão do Tessino, aos 28 de Outubro de 1840. Muito novo ainda abandonara o seu país e viera para Portugal. Em rapaz fizera o que todos nós fazemos: namoricara, comera, bebera... Há lá coisa mais natural neste mundo?... Depois, pouco a pouco, à sua vivacidade enérgica aliou-se aquele tom sombrio de reflexão, que o fizera tal qual o vemos mais tarde.

As Conferências do Casino — aquelas célebres conferências que iniciaram o movimento democrático em Portugal — foram obra sua e de Antero de Quental, o maior espírito, o mais ilustre cérebro, que eu conheço e admiro, a despeito de quanto queiram dizer os invejosos raquíticos e apoucados. No Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas eclipsava também Fontana os maiores oradores populares do seu tempo. Depois, o canhoneio de Paris orientara-lhe as ideias, dando-lhes forma definindo-lhes as aspirações. Fontana foi da plêiade brilhante dos que ousaram defender os incendiários de Paris, os petroleiros malditos e condenados. Era necessário coragem, talento, para o poder fazer!

. Naqueles tempos a Havas mandava de lá uns telegramas fulminantes e terríveis, que faziam arrepiar os coiros aos paquidermes da ordem. Mulheres desgrenhadas, de rosto feroz e incendiado de cólera — umas megeras, espécie de bruxas malditas de alguns dos contos alemães, segundo diziam as gazetas indígenas — andaram por lá deitando petróleo pelas ventas. E, contudo, as francesas, as boas parisienses, essas endiabradas que me quebrariam a pena — tais elas são, as gaiatas! —, nunca tinham feito mais do que deitar por terra a fortuna de algum banqueiro baboso e apalermado, ou então cometem um desses actos de dedicação heróica que são o assombro da história. Dos homens, dos liquidatários sociais, nome por que o das Notícias designava os gatunos, desses não falamos, comiam **beef** de burguês e retalhavam pedaços de estrela no diadema recamado do Padre Eterno — a eterna trapaça!

. À porta da Havanesca comentava-se isto tudo que Eça de Queirós tão bem desenhou. E olhava-se com susto para os comunistas da voga, uns leões que se davam ao chique de revolucionarismo retórico!

. Imagine-se como não seria visto Fontana e os mais que tinham a coragem das convicções e a firmeza da consciência! Contudo, no Centro Promotor, Fontana despertara entusiasmo, agrupando-se à sua volta toda a mocidade lúcida daquela agremiação prestante.

Depois, um encontro com Morago e Lorenzo — dois notáveis membros da Federação espanhola — levou-o a cuidar da organização de uma secção da Aliança da Democracia Socialista. Mais tarde a Fraternidade Operária, esse grande movimento que em 1872 reuniu todos os operários portugueses e de que Fontana foi o braço e Antero o cérebro, aí serviu para atestar toda a coragem do homem, toda a dedicação do apóstolo.

A actividade, o trabalho de Fontana, na Fraternidade não tiveram rival. Aparecia subitamente numas poucas de reuniões na mesma noite, encontrando-se tão depressa em Alcântara como no Beato, em Santa Clara como no Poço do Bispo. Era um homem, um trabalhador às direitas!

. Mas, ao mesmo tempo que ele revelava tanta energia, a doença, uma fatal doença que ainda muito novo se lhe alojara no corpo, caminhava também, aproveitando o cansaço daquele organismo para melhor o prostrar e vencer.

LUÍS de FIGUEIREDO

Artigo publicado no «Almanaque José Fontana», 1885

(2) Por lapso Luís de Figueiredo não cita o terceiro emissário da A.I.T., Francisco Morago.

Estrangeiro

ESCANDALO LOCKHEED

Revista italiana acusa primeiro-ministro Andreotti

ROMA, 31 (R) — O jornal democrata-cirstão «Il Popolo» desmentiu onte, à noite, vigorosamente, alegações de que o primeiro-ministro Guilio Andreotti poderia estar implicado no escândalo dos subornos da Lockheed.

As alegações foram feitas pela revista da esquerda «Expresso» que forneceu previamente a agências noticiosas italianas cópias de um aritgo que disse tencionava publicar esta semana.

«Il Popolo» descreve as acusações do «Expresso» como «difamação disparatada» e nota: «O senhor Andreotti não tem absolutamente nada a ver com o escândalo da Lockheed».

O «Expresso» afirma que possui duas cartas da Lockheed e um extracto do diário de um director da companhia indicando que a fábrica de aviões norte-americana oferecera a Andreotti verbas totalizando 43 000 dólares (cerca de 1290 contos).

A revista admite que era possível que os documentos tivessem sido divulgados para desacreditar o Governo minoritário de Andreotti que depende no Parlamento da transigência por parte dos comunistas em votações cruciais.

«Il Popolo» diz que o seu desmentido cabal das alegações do «Expresso» contra o primeiro-ministro seria publicado na edição de hoje.

A primeira carta citada pelo «Expresso» era datada de 8 de Setembro de 1968 e fora escrita pelo então vice-presidente da Lockheed, Carl Kotchian, a António Lefebvre, um advogado da fábrica norte-americana, a responder agora em Roma por acusações de corrupcão revela a revista.

A «Expresso» cita a carta como afirmando que o seu autor julgava que Andreotti receberia 28 000 dólares (cerca de 840 contos) para se conseguir a sua ajuda e a do seu partido na venda de 18 aviões Lockheed Orion P-3 à Marinha italiana.

A segunda carta parecia indicar também um pagamento, desta vez de 15 000 dólares (aproximadamente 450 contos), a Andreotti por causa da venda de jactos Starfighter à Turquia, prossegue a revista citando extractos de ambos os documentos.

A «Expresso» salienta que a venda dos Orion à Marinha italiana não se concretizou.

O extracto do diário de um director da fábrica não nomeia o homem e aludia apenas a uma combinação que esse indivíduo tinha feito para se encontrar com Andreotti num hotel de Roma.

A revista acrescenta que recebera os documentos de funcionários antigos e actuais da Lockheed, que não identificou, e que todas as diligências foram feitas para verificar a sua autenticidade.

A HOLANDA PREFERE ESQUECER

HAIA, 31 — (R) — O Parlamento holandês renovou o seu juramento de obediência à rainha Juliana da Holanda, a despeito do facto do príncipe Bernanrdo ter caído em desgraça por causa do seu papel no escândalo dos subornos da Lockheed.

O Parlamento de 150 membros rejeitou onte, à noite, a exigência da esquerda para o príncipe responder perante os tribunais e apoiou a rainha como o pilar do sistema constitucional do país.

Durante um debate de emergência, oradores condenaram o envolvimento do príncipe Bernardo com a Lockheed, mas prestaram sempre homenagem à coragem da soberana em colocar acima de tudo os interes-ses do país.

Após o debate, apenas dois deputados, representanto o Partido Socialista Pacifista (PSP), antimonárquico, se manifestaram a favor da sua moção pedindo procedimento criminal contra o príncipe.

O resto da Câmara Baixa, incluindo sete comunista, ficaram sentados quando a moção foi rejeitada, não chagando mesmo a ser aceite para discussã.

A rejeição reflectiu o desejo de todo o país ce esquecer o que se passou, a despeito das revelações de uma comissão de inquérito acerca dos negócios do prínicipe Bernardo com a Lockheed.

A comissão afirmou, na semana passada, que não podia provar concludentemente alegações de que o marido da rainha Juliana recebera mais de um milhão de dólares em «luvas» da grande fábrica norte-americana.

Contudo, o grupo de inquérito asseverou que o príncipe Bernardo tinha pedido entre quatro a seis milhões de dólares em «comissões» sobre a proposta venda de 13 aviões de reconhecimento Lockheed Orion P-3-C à Marinha Holandesa.

O príncipe demitiu-se imediatamente dos numerosos cargos oficiais e outros que ocupava, após esses revelações.

A ESPANHA OPTA PELO SILÊNCIO

MADRID, 31 — (ANOP) — Enquanto noutros países se avança na investigação e atribuição de responsabilidades aos subornados pela Lockheed, em Espanha, onde também existem envolvidas, ao que parece, altas «personalídades, procede-se com pouca pressa.

Na semana passada, a propósito das consequências na Holanda, com o reconhecimento de culpabilidade do príncipe Bernardo, a Imprensa espanhola foi mais uma vez agressiva, pedindo responsabilidades e esclarecimento quanto aos espanhois ecvolvidos no escândalo.

Como consequência, a agência Europa Press informava ontem que «a investigação iniciada com base no convénio de mútua assistência judicial assinado no mês de Julho entre o Departamento de Justiça dos Estados Unidos e o procurador-geral do Tribunal Supremo espanhol, encontra-se pendente de revisão de determinada documentação por parte do referido departamento».

Direito à eutanásia reconhecido na Califórnia

SACRAMENTO (Califórnia), 31 (FP) — O Parlamento da Califórnia aprovou na segunda-feira uma lei que confere o «direito de morrer» aos doentes em estado desesperado.

Nos termos da nova lei, que é a primeira nos Estados-Unidos, um indivíduo no caso de morte iminente poderá assinar uma declaração autorizando o seu médico a interromper os meios artificais que o mantêm em vida.

A lei, que vai fazer jurisprudência nos Estados-Unidos, foi aprovada por 43 votos contra 25 pela Câmara dos Representantes da Califórnia, depois de já ter sido votada pelo Senado. Foi, sem dúvida nenhuma, inspirada pelo caso de Karen Anne Quin, que continua em coma há dois anos. Os pais de Karen pediram às instâncias superiores que a filha fosse autorizada a «morrer com dignidade».

Embora um tribunal tenha permitido que lhe fosse retirado o aparelho respiratório há alguns meses, Karen Anne continua viva.

A nova lei deve ainda ser assinada pelo governador, Edmundo Brown. Se o não fizer ou se não opuser o seu veto num período de trinta dias, a lei entrará automaticamente em vigor.

MOTINS RACIAIS EM LONDRES

LONDRES, 31 — (ANOP) — Mais de 400 feridos e 69 pessoas presas — que serão hoje levadas a tribunal — é o balanço dos violentos recontros raciais registados ontem no bairro londrino de Notting Hill, que durante cinco horas opuseram a Polícia a imigrantes das Antilhas. O número de feridos conhecidos até ao momento, 403, entre os quais se contam 135 policias, faz destes incidentes os piores envolvendo imigrantes daquela origem e a Policia londrina desde há 18 anos.

Os combates iniciaram-se durante um festival das Caraíbas no bairro de Notting Hill, onde os primeiros choques raciais londrinos tiveram lugar, em 1958, quando grupos de jovens brancos perseguiam imigrantes negros.

A Policia revelou que os incidentes desta noite começaram quando agentes procuraram prender um negro acusado de roubar carteiras, o qual se escapou por entre a multidão. A Policia procurou persegui-lo, mas os emigrantes ocultaram-no e atacaram os agentes. Gerou-se de imediato uma batalha campal. A Policia, armada apenas com pequenos «cassetetes» utilizou tampas de caixotes de lixo e caixas de leite como escudos, combatendo ferozmente com os negros, que em número de 200 a 300 mil tinham acorrido ao 10.º festival do género.

Contudo, apenas algumas zonas foram afectadas, já que noutras a festa prosseguiu como se nada se passasse.

Jeff Crawford, porta-voz da comunidade de imigrantes das Antilhas, declarou que estes foram provocados pela presença de grande número de policias em Notting Hill, numa ocasião festiva. A Scotland Yard descreveu o sucedido como «uma desordem generalizada provocada por vândalos».

As 69 pessoas que hoje irão a tribunal serão acusadas nomeadamente da posse de armas ofensivas, comportamento agressivo e ataque à Policia. Um porta-voz do Governo anunciou que o primeiro-ministro James Callaghan recebeu informações constantes sobre a situação.

Entre os 56 milhões de habitantes da Grã-Bretanha contam-se 1 milhão e 800 mil naturais das Antilhas, vindos para Londres depois da Segunda Guerra Mundial, à luz de um programa de imigração patrocinado pelo Governo para preencher postos de trabalho vagos, especialmente no campo dos serviços públicos. Nos últimos dois anos, a comunidade tem sido atingida duramente pelo desemprego e nas zonas densamente povoadas por imigrantes, como Notting Hill, as relações com a Polícia têm-se deteriorado rapidamente.

Explodiu outra central nuclear

RICHLAND, 31 (R./D. L.) — Dez trabalhadores foram contaminados por radioactividade numa explosão registada numa central atómica, nas proximidades desta cidade. A explosão ocorreu quando era separada a substância radioactiva amerício de desperdícios atómicos, tendo sido inútil um escudo de protecção. O acidente, cujas causas não foram esclarecidas, vai reactivar nos Estados Unidos a polémica entre os partidários e os inimigos das centrais nucleares. Nos últimos tempos, diversas centrais explodiram, e tem-se vindo a assistir a instalação de outras em paises colocados sob a esfera politoca e económica dos Estados Unidos.

"La Souffrière" entrou em erupção

WASHINGTON, 31 — (R) — Entrou em erupção o vulcão La Soufrière, na ilha de Guadalupe, de acordo com o Instituto Geológico dos Estados Unidos.

Acrescentou que alguns cientistas que se encontravam na montanha ficaram feridos, e que dois dos seus cientistas em serviço a meio da encosta descreveram a erupção como muito violenta, expelindo lava ao redor da boca da cratera e com nuvens de cinza a elevarem-se no ar.

O Instituto declarou que 12 cientistas — 11 franceses e um britânico — que se encontravam no topo ficaram ligeiramente feridos.

Acrescentou crer que a explosão foi a grande erupção aguardada há algum tempo, e que a sua força abrandaria, agora.

Grande parte da população da ilha foi evacuada após o vulcão começar a expelir fumo e a provocar fortes tremores de terra, em Julho.

Parece não haver perda de vidas, segundo aqueles dois cientistas do Instituto comunicaram à sua sede pelo telefone.

Vaga de protestos em Espanha

MADRID, 31 — (ANOP-FP-R-DL) — Por todos os lados, a Espanha tem vindo a assistir a manifestações, a maioria de cunho laboral e político. Apesar de todas elas serem autorizadas, isso vem demonstrar o descontentamento que se generaliza. Durante o fim-de-semana passado, várias manifestações sairam à rua. Em Palência, perto de Bilbau, vinte e cinco mil pessoas gritaram «Euzkadi não quer centrais nucleares», numa manifestação contra a nuclearização da costa basca. Em Benejama, nas proximidades de Alicante, mais de cinco mil agricultores protestaram contra a situação no campo, nomeadamente contra a falta de uma política agrária clara. Em Burgos, várias centenas de familiares de presos políticos bascos que se encontram presos nesta cidade manifestaram-se pela concessão de amnistia geral e de melhores condições de vida prisional. Em Soria, no sábado, foi a vez de mil pessoas exigirem a readmissão dos despedidos da empresa Revilla, amnistia e um sindicato operário único. Em Rio Tinto, perto de Huelva, mais de 500 mulheres protestaram contra a situação naquela região, contra o desemprego e contra o aumento dos preços. Finalmente, na Corunha, durante uma manifestação de 3000 pessoas, ao iniciar-se o canto do Hino Galego a polícia carregou e dispersou os manifestantes que protestavam contra a situação dos moradores da localidade de Encobras, que serão expropriados para a construção de uma central térmica e a exploração de uma mina.

Enquanto isso, em Madrid a Confederação Nacional do Trabalho recusou-se a dialogar com o ministro das Relações Sindicais. Um comunicado da C.N.T. diz que «recusa o convite feito pelo ministro porque este contacto não se ajusta às previsões actuais da organização nem se enquadra na orientação até agora seguida pela mesma». No mesmo comunicado, a C.N.T. declara a sua independência em relação a qualquer grupo, partido ou ao Estado.

Entretanto, Dolores Ibarruri, «La Pasionaria», voltou a dizer que está preparada para entrar em Espanha, sejam quais forem as condições que possam rodear o seu regresso. A declaração foi feita na Jugoslávia, onde Dolores Ibarruri passou férias numa estância do mar Adriático.

Por outro lado, segundo o «Informaciones», o Governo já tem preparado um grande plano de medidas restritivas de energia, que poderiam começar a ser aplicadas na primeira quinzena de Setembro.

Colisão no mar Jónio

WASHINGTON, 31 (R) — Um submarino soviético porta-misseis colidiu no Mediterrâneo no sábado com a fragata norte-americana Voge — revelou a noite passada o Departamento da defesa.

Ambos os barcos sofreram estragos mas o único ferido de que há conhecimento é um tripulante norte-americano com possível fractura de um braço.

Um porta-voz do Pentágono disse que o barco soviético era um Echo 2 da classe de submarinos.

PUB

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO NO DOMÍNIO DA GEOTECNIA

Com início em 18 de Outubro, iniciar-se-ão na Universidade Nova de Lisboa dois cursos de Especialização no domínio da Geotecnia:

GE — Curso de Especialização em Geologia de Engenharia.

MS — Curso de Especialização em Mecânica dos Solos.

Estes cursos, que se destinam em princípio a a licenciados sem Geologia, Engenharia Civil e Engenharia de Minas, terão a duração de um ano lectivo.

As inscrições provisórias decorrerão de 13 de Setembro a 1 de Outubro.

Os interessados deverão dirigir-se aos:

Serviços Académicos da Universidade de Lisboa.

SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

QUINTA DO CABAÇO

OLIVAIS — LISBOA - 6

Televisão

Hoje

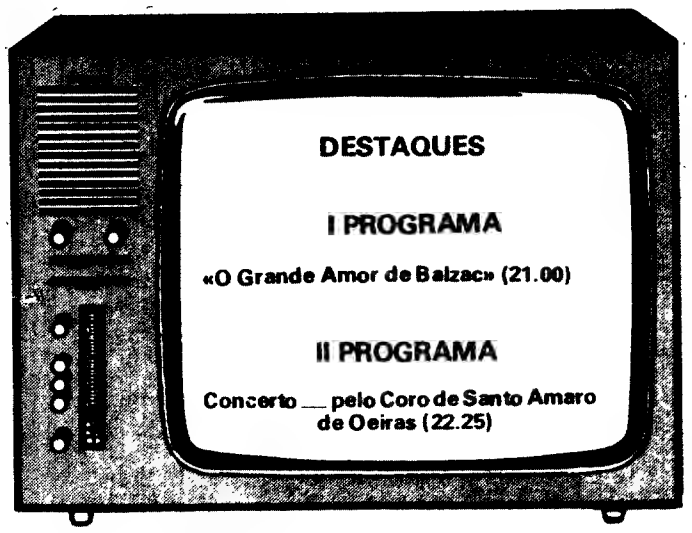
«A Pedra Branca»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e um episódio da série filmada **«A Pedra Branca»**
19.25 **Corpo Musical** — música africana.
20.00 **Ver** — equipa crónica: criar e falar em conjunto.
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.00 **«O Grande Amor de Balzac»** — série filmada.
22.05 **Agosto 76** — em férias.
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Wickie, o Viking»** — desenhos animados.
20.25 **«Os Goodies»** — o «non sense» inglês numa série da BBC.
20.55 **Passatempo** — magazine quinzenal.
21.50 **Telejornal**
22.25 **Concerto** — pelo Coro de Santo Amaro de Oeiras sob a direcção de César Batalha.
22.45 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

19.00 Abertura e «A Volta ao Mundo em 80 Dias»; **19.25** Arte do Ex Libris — a história do Ex Libris. Os artistas modernos e o Ex Libris. A exposição na Gulbenkian; **20.05**: Educação Permanente; **20.15**: Vamos Jogar do Totobola; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.00**: Esclarecimento sobre o Imposto Complementar; **21.20**: «Tempos Melhores» («Show Business») — um filme produzido em 1944, realizado por Edwin Marin e interpretado por Eddie Cantor, Constance Moore e George Murphy; **23.10**: Telejornal — 2.ª edição; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Roman Holidays» — desenhos animados; **20.25**: Fronteiras do Amanhã; **20.45**: Da Saúde e da Vida; **21.00**: «Sweeney» — série filmada; **21.55**: Telejornal; **22.25**: Sabe o que é um Hobby? — 7.º programa apresentado e realizado por Ruy Ferrão; **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786 - 834271
Avenida S. João de Deus 12-B - Rua Marquês ?

Canal da Crítica

Por **MÁRIO CASTRIM**

MANUEL FREIRE: A UNIDADE, A ESPERANÇA

Aconteceu. Como? Estamos ainda para saber. Aconteceu ... e de tão insólito nem se sabe se tudo não passou de sonho dos telespectadores...

Veio do Porto, pelo que aumenta a admiração. Se os programas do Monte da Virgem ainda são piores do que os do Lumiar, mais nos espantaremos de ver no ar um programa tão limpinho, de onde em onde com os seus ares de pequenas audácias que ficam sempre bem como desejo, ao menos, de fugir à estagnação.

Manuel Freire cantou. Não falemos em programa de variedades, pois a expressão arrasta consigo sugestões, comparações com os programas sofisticados, que nos chegam doutras lonjuras, particularmente italianas e francesas. Não podemos comparar. Falta-nos para isso tudo — e não apenas o Averty e o Antonello Falqui. Muitos, muitos anos vão ser necessários antes de podermos entrar na roda das variedices ocidentais. Se virmos algum interesse nisso, evidentemente.

Manuel Freire cantou. Reduzido à expressão mais simples: a sua voz, a sua viola, os versos dos nossos poetas. A nossa realidade.

Talvez por isso mesmo, seja tão grande o impacto desta «mensagem» de Manuel Freire. Mensagem que ultrapassa todos os quadrantes meramente políticos ou antes: meramente partidários. Que evita todo o sectarismo, toda a demagogia.

Para que apela o canto de Manuel Freire. Para o amor da paz e para a sua defesa, através do horror às formas mais hediondas da guerra, inscrito no poema de António Gedeão. Para a compreensão da realidade social portuguesa, através da denúncia da caricatura da felicidade rústica, no poema de António Cabral que nos fala de uma pobre aldeia *na vertente do Marão,* uma aldeia *muito linda, pois então.* Para o entendimento da injustiça social levada ao seu mais alto expoente que é a prostituição, através do poema de Sidónio Muralha. Para a utilização de um instrumento real e firme no combate pelo futuro, através do poema de José Gomes Ferreira.

Os inimigos estão bem denunciados nas imagens de Artur Moura: a miséria, a solidão, a ignorância. Para as derrotas, Manuel Freire ergue o seu canto, como um apelo à unidade. Era como se nos quisesse dizer: temos uma imensa tarefa à nossa frente. Reparem nestas povoações em ruína, nestas expressões doridas, nestas crianças miseráveis. Temos de lutar por elas, temos muitas, muitas razões para nos unirmos...

Por isso, na sua simplicidade, este programa é um homem de pé no barco a meter água da Televisão portuguesa. Aqui está como um programa pode entreter sem *distrair.* Aqui está como um programa pode ser didáctico sem ser chato. Aqui está o único processo de a televisão estar viva: *a rasgar o nevoeiro,* como diz o poeta.

UNS A CANTAR: OUTROS A JOGAR

Futebol, ao serão. A nossa estreia futebolística, estreia de ouro. Superjogadores, supertaças, superpúblicos. Uma grossa vedação a toda a volta do campo: o público visto através dessa vedação, eis uma das primeiras imagens no televisor. Como uma enorme gigantesca prisão...

O futebol. A tentação. Impossível desviar os olhos. Vício, herdado de um tempo em que nada mais era dado aos homens para se distrairem, para válvula de escape? Pretexto para mais divisões, para a clubite aguda para preencher falhas de filiação?

Talvez. Com grande parte, sim. Em grande parte a culpa está na engrenagem.

Não sei se repararam ontem: durante os noventa minutos de jogo, aqueles milhares de almas não se calaram, cantaram sempre, sem o mais leve intervalo para almoço, quando muito um quase nada de silêncio, para meter um «oh» de decepção quando o Anderlecht falhava um golo, depois nas calmas retomavam as cantorias. Sinal de alegria, elas? Sinal de alegria, num país, num pequeno país de tão elevado índice de exploração e de desemprego?

Em grande parte a culpa está na engrenagem. A «culpa» também pertence ao futebol, à sua beleza, ao seu espectáculo vivo, ás obras-primas de engenho, imaginação, inteligência, cooperação e poder atlético de um grupo de homens fechado no brevíssimo rectângulo.

Um clube alemão ocidental. Um clube belga. Frente a frente dois países, duas sociedades em crise, onde se verificam todos os elementos que definem uma crise: baixa de produção, incremento dos potenciais inactivos, aumento do desemprego, diminuição de nível de vida dos trabalhadores.

Superjogadores, superpúblicos, supercantorias. Parece haver uma grande alegria, uma grande felicidade, uma grande pacificação...

A vedação de arame é que estraga tudo. A vedação de arame e a presença pouco simpática daquele polícia ao pé do menino que tentava saltar a vedação para entrar na festa...

UMA PASTELADA

Jorge Listopad considera que entre as instituições de Belém, os *pastéis* são uma delas. Vai daí, dedica-lhes um longo programa onde os pastéis são contrapontados com a torre de Belém, as pernas dos frequentadores da pastelaria e outros símbolos igualmente conotados na filosofia apressada de Listopad.

Considera-se na economia política clássica como uma das características do trabalho oser uma actividade penosa. Ora essa característica não deverá ser nunca a de um programa de televisão.

Havia, na reportagem dos pasteis, possibilidade de uma reportagem com interesse? Claro. Há em tudo a possibilidade de uma reportagem que se possa seguir sem esforço e com proveito.

Infelizmente, não foi esse o caso. A entrevista com o velho cozinheiro esteve quase a atingir. Faltou a devida preparação para resultar como improviso, para nos dar, sem hiatos, um fossado pelos tempos idos, tempos de uma exploração sem limites ainda tão perto de nós. E de tão modernaça e contrapontística que desejou ser, a rubrica acabou na entrevista seca e sem qualquer interesse para os telespectadores de um sócio da fábrica de pastéis.

Um dos elementos que pesou na dificuldade da emissão foi a intervenção directa de Jorge Listopad. Língua de trapos, incapaz de manter uma conversa fluente, a precisar com urgência de um professor de português, o realizador era a pessoa menos indicada para o trabalho de repórter. Então o O'Neill, acabou-se?

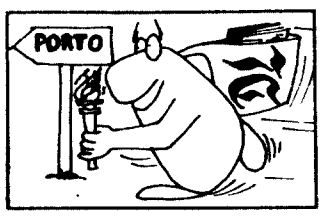
Bom, esperemos que a actividade de Jorge Listopad não se fique por aqui, ao mesmo tempo que lhe desejamos não volte a tratar com a mesma ligeireza numa pessoa como a Torre de Belém. Aquilo que ontem desnecessariamente fez, Listopad, é uma agressão. São fraquezas nossas, eu reconheço. Mas as coisas são o que são.

Continue, pois, com a sua actividade à procura das instituições. A seguir aos pastéis de Belém, podem seguir os pastéis de Tentúgal, as arrufadas, a palha de Abrantes. E já agora, meto uma cunha para os ovos moles — mas não brinqye assim com o Farol de Aveiro. Quem o avisa...

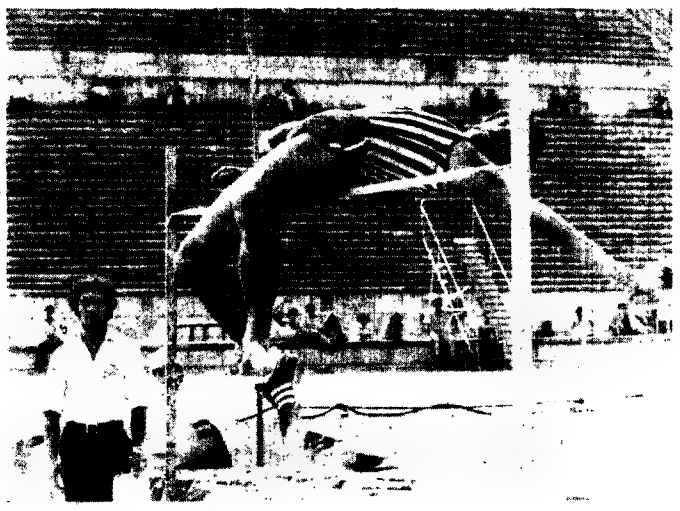
Abertas as inscrições para a Escola de Teatro

Continuam abertas as inscrições para a Escola Superior de Teatro que porá a funcionar os seguintes departamentos para o ano de 1976/77, formação de actores, cenografia, encenação, dramaturgia.

Os interessados deverão dirigir-se à Secretaria do Conservatório Nacional na Rua dos Caetanos, 29 até ao limite máximo de 10 de Setembro.



Desporto



José Carvalho, do Santa Clara, que no fim-de-semana totalizou 6754 pontos no decatlo, pulverizou o recorde nacional do mesmo. Em grande plano no Jamor, José Carvalho foi bem secundado por Conceição Alves (que venceu os 100 metros barreiras, a altura e os 200 metros), Joaquim Melo (disco e dardo) e Santinho das Neves, Ana Cardoso, António Borges, Paulo Rodrigues (1000 metros, dardo e altura), que venceram as provas extras. José Carvalho, à sua conta, «locupletou-se» com os 100 metros, comprimento, peso, altura, 110 metros barreiras, 400 metos e 1500 metros

XADREZ

João Sequeira ganha "Nacional" de juniores

João Sequeira, do Belenenses, com 7,5 pontos, venceu brilhantemente o VII Campeonato Nacional de Xadrez, na categoria de juniores, que durante mais de duas semanas decorreu em Peniche, e ao qual concorreram 48 praticantes da modalidade abrangidos pela categoria em questão vindos dos mais diversos pontos do País. A prova, apesar das dificuldades surgidas na semana anterior à sua primeira jornada, constituiu, por assim dizer, um êxito para a modalidade no que atinge propriamente ao fomento, desenvolvimento e promoção da mesma.

Este ano, ao contrário dos anteriores, os participantes não arcaram, quando a prova se efectuava centralizadoramente em Lisboa, com as despesas da sua deslocação e estadia. A D.G.D., em mais uma atitude que aqui se realça e que os participantes, em Peniche, referiram em termos laudatórios, contribuiu, aumentando a verba anual destinada à F.P.X., substancialmente para que o número de concorrentes fosse vasto e animado.

A última sessão (nona) decorreu sob o signo dos empates, salvo nos embates, entre outros, mais importantes, e aí, designadamente, à partida João Sequeira-Luís Quaresma, que o primeiro ganhou em 17 lances. Os resultados: Silvio Santos, 0-António Fernandes, 1; João Sequeira, 1-Luís Quaresma, 0; José Pereira dos Santos, 1-Fernando C.Mota, 0; Fernando Castro, 0,5-Fernando Fernandes, 0,5; Jorge Guimarães, 0,5-José Verissimo, 0,5 Luís Espírito Santo, 0,5-Fernando Sequeira, 0,5; Arlindo Vieira, 0,5-Pedro Palhares, 0,5; José Abrunhosa, 0,5-Alberto Fernandes, 0,5; Henrique Magro, 0,5-José Tenreiro, 0,5; António Baptista, 0,5-Silva Pereira, 0,5; Amadeu Loureiro, 0,5-Horácio Neto, 0,5; José Marques, 0-João Rafael, 1; Jorge Coelho, 1-Manuel Machado, 0; José Silva, 0,5-Oliveira Santos, 0,5; Carlos Quaresma, 1-António Diogo, 0; António Moura, 1-Ramiro Lopes, 0; Rui César, 1-Paulo Mota, 0; António Lourenço, 0-Guilherme Gonçalves, 1; Henrique Pereira, 0-José Eduardo Deus, 1; Rui Nunes, 0,5-Mamede Eustáquio, 0,5; Carlos Pinto, 1-Orlando Neves, 0; Carlos Simões 0,5-Fernando Baptista, 0,5; João Carvalho, 0-Fernando Nicolau, 1; e Fernando J. Vieira, 0,5 Joaquim, Marques, 0,5.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º, João Sequeira (Belenenses), 7,5; 2.º, António Fernandes (Benfica), 7; 3.º, Sílvio Santos (Porto), 6,5; 4.º, José P.Santos (C.A.Alvalade), 6,5; 5.º, F.Fernandes, 6; 6.º, F.C.Mota, 5,5; 7.º, F.Castro, 5,5; 8.º, F. Sequeira,5,5; 9.º, L.Quaresma, 5,5; 10.º, J.Guimarães, 5,5; e 11.º, J.Veríssimo, 5,5.

Aspecto parcial da última jornada do Campeonato Nacional de Juniores na semana finda em Peniche

PORTUGAL

ANDEBOL

. . O Belenenses defronta o Hapoel Rehovot, de Israel, na primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Andebol, enquanto que o Futebol Clube do Porto se desloca a Itália para defrontar o Volani Rovereto, no jogo inicial, a contar para a Taça dos Vencedores das Taças.

Os resultados do sorteio ontem realizado para a Taça dos Campeões foram os seguintes: Flemallois (Bélgica)-Duedelange (Luxemburgo); St. Maur (França-Grasshoppers (Suiça); Birkenhead (Inglaterra)-Sittard (Holanda); Ystads (Suécia)-Sparta (Helsínquia); Hafnarfdardar (Islândia)-Thorshavn (Ilhas Faroe); Dozsa de Sebrecen (Hungria)-VSKA de Sófia (Bulgária); Red Star de Bratislava (Checoslováquia)-Baernbach (Áustria); CSKA de Moscovo-SC de Leipzig (R. D. A.); Pallamano de Trieste (Itália)-Steaua de Bucareste (Roménia), e Belenenses (PORTUGAL)-Hapoel (Israel).

Ficaram isentos, e entram nos oitavos-de-final: Fredericia (Dinamarca), Gummersabach (Al. Federal), Borac Banja Luca (Jugoslávia), actual detentor da Taça, Oppsal (Noruega), Wroclaw (Polónia) e Alicante (Espanha).

Continua na pág. 16

LÁ FORA

JC DA URSS

. . Começaram a chegar a Moscovo os primeiros jovens que fazem parte de um grupo de 7500 voluntários de toda a União Soviética que vão colaborar na construção de instalações para os Jogos Olímpicos de 1980. Os primeiros jovens a chegar a Moscovo são naturais da Lituânia, Letónia, Moldávia e da cidade de Saratov. Não foi anunciada a duração da permanência em Moscovo destes jovens, cujo trabalho é organizado pela Liga da Juventude Comunista.

Nas férias de Verão os membros da Juventude Comunista, entre os quais estão estudantes universitários, trabalham regularmente em obras de construção civil na União Soviética. Para

Continua na pág. 16

COM VISTA AO "MUNDIAL"

Responsáveis portugueses preocupados com a Polónia

. A Comissão Técnica das Eleições de Futebol de Portugal revelou o plano de preparação dos 29 convidados para os primeiros treinos com vista aos encontros com a Polónia e a Dinamarca para a fase de qualificação do «Mundial» de 1978. No plano relativo à selecção principal, foi decidido que a preparação de jogadores seja dividida entre o Norte e o Sul, e, para efeitos de testes, no dia 31 do corrente serão observados, no Estádio das Antas (testes médicos e físicos) os seguintes 13 jogadores: Tibi, Tai, Freitas, Octávio, Dinis, Oliveiral Seninho, Gomes e Teixeira I, todos do F. C. do Porto; Botelho e Carolino (Boavista); Rui Lopes (Guimarães); e Costa (Académico de Coimbra).

Em Setembro decorrerão, em Lisboa, com início no Estádio Nacional, os testes para Bento, Pietra, Artur, Barros, Vítor Martins, Shéu, Vítor Baptista, Toni, Nené e Moinhos (todos do Benfica); José Mendes e João Cardoso (Belenenses); e Rebelo, do Vitória de Setubal.

Em 6 de Setembro, à noite, efectua-se a primeira concentração num dos hotéis de Espiril. No dia 7, de manhã, terá lugar um treino, seguido de outro, à tarde, no Estádio Nacional. Em 8, pela manhã, os seleccionados voltarão ao Estádio Nacional para efectuarem um treino de conjunto. Após esse treino voltarão aos clubes. No dia 20 de Setembro a preparação prosseguirá, realizando-se desta vez a concentração num dos hoteis de Espinho, onde ficarão instalados entre vinte e quatro e vinte e seis jogadores.

No dia 21 de Manhã e de tarde haverá treinos no Estádio das Antas.

No dia 22, pela manhã, treino de conjunto também no Estádio das Antas, para os jogadores regressarem seguidamente aos respectivos clubes. Em 3 de Outubro, os seleccionados concentram-se num dos hotéis de Espinho, possivelmente apenas os 16 jogadores de onde virá a saír a Selecção Nacional. Os 16 jogadores continuarão em estágio, para preparação da equipa até ao dia do jogo. No dia 16 de Outubro, pelas 21 e 30 terá lugar no Estádio das Antas, o Portugal-Polónia.

De 25 a 27 de Outubro a selecção portuguesa terá nova concentração, para treino de preparação, com vista ao jogo com a Dinamarca, a efectuar em 17 de Novembro. De 9 a 17 de Novembro, nova concentração com vista ao mesmo encontro, que se efectuará em Lisboa ou no Porto, para a fase de apuramento do «Mundial». A 29 de Novembro, nova chamada dos jogadores, que ficarão concentrados até 2 de Dezembro, para o jogo com o Chipre, a realizar a 5 desse mês, estando a partida para Nicósia prevista para dia 2 de Dezembro.

Quanto à Selecção de Futebol de «Esperanças», o programa dos jogos é o seguinte: 28 de Novembro, Luxemburgo-Portugal; 23 de Dezembro, Portugal-Itália; 12 de Outubro (de 1977), Itália-Portugal; 29 de Outubro (1977), Portugal-Luxemburgo.

Só podem participar nestes encontros jogadores nascidos depois de 1 de Agosto de 1955, portanto, com 21 anos, e já 22 na próxima temporada (a de apuramento final).

O futebol juvenil português também mereceu a atenção da Comissão Técnica para a época 1976/77. No que diz respeito aos juniores, a actividade terá início em 28 de Setembro, com estágio para 26 jogadores (a designar», o qual decorrerá até 30 do mesmo mês. O Campenato Nacional de Juniores começará em 18 de Setembro, verificando-se nova concentração de 5 a 7 de Outubro, no centro de estágio para 18 jogadores, que voltarão de 11 a 18 do mesmo mês, mas desta vez numa estalagem nos arredores do Porto.

Aqui estarão possivelmente 17 jogadores seleccionados para dois jogos particulares: Portugal-Polónia, no dia 15 de Outubro (em Braga) e Portugal-Polónia, no dia 17 de Outubro, em Aveiro. Em 22 e 23 de Outubro efectua-se uma concentração de 16 jogadores no centro de estágio. No dia 24 a seleção de juniores partirá para a Alemanha Federal, onde realizará também dois jogos particulares, em Kassel e Kaiserslautern, sendo o primeiro a 26 e o segundo a 28. A selecção portuguesa regressará a Lisboa a 29 de Outubro.

Durante o mês de Novembro haverá nova programação de concentração e treinos para o jogo com a Áustria, a contar para o Torneio Europeu, que se disputará a 21 ou 28 de Novembro. Os portugueses pretendem a primeira data, e os austríacos, a segunda. Se não houver acordo, a U.E.F.A. decidirá. Também há dúvida quanto à data da segunda «mão» do encontro, já que os portugueses pretendem princípios de Março, e os austríacos desejam jogar a 10 de Abril.

A Comissão Técnica, dentro do seu programa de trabalho, pensa ainda na realização de jogos inter-associações de juniores e juvenis.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A RRE[illegible]AÇÃO DA EMPREITADA N.º 3/76 D[illegible]NJOS EXTERIORES — ESPAÇOS VE[illegible]RD[illegible] A.C. E. DAS CALDAS DA RAINHA» — [illegible]AÇA

1 — Preço base ..... 9[illegible]00
Caução provisória ..... 2[illegible]000
Prazo de execução ..... 90 [illegible]

2 — Alvará exngido
— V categoria — Obras de Urba[illegible]iza[illegible] Sub-categoria da [illegible] Ca[illegible] Classe e subclass[illegible]e [illegible]ndente ao valor da [illegible]ro[illegible]presentada.

3 — Data, hora, limite e local para e[illegible]s propostas.
Até às 17 horas do dia 20 d[illegible] de 1976, no Fundo de Fomento da [illegible] Secção de Expediente Técnico, A[illegible] C[illegible]nio Bordalo Pinheiro, n.º 5-2.º andar — [illegible]oa.

4 — Local, dia e hora do acto público [illegible] Concurso.
No mesmo edifício, 8.º andar[illegible] pe[illegible] 15 horas do dia 21 de Setembro de 1976.

5 — Local e horário para exame do processo.
No mesmo edifício, 1.º andar, [illegible]as horas normais de expediente.
Fundo de Fomento da Habitação, em 25 de Agosto de 1976.

PELO DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Luís Fernando Gomes Ramos
Engenheiro

Desporto

AMANHÃ, NO "DL":

A "Volta" que foi a "Volta" que podia ser

Por NEVES DE SOUSA

PORTUGAL

Continuação da pág 15

VELA

O iate «Leander» foi o vencedor da regata do Campeonato Nacional de Cruzeiros, disputada no percurso olímpico de 15 milhas, entre Cascais, Parede, Cabeça do Pato e Cascais.

A classificação dos três iates participantes foi a seguinte: 1.º «Leander» (de João de Oliveira); 2.º «Canção do Vento IV» (do dr. Rui Vidal e 3.º «Optimist» (de Jorge Granger Pinto).

Na próxima. 6.ª feira, com largada às zero horas (defronte da Associação Naval) disputa-se a 2.ª regata com o percurso Lisboa-Sines-Cascais.

Estas duas regatas estão integradas na «Semana da Vela». O Campeonato Nacional de Cruzeiros disputa-se ao longo de seis regatas, a disputar durante o mês de Setembro.

VILA DO CONDE

Miguel Correia, na corrida para carros dos Grupos 2,3 e 5 vingou ontem, em Vila do Conde, a derrota que sofrera há três semanas, no Autódromo do Estoril, quando a vitória na mesma prova coube a António Onofre. Ainda ontem (Vila do Conde), no decorer de dois dias de provas dedicadas à competição automobilística e motociclista, Luís Cambra e Júlio Ferreira, ambos iniciados, impuseram-se nas classes acima de 1300 · até 1000, enquanto Manuel Massadas ganhou nos Grupos 2, 3 e 4. António Ruão, que já não é um desconhecido venceu prova dos «Minis».

O Circuito de Vila do Conde dominado pela vitória de Edgar Fortes na corrida do Grupo 1 (até 1300 cc), prova que contou para o Campeonato Nacional de Velocidade, teve Nuno André, José Pereira e António Monteiro (Iniciados) e Rui Gonçalves (consagrados), os vencedores das provas de motos, e foi ensombrado pela morte de Neto Veiga, que conduzia uma «Suzuki» 500 c. c. e perdeu a vida, devido a acidente, quando na segunda volta dos treinos. Foi imediatamente conduzido ao hospital, mas chegou já morto. Segundo parece, Francisco Veiga, ao iniciar a segunda curva, roçou com o patim do lado direito no chão, originando uma súbita inclinação para o lado esquerdo que o atirou para o solo. No choque com o alcatrão saltou-lhe o capacete de protecção.

Foto para a posteridade

ESTORIL TEVE "voltinha"

Sem controlo anti-«doping» nem desistências espectaculares, fazendo (mesmo) inveja aos «grandes» do pedal, jovens ciclistas disputaram a já tradicional «Volta a Portugal em Bicicleta» (miniatura) uma das mais populares e concorridas provas do calendário desportivo que a Estoril-Sol anualmente promove.

Apesar da chuva que, a determinado momento se fez sentir, os cerca de 200 concorrentes não arredaram pé e, fazendo prodígios de habilidade, proporcionaram um agradável espectáculo ao considerável número de assistentes, aglomerado à volta do parque fronteiro ao Casino Estoril.

As crianças participantes (de ambos os sexos) foram agrupadas por idades, tendo o júri estabelecido as classificações. A saber.

1.º Grupo (dos 5 aos 7 anos): 1.º, Francisco Manuel Santana; 2.º, Carlos Pedro Tavares Neves Grego; 3.º, Ricardo Manuel A.V. Brito; 4.º, Luís Mariano Ventura Borges; e 5.º, Luís Filipe Costa Casimiro.

2.º Grupo (dos 8 aos 10 anos): 1.º, Luís Gabriel Santana; 2.º, José Filipe da Silva Oliveira; 3.º, Octávio Paulo da Silva Gaspar; 4.º, Miguel Lucas; e 5.º, Nuno Miguel Dias V.Ramires.

3.º Grupo (dos 11 aos 13 anos): 1.º, José António Gomes dos Santos; 2.º, António Fernandes Nunes Cardoso; 3.º, António Manuel Marques Gazzo; 4.º, Manuel António Quintino Batista; e 5.º, João José Garcia Perloiro.

Futebol em arranque

PRESENÇA

O Primeiro-Ministro dr. Mário Soares, convidado para presenciar o jogo Sporting-Benfica (do calendário da jornada inaugural do campeonato nacional de futebol) aceitou: sábado lá estará, em Alvalade.

BEJA

Mau ambiente disciplinar em Beja, na conclusão de um torneio promovido pela secção columbófila do Desportivo local: foi expulso José Mário (por tentativa de agressão a um parceiro de outro emblema) enquanto que o colega bejense Carlos Alberto não esteve em meias tintas pois, ao sentir-se ultrajado por um espectador, saltou a vedação e iniciou um despique pugilístico que prontamente englobou uma dezena de assistentes. Só a muito custo a P. S. P. conseguiu serenar os ânimos em polvorosa.

AÇORES

A fim de resolver o problema da arbitragem no futebol, a Comissão Regional de Árbitros de Ponta Delgada vai efectuar um curso de arbitragem. Os candidatos serão indicados pelos próprios clubes filiados na Associação local, independentemente de outros interessados.

ORIENTAL

Derrota do «team» futebolístico do Oriental em terras espanholas: face ao Valladolid (em Espanha) a marca de 0-2.

Anderlecht supercampeão

O Anderlecht (da Bélgica) vencedor da «Taça dos Vencedores das Taças», conquistou a «Supertaça» ao derrotar os campeões europeus (do Bayern de Munique) por 4-1 (ao intervalo 2-0).

As equipas

Anderlecht: Ruiter; Vander Elst, Broos, Vandendaele e Dockx; Mackenzie, Haan e Coeck; Vercauteren, Ressel e Rensenbrink.

Bayern de Munique: Maier; Andersson, Schwarzenbeck, Beckenbauer e Horsmann; Durnberger, Rummenige e Torstensson; Kapelmann, Muller e Hoeness.

O Anderlecht, que perdera na Alemanha (por 2-1), conquistou o troféu (por 5-3) após uma partida em que foi sempre superior, impondo-se principalmente pelos seus perigosos ataques, a maioria iniciados pelo magnífico jogador inglês Duncan Mekenzie que se estreou e pelo qual os belgas despenderam catorze mil contos.

A marcha do marcador foi a seguinte: 1-0, por Rensenhrick, aos 20 minutos; 2-0, por Vanderelst, aos 25; 3-0 por Haan, aos 59; 3-1, por Muller, nos 62 e 4-1, por Resenhrick, aos 82.

LÁ FORA

Continuação da pág. 15

as Olimpíadas de 1980, Moscovo tenciona construir dez complexos desportivos, além de melhorar e transformar outros já existentes.

PROGRESSÃO

Em encontro da 2.ª «mão» das eliminatórias da Taça do Mundo em futebol, para 1978 (subgrupo quatro da zona centro americana e Caraíbas) a equipa nacional de Cuba eliminou a da Jamaica em Havana por 2-0. Também vencedora do encontro da 1.ª «mão» (em Kingston) por 3-1, Cuba qualificou-se para a eliminatória seguinte, frente ao Haiti, equipa vencedora das eliminatórias do subgrupo três da mesma zona.

CAPTAÇÃO

O clube profissional da R.F.A., «Werder Breme», quemilita na 1.ª divisão, resolveu oferecer bilhetes gratuitos a todas as mulheres que desejem assistir aos jogos disputados no seu estádio a contar para a «Bundesliga» (campeonato nacional).

«RECORD»

O soviético Alexander Gazov, campeão olímpico de tiro (alvo movel) bateu o «record» mundial nesta especialidade na prova ontem disputada em Minsk, ao conseguir 580 pontos. Gazov melhorou em um ponto o anterior «record» mundial.

No 2.º lugar (com 579 pontos) ficou o seu compatriota Alexander Kadayrov, medalha de prata em Montreal.

ADEUS

O marquês Diego de Sterlich Alibrandi, que foi várias vezes campeão de corridas automobilísticas nos anos vinte, morreu ontem, em Teramo. Nasceu em Pescara no ano de 1898 e foi um dos campeões europeus do pós-guerra. Entre os seus triunfos contam-se o Grande Prémio do Mónaco, e foi um dos fundadores do Autodromo de Monza.

TÉNIS

O sueco Bjorn Borg ganhou o Torneio Internacional de Tenis de Brookline, ao vencer na final, disputada ontem, o norte-americano Harold Solomon (por 6-7, 6-4, e 6-2).

MUNDIAL-78

O Secretário de Estado dos Desportos argentino, general Domingo Trimarco, afirmou à AFP que o Campeonato do Mundo de Futebol de 1978 se realizará mesmo na argentina e na data prevista, de 1 a 25 de Junho. Aludindo ao assassinato, quinta-feira passada, do Presidente do Organismo Autarquico Mundial-78, General Omar Actis, o Secretário de Estado insistiu em que «nada poderá impedir a Argentina de realizar este Mundial nas melhores condições possíveis».

O assassinato do general Actis, atribuido pelas autoridades a guerrilheiros, teve como única consequência prática, segundo parece, o adiamento, por quatro dias, da Conferência de Imprensa para apresentação da nova organização criada pelo governo argentino, que foi marcada para 23 do corrente.

1980

Cerca de dois mil milhões de telespectadores verão os Jogos Olímpicos de Moscovo, anunciou a agência «Tass». Este número ultrapassa os índices análogos dos Jogos Olímpicos realizados em Munique e Montreal.

A fim de levar a cabo aquele serviço, está prevista uma ampliação da estação de televisão de Ostankino, assim como a construção de um centro de televisão e rádio que assegurará dezenas de emissões de rádio simultâneas, e programas de televisão a cores para todos os continentes, especificou Abram Melberg, director dos trabalhos de construção daquele centro, ao ser interrogado pelo repórter da Tass.

Para cobrir as competições olímpicas que se desenrolarão em 28 estádios serão utilizados 50 carros de reportagem que transmitirão som e imagem para o centro olímpico de televisão. Numerosos estúdios do telecentro prepararão e realizarão a emissão de programas variados através de ligações terrestres e via satélite. A «Eurovisão», companhias de televisão estrangeiras, tal como a «Intervisão», serão reservados locias e equipamentos especiais. Os locutores terão cabines dotadas de écrans de controle a cores, graduação de som, gravadores e leitores de bandas magnéticas, permanecendo em ligação ao centro de informática dos Jogos Olímpicos.

HUNT

O inglês James Hunt ganhou o Grande Prémio da Holanda, adiantando-se a Regazonni, Andretti, Pruce e Scheckter, numa prova em que os abandonos foram a nota dominuto e a vitória de Hunt o colocou a dois pontos de Lauda, ainda «leader» do Mundial para condutores de Fórmula 1, que reaparecerá, com a Ferrari, no próximo prémio a contar para a «maior» do automoblismo mundial.

A classificação para o campeonato mundial fica ordenado como segue: 1.º Niki Lauda, 58 pontos; 2.º James Hunt, 56; 3.º Jody Scheckter, 36; 4.º Patrick Depailler, 26; 5.º Clay Regazzoni, 22; 6.º Watson, 18; 7.º Laffite, 16 e 8.º Mass, 14.

VARSÓVIA

Faina Melnik, da União Soviética, ganhou o lançamento do disco no Torneio Internacional de Atletismo entre as selecções da União Soviética, da República Democrática Alemã e da Polónia que está a decorrer em Varsóvia, batendo a campeã olímpica, Evelin Schlaak, da R.D.A.

Faina Melnik obteve a marca de 66,86 metros, enquanto Evelin Schlaak conseguiu 66,42 metros.

Outra surpresa deste torneio foi a derrota do campeão olímpico do salto em altura, Jacel Wszola, da Polónia, que ficou no quarto lugar, com 2,18 metros. O vencedor foi o soviético Vladimir Kiba, com 2,21 metros.

Desporto

MALI: BEM OU MAL?

Keita, o chutador do Mali que, há meia dúzia de temporadas foi nome sonante do futebol europeu (alinhando pelos franceses do Saint Etienne) está agora em Portugal, para defender as cores do Sporting. Salif Keita (29 anos, 70 quilos, 1 e 78 de altura, casado, pai de um rapaz) vem tentar nos «verde-brancos» a redenção de épocas pobres ao serviço do futebol espanhol (Valência), de onde saiu acusado de ser «profissional pouco cumpridor», mais amigo de ficar na bancada do que colocar o físico em jogo, perante adversários considerados «duros e difíceis». Apesar do rótulo e da aparente veterania do jogador, o Sporting não hesitou em ir buscar o «Bota de Ouro» de 1974: que já treina com os «leões», desejoso de um volte-face na carreira

Seria para análise?

Não foi muito feliz, no aspecto disciplinar como no desportivo, o passeio de diversos clubes portugueses em rodagem das suas turmas futebolísticas por terras estranhas. Para além de alguns desfechos terem sido nitidamente desfavoráveis, há a registar que o «académico» Vala como o «belenenses» Pincho foram mandados para o balneário antes do que previam, em face de mau comportamento disciplinar, o que é sempre de verberar e lamentar.

Para amenizar, resta uma **consolação**: nos Camarões, com o «onze» que esteve face a face com o Benfica, ocorreu um dos mais insólitos casos até hoje verificados em terrenos desportivos enquadrados por assistência. Sucedeu com o sr. Kang, chutador de fracos méritos que, a certa altura do espectáculo, não esteve com meias medidas: levantou uma «asa» do calção e fez chichi ali mesmo, ante a risota indignada do pagode lá dos Camarões que (valha a verdade em traço numero) presenciava aquele «extra» na recepção aos campeões portugueses de futebol.

Kang veio para o olho da rua; mas o nome fica já inscrito como o de «pioneiro» de um novo tipo de complemento ao «show» do pontapé na bola.

EUSÉBIO EM JOGO DUPLO

. Qualquer coisa não gruda bem em torno da directiva mais responsável pelo futebol do Sporting de Braga, a avaliar por declarações emanadas de membros da gerência do «Arsenal do Minho», hoje inscritas em camaradas de Imprensa e respeitantes a Eusébio, agora (também) campeão futebolístico dos Estados Unidos da América do Norte.

No «Record», afirma-se:

«O famoso Eusébio já declarou que regressaria a Portugal. E, segundo conseguimos saber, junto do director da secção de futebol do Braga, Bento Ferreira, não está posta de parte a hipótese do seu ingresso no clube bracarense, hipótese que parece ser do agrado do treinador Mário Lino».

Por seu lado, pode ler-se o seguinte no «Diário de Notícias»:

. A notícia de que Eusébio terminada agora a sua campanha no Canadá ao serviço do Toronto (recente vencedor da Liga Norte-Americana), regressaria em breve a Portugal para defender as cores do Sporting de Braga foi acolhida com natural surpresa nos meios afectos ao clube minhoto, embora, de um modo geral, a perspectiva tenha agradado aos seus adeptos.

«Não há ponta de verdade nessa notícia» — afirmou o chefe do departamento de futebol do clube bracarense, João Carvalho, ao ser abordado sobre o assunto. «Podem desmentir a notícia» — sublinhou.»

. Perante esta dessincronisação de ideias, fica-se numa encruzilhada: para que lado mora a verdade?

AMNISTIA ESCLARECIDA

Com data de 25 de Agosto último e assinado pelo secretário de Estado dos Desportos e Juventude (dr. Joaquim Manuel Barros e Sousa) seguiu para publicação no «Diário da República» o despacho n.º 70/76. Pela sua importância, transcrevemo-lo a seguir:

«Em face de algumas dificuldades e dúvidas suscitadas pelo meu despacho 66/76 esclareço e determino:

«1 O citado despacho considera-se em vigor a partir da data em que foi exarado (12 de Agosto de 1976), tendo sido transmitido por circular da Direcção-Geral dos Desportos de 18 de Agosto, e publicado no «Diário da República» de 24 do mesmo mês.

«2 São abrangidas todas as penas disciplinares em curso, incluindo as de suspensão, irradiação, multas e interdição de campos.

«3 As multas já pagas não são restituídas, considerando-se as outras perdoadas.

«4 Os processos em curso para apuramento de infracções praticadas antes de 12 de Agosto de 1976, incluindo os conclusos para julgamento nessa data, devem ser arquivados, cessando as suspensões preventivas nele ordenadas.

«5 As penas amnistiadas não contam para efeitos de reincidência ou sucessão de faltas.»

Para ganhar...
tem que apostar!

TOTOBOLA
16ª época 1 X 2
O PRIMEIRO CONCURSO
É JÁ NO DIA
5 DE SETEMBRO

MARROCOS
...país exótico ao pé de casa!
FINS SEMANA
1 SEMANA
DESDE 2 390$
INFORMAÇÕES & RESERVAS
Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

Geral

Bebé de oito meses morto pelo pai

Completaria ontem oito meses, um bebé morto pelo pai no passado dia 18, em Moscavide. O homicídio foi perpetrado com o auxílio de uma chave de fenda. A vítima inocente ficaria com cinco costelas partidas, perfuração do pulmão direito e fractura craniana.

Na origem do assassínio, parece estar uma desavença entre o infanticida, António Jesus Afonso, de 20 anos, e a companheira deste, Filomena Prazeres, de 24, que terminou com a separação do casal.

Informado com o rumo dos acontecimentos (abandonado pela Filomena e com o filho à sua responsabilidade) o António foi buscar o bebé ao quarto de um casal amigo, contíguo ao seu, e ceifou-lhe a vida com a chave de fenda. Depois, embrulhou o pequeno corpo num cobertor, abandonando-o de seguida junto a uns arbustos, próximo dos Olivais.

Um cauteleiro passa pelo local, e alerta transeuntes e moradores. Quando chegam ao sítio, o cadáver tinha desaparecido. O cauteleiro passa por mentiroso, mas continua a afirmar a pés juntos que tinha visto ali uma criança morta. Só muitas horas depois o corpo é encontrado, sob uma laje, debaixo da ponte da linha do comboio, em Beirolas. (O que se passara foi que o criminoso andava por ali por altura da descoberta do cadáver, e resolveu levá-lo para outro local).

A Polícia Judiciária procedeu imediatamente a investigações, e o assassino acabaria por ser detido, em Reguengos de Monsaraz, quando assistia ao casamento de uma irmã.

Finalmente apanhado pela Polícia, António Afonso revelou-se de uma insensibilidade impressionante: confessou o crime, com todos os detalhes, justificando-o na atitude assumida pela companheira. E contou que ela lhe dissera, na hora do abanadono, que «guisasse o filho com batatas».

Esta frase atribuída à mãe do bebé, semeou revolta entre a vizinhança da Filomena, em Moscavide, que se preparava para fazer justiça. Mas a Filomena defende-se: «Eu vinha buscar o meu filho. Se o quisesse matar, não voltava a Lisboa».

Outras investigações da P. J. levam a crer que a fúria do António Afonso, que se abateu na criança, resultava da circunstância de viver a expensas da companheira. Numa determinada altura, esta decidiu acabar com «aquilo», e foi o bebé a pagar o desespero do rufião.

O enterro da vítima é pago pela Santa Casa da Misericórdia, que não paga, no entanto, a importância de 195 escudos ao Instituto de Medicina Legal (150 de emolumentos e 45 por «retenção do corpo»). Na circunstância, agentes da Polícia Judiciária tiveram de se cotizar para obter esta verba, porque, doutra forma, o cadáver não seria entregue à mãe, considerada indigente.

Eventuais da C.U.F.P. pretendem "solução rápida"

Trabalhadores eventuais da Companhia União Fabril Portuense, em número de 134, continuama lutar pelo direito ao trabalho, aguardando uma «solução rápida do nosso problema pelas entidades competentes».

Informam, ainda, que «para esse efeito, está marcada uma reunião em que tomam parte delegações do Ministério da Indústria e Tecnologia, Ministério do Trabalho, Secretariado do Fundo de Desemprego, Comissão Administrativa da C. U. F. P. Sindicatos dos Rodoviários, Químicos, e Armazenistas e dos Trabalhadores Eventuais da C. U. F. P.».

Os 134 trabalhadores eventuais da C. U. F. P. encontram-se em greve desde quarta-feira passada, lutando pela garantia de trabalho. Utilizados desde há vários anos nc período de maior procura de cervejas e refrigerantes, os eventuais empreenderam, há algum tempo, a luta nosentido de passarem à efectividade, mas têm esbarrado sistematicamente no desinteresse da administração.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

EmPortugalContinental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco chovia em alguns locais no Centro do País e havia neblina na Faixa do Litoral a norte do Cabo Mondego.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima..... 29,5°

RÉGUA

Mínima ..... 7,5°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu temporariamente muito nublado; vento fraco; possibilidades de aguaceiros em especial nas regiões montanhosas; condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nos locais do interior no norte; neblinas matinais na Orla Costeira a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	19°
COIMBRA	20°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	20°
FARO	23°
FUNCHAL	23°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.07	3,7 m	1.25	1,2 m
20.40	3,6 m	13.53	1,3 m
Dia 1			
9.14	3,6 m	2.28	1,5 m
21.58	3,4 m	15.09	1,6 m
Dia 2			
10.36	3,5 m	3.49	1,7 m
23.25	3,4 m	16.41	1,7 m

AMANHÃ

NASCER AS 7.06
OCASO AS 20.07

DIA 1 — DIA 8 — DIA 16 — DIA 23

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

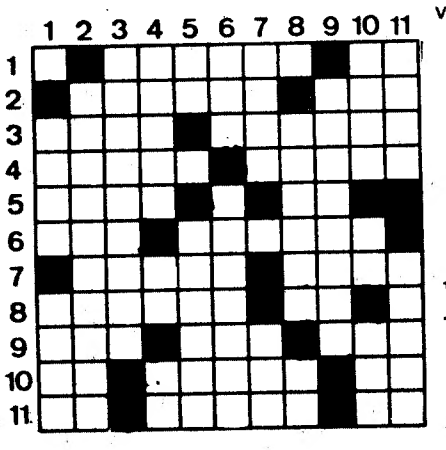
PROBLEMA N.º 11458

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. O destino. Amónio (s.q).
2 Movia os remos. Piedosa.
3 Junção da preposição de e o pronome pessoal ela. Ampério.
4 Regiao montannosa da antiga Grécia ao S. da Macedónia. Naipe das cartas de jogar.
5 Mulher muito gorda e feia (pop). Átomo.
6 Percebo. Agucem.
7 Ponho em salmoira. Homem de baixa estatura.
8 Nome cientifico da bicha solitária (pl.) Escândio (s.q).
9 Espaço de doze meses. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Aqui está.
10 Item. Prendeis. Moderato.
11 Apelido. Falhas. Ósmio (s.q).

VERTICAIS:

1 Divindade. Pronome demonstrativo.
2 Revela.
3 Ilha do Estado do Rio de Janeiro.
4 Nome vulgar de uma ave nocturna da região do Amazonas. Vi. Átomo.
5 Basta. Sente agastamento.
6 Nome de fruto. Por de pos-
7 Ramalhete. Fecha as asas para descer mais depressa.
8 Deras pios. Sua Santidade.
9 Pertença.
10 Serra de Portugal. Miriare. Intimo.
11 Madres. Dificuldades (fig).



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

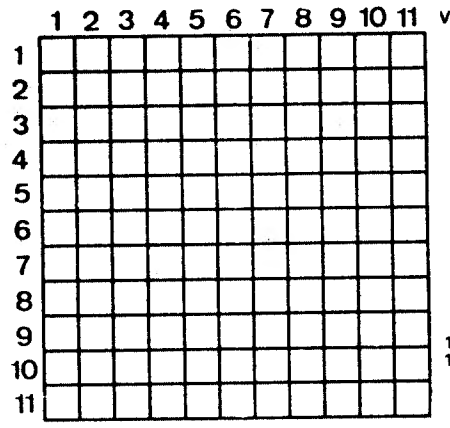
PROBLEMA N.º 7618

HORIZONTAIS:

1 Recua. Leão da América.
2 Em as. Apelido.
3 Cidade de Espanha. O lado do vento (inv).
4 Nome de mulher. Greda branca.
5 Ósmio (s.q). Pêlos de certos animais. Remedeia
6 Dite. Bebedeira.
7 Grama. Possuir. Nome de mulher.
8 Adoçar com mel. Zombar.
9 Apreciaria. Actinio (s.q).
10 Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Acreditei.
11 Estimou. Conquistais.

VERTICAIS:

1 Prefixo de privação. Um dos nomes de um rio da África equatorial. Sadia.
2 Cabelos brancos. Ribeira de Portugal. Interjeição que designa estrondo ou detonação.
3 Empreguem. Terror.
4 Cartas de jogar.
5 Dança popular portuguesa. Pronome pessoal (pl).
6 Riscar.
7 Freguesia do concelho de Barcelos. Fértil.
8 Triture. Senhores. Armaria.
9 Campeão. Pesquisar. Seguia.
10 Regressaria.
11 Elmo. Instrumentos para atirar setas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11457

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 SARAMGO. Em.	1 Sa. MOSTARDA.
2 Acarearia.	2 Acropole. Ar.
3 Ra. Tal.	3 Ra. Sir. Rato.
4 Mostro. Colo.	4 Ar. Torreão.
5 Ópio. Bilha.	5 Me. Isar.
6 Sorris. Os.	6 Aaro. Aar.
7 Tl. Rs. Ana.	7 Grá. Aromo.
8 Aérea. Resma.	8 Io. Cisne. Oc.
9 Aarão. Au.	9 Atol. Asara.
10 Dato. Amorna.	10 E. ALHO. Múri.
11 Aro. Trocais.	11 Meloas. As.

PROVERBIO: SARAMAGO MOSTARDA E ALHO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7617

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Asada. Onera.	1 Aramá. Sobra.
2 Rarar. Romeu.	2 Salomé. Sãos.
3 Al. Me. Al. Fr.	3 Ai. Casa. Ria.
4 Moca. Afie.	4 Dama. Traça.
5 Ama. Caa. Ulo.	5 Are. Carta.
6 Estarreja.	6 Bara. Vê.
7 Arrasta.	7 Ora. Ársis.
8 Os. At. Il. Mi.	8 Nola. Ética.
9 Barca. Sc. Es.	9 Em. Fuja. Ro.
10 Roia. Aras.	10 Refila. Meãs.
11 Asa. Seu. Osa.	11 Áureo. Missa

M.A.R.N. marca encontro de rendeiros na Anadia

No comunicado do M. A. R. N., onde se convocam rendeiros e agricultores para um encontro, que se vai realizar no próximo dia 12 no Clube de Famalicão, na Anadia, surge mais uma vez um apelo à luta pelo cumprimento da lei do Arrendamento Rural.

Aludindo a um dos pontos mais relevantes da Lei que é a obrigatoriedade de todos os contratos serem feitos por escrito para se evitar ambiguidades que levem o senhorio a tomar as posições que entender o texto afirma:

«O valor da renda é fixado em dinheiro e tem de estar de acordo com a tabela de rendas máximas aprovadas pelo Governo, dando-se na maior parte dos casos um abaixamento de rendas».

A propósito dos problemas com que se debate neste momento a gricultura, sobretudo os que se relacionam com as incertezas do tempo o comunicado depois de sublinhar que vivemos um ano de seca o que se poderá traduzir em graves prejuízos nas colheitas acrescenta: «Como os prédios que nós temos não produziram, não por nossa culpa, mas por culpa da seca, nós segundo o Artigo 8.º da Lei do Arrendamento, queremos direito à redução da renda que poderá ser paga em prestações».

Franceses interessados pelo mar dos Açores...

PONTA DELGADA, 31 — As riquezas do fundo do mar dos Açores estão a ser investigadas pelo navio francês «Jean Charcot» pertencente ao «Centre National pour l'Explitation des Oceans», agência governamental francesa dedicada aos estudos oceanográficos.

Apetrechado com moderno equipamento de pesquisas, o «Jean Charcot» tem como objectivo principal a colheita de amostras de rochas e de sedimentos, bem como o registo de anomalias magnéticas que ajudarão a definir o modo como é adicionado material novo ao fundo do Atlântico Norte e, de um modo geral, à superfície do planeta, como um todo.

O «Jean Charcot» regressará de largo dos Açores à ilha de S. Miguel no próximo dia 5 de Setembro, partindo dois dias depois para Dakar.

Reunião de trabalho do Retornado na Cooperativa

Efectua-se na próxima quinta-feira, pelas 14 horas, na sede da Cooperativa do Retornado, uma reunião de trabalho para a qual estão convocados todos os sócios dessa organização provisoriamente, instalada no edifício Maria Pia, a Xabregas.

A Cooperativa do Retornado, que já tem existência legal e cerca de cinco mil sócios, tem por objectivo principal coordenar os esforços dos retornados para um melhor aproveitamento económico das suas possibilidades de trabalho. Dentre os projectos já em estudo destaca-se o da entrega duma propriedade sita no distrito de Santarém aos sócios da cooperativa ligados ao sector agrário.

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções da Europa; **17.30**: Conjuntos; **18.00**: Noticiário __ música portuguesa; **18.30**: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**: Peomas e poetas, por Herminia Tojal __ música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Contraponto __ edotirial; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Jazz; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa

15.30: Que quer ouvir?; **17.15**: Intercâmbio musical; **17.35**: Música coral sinfónica; **19.45**: Música de harpa; **20.00**: Música sinfónica; **21.05**: Música vocal; **22.00**: 5 Prelúdios e Fugas, do «Cravo Bem Temperado», n.º 20 a 24, de Bach; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: «La Gloria e Imeneo», cantata para o casamento do rei Luis XV, fr ivaldi; **23.52**: Música de câmara; **00.14**: Sinfonia n.º 4, em mi menor, op. 98, de Brahms; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Macional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Dsico... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.05**: Novas de alegria; **23.20**: A música e as vozes.

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: Entardecer __ de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade (repetição) __ cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.05**: Trechos seleccionados; **18.15**: Igreja em notícia __ palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **00.00**: Meditando; **02.00**: Encerramento da estação.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1

TODA A NOITE

AJUDA
Dilena, R.Aliança Operária, 49-A-B (T.636620)
ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (T.77482); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T.725859)
AMOREIRAS
Pátria, C.dos Mestres, 30-A (T.680627(M
ANJOS
Góis, R.dos Anjos, 12-C (antiga R.Registo Civil) (T.340101)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (T.763107)
BENFICA
Lavinha, R.Eng. Paulo de Barros, 28-A (à R.do Casquinho) (T.708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, R.Coelho da Rocha, 119 (T.666206)
CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T.780181)
CASTELO
Ziler, R.S.Tomé, 54 (T.862835)
LAPA
Alba, R.de Santana à Lapa, 156 (T.663562)
LUMIAR
S.Tomé. E.do Desvio, lote 12-C (T.790704)
PICHELEIRA
Marluz, C.da Picheleira, 140-B-C (T.720703/728395)
SÃO PAULO
Açoreana, L.Conde Barão, 2 (T.661330)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av. Luís Bivar, 11 (T.44324)

TURNO P-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Probidade, R.de Alcântara, 15-A (T.638589)
ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, R.D.Domingos Jardo, 28-A (à Av. D.Afonso III) (T.843439)
ALVALADE
Paris, R.Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote de Água) (T.710131)
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T.47088)
AREEIRO
Vera Cruz, P. Afrânio Peixo-
BAIRRO ACTORES
Esperança, R. CArlos Mardel 101-B (T.722868)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.Casas Novas, lote 66 (T.310172)
BAIXA
Morão, R.da Assunção, 1 (T.321289)

BENFICA
Sousa, E.de Benfica, 429 (T.780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T.650760)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha, 34-B (Quinta das Mouras) (T.794174)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710321)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Miserocórdia, Vila (T.2930391)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.2113953)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Toda a noite
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485)
PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T.2471785). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Castro Rodrigues, R.Capitão Leitão, 21-A (T.2750076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R.Almeida Garrett (T.2076454)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50 (T.2494182)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
BSESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P.do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 17

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Suc., P.Marquês de Pombal, 122 **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 **Prelada**, R.Central de Francos, 316 **S.Roque da Lameira**, R.de S.Roque da Lameira, 111 **Sá da Bandeira**, R.Sá da Bandeira, 236 **Ferreira da Silva**, R.dos Mártires da Liberdade, 150 [illegible] **[illegible]aveira**, R.Alcaide Faria, 77.

TODA A NOITE

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre**, R. do Campo Alegre, 723; **Peninsular**, R. Chã, 100

COIMBRA

Montes Claros, R.Dr. António José de Almeida, 69 (T.25904); **Viegas e Coelho**, R.da Sofia, 19 (T.22089)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ÁDOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«Grande Cègada»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen!»
CASA DA COMÉDIA
21.30 (13 anos)
«Horas de Luta»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As Coisas que o Padre Faz»
MARIA MATOS
«O Director da Ópera»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«Círculo de Giz Caucasiano»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas
EUROPA
21.30 (14 anos)
«Randoleiro»
CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
PARIS
21.00 (10 anos)
«100 Armas ao Sol»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A Noite do Pecado»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Mulher e o Patife»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Duelo na Poeira»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Brincando com o Fogo»
IDEAL
21.00 (18 anos)
«A Loja do Sexo»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«Três Pistolas Contra César»
ESTORIL
Casino
17.00, 21.15 (18 anos)
«Caminhos de Prazer»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Emanuelle a Antivirgem»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Pato com Laranja»
AMADORA
Ciestúdio
21.30 (13 anos)
«Felizardos os Ridos»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (10 anos)
«O Desafio das Águias»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Polícias e Ladrões»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (6 anos)
«Os 4 Malucos Mosqueteiros»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Roma de Fellini»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»
SÁ DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«As Motas do Inferno»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«História d'O»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»
BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Salão Elisabeth»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«O homem da Lei»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Fugitivo da Ilha do Diabo»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Quatro lados para um triângulo»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Meninas de bem»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Êxtase Sexual de Macumba»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Ambição fatal»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«História d'O»

cinemas

CASTIL
Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15
Colorido Int. a menores de 18 anos
Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!
AMORES SEM FREIO
5.ª Semana

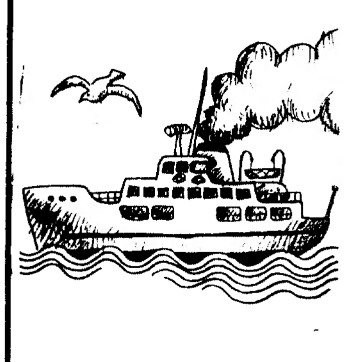
IMPÉRIO
T. [illegible]134 — 14.30, 18.00 e 21.15
M. 10 anos
LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 oscares-37 prémios internacionais
5.ª Semana

POLITEAMA
T. 32380[illegible] — 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
3.ª Semana - lotação esgotada
Int. men. 18 anos
ÊXTASE SEXUAL DE MÁCUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
HISTOIRE D'O
c/Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL
Tel. 538743 — 15.15, 18.30 e 21.15
Maiores 13 anos
O VENDEDOR DE BALÕES

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930304 — 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
POLÍCIAS E LADRÕES



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda nas estações de Lisboa no GITUS (telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78) e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.**
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — 15.00 e 21.00
Não aconselhável a Menores de 13 anos
Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard
13.ª Semana

EDEN
T. 320768 — 14,00, 16,30, 19,00 21,15
Não acons. a men. de 13 anos
Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!
O PIRATA NEGRO
com Bud Spencer e Terence Hill
3.ª Semana

ODEON
T. 326283 — 15.15-18.15 e 21.15
Maiores 14 anos
4.ª SEMANA DE ENCHENTES
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julio Aleman
Um problema em louvor da existência dos filhos do pecado

APOLO 70
Tel. 763311 — 14,00, 16,30, 19,00 21,15
Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
3.ª semana
Hoje às 24 h. Grupo D M. 18 anos
FOGO CRUZADO

CASINO ESTORIL
T. 264621/264946 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
CAMINHOS DO PRAZER

S. JORGE
Tel. [illegible]4153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
George C. Scott
E TUDO O BANCO LEVOU
(Bank Shot) Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. [illegible]037 — Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
FOGO NO SANGUE

AVIS
Tel. 47163 — 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
T. 555134 — Estreia às 21.15
Não acons. men. 13 anos
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
15.30/ 18.30 **FARSA ELEITORAL**

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos (6 anos)
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
LES CHARLOTS

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
INSPECTOR MARTELADA

UNIVERSAL
Tel. 774402
Ciclo Fellini de 26 de Agosto a 1 de Setembro
Às 14.30 e 20.30
ROMA DE FELLINI
Às 16.30 e 22.30
FELLINI SATYRICON
Sábado às 0.30 h.
ROMA DE FELLINI

CONDES
Tel. 322523 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos
A MULHER POLICIA FAZ CARREIRA
Com Maria Carmenuto

BERNA
Tel. 776098 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ...Largue-os em território nazi!...
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
um filme de Robert Aldrich
2.ª Semana

LONDRES
T. 8[illegible]313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O filme de Igmar Bergman
O AMANTE
(The Toud)
c/ Bibi Andersson e Eliott Goul

ROXY
Tel. 48550 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21,15
Não acons. men. 18 anos
Edwige Senech em
A ESPOSA VIRGEM
c/ Carol Baker

TIVOLI
T. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
HISTOIRE D'O
Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel. 897480 — 15, 18 e 21.15
PARA TODOS
O ESTRAVAGANTE DR. DORLITTLE
O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHÉ
Tel. 821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 e 24
Interdito a menores de 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTOIRE D'O
Com Corinne Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
T. 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. menores 18 anos
8.ª semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

C.R. REUNE AMANHÃ

Despacho de assuntos "sem relevância política"

. Será destinada ao despacho «assuntos atrasados sem qualquer relevância política» a reunião de amanhã do Conselho da Revolução, referiu-nos o porta-voz capitão Sousa e Castro.

Desses assuntos merece destaque a apreciação de um projecto de diploma referente aos tribunais militares que prevê a nomeação de um adjunto do Promotor da Justiça civil, por parte do Ministério Púxlico.

Com a sua nova orgânica de funcionamento o CR terá reuniões todas as semanas mas só quinzenalmente ela se destinam aos problemas de fundo e à análise da situação politico-militar.

Registe-se entretanto que termina hoje o prazudado à Força Aérea para designar um representante para preencher a vaga aberta do CR pela opção do general Pinho Freire. O general Morais da Silva, chefe do Estado-Maior desta ramo das FA, a quem compete designar o substituto de Pinho Freire, regressa esta tarde a Lisboa, sendo possível portanto que ainda hoje a decisão seja conhecida.

Não se confirma o nome de Tomás Rosa, que chegou a ser adiantado por alguns órgãos de informação e, bem pelo contrário, este assunto tem estado envolvido num compreensível secretismo.

EMBAIXADOR LÍBIO EM LISBOA GARANTE

As relações com Portugal serão amplamente reforçadas

. «As nossas relações com Portugal serão amplamente reforçadas em todos os sectores (económico, comercial, cultural e informativo) nos próximos dias, pelo que, para o efeito, haverá contactos a alto nível e a vinda a Lisboa de responsáveis do meu país» — afirmou o embaixador da Líbia em Lisboa, Addullah O. Attir, no decorrer de uma conferência de Imprensa, esta manhã, durante a qual as comemorações alusivas ao Dia Nacional daquele país e as suas relações com Portugal constituíram, por assim dizer, os pontos dominantes do encontro.

Abdullah Attir começou por referir que as relações entre os dois países eram muito cordiais e correctas, não existindo portanto «grandes divergências». «Aliás, para que os passa na Líbia», salientou em seguida, articulando relações com a informação internacional, «estabeleceremos, também dentro em breve, uma troca de informações mais lata e verdadeira, porque Portugal recebe notícias do que (nem sempre) se passa no meu país através das agências estrangeiras. Com toda a consideração e apreço que os profissionais da Informação me merecem», acrescentou, «nem todos anunciam os factos como eles na verdade são».

Sobre a matéria adiantou que, para essa troca informativa seja efectiva e signifique a importância que o Governo líbio lhe atribui, virá a Lisboa o responsável mais elevado pelo sector de Informação da Líbia, além de outros a quem compete a tutela dos assuntos económicos, comerciais e culturais. Em princípio, essa visita poderá interpretar-se como retribuição da partida para tripoli, hoje de uma delegação do P.S. constituída por Catanho de Meneses e José Neves, do Secretariado daquele partido, que assistirão amanhã ao Dia Nacional líbio.

Sobre o seu país, propriamente dito, sugeriu aos representantes da Informação que fizessem a leitura livre de um documento distribuído no decorrer do encontro desta manhã, o qual alude à estrutura política vigente na Líbia, os avanços operados após a revolução de 1 de Setembro, o panorama histórico, o plano de desenvolvimento em prática, a dimensão das suas riquezas, sobretudo o petróleo, a promoção agrícola e a indústria subsidiária do petróleo.

As «contra-olimpíadas» e o apoio soviético aos países árabes, agora inclinado para a Líbia em detrimento do Egipto, realçou não ser significativa a «alteração», porquanto o «importante é a questão do Médio-Oriente e os seus problemas, é a liberdade dos povos árabes».

Nota

QUE FAZ CORRER SOUSA TAVARES?

Na nossa edição de 24 do corrente, publicamos uma notícia relativa a um caso sucedido em «A Capital». A base dessa informação consistia num documento do Conselho Geral de Trabalhadores desse vespertino, denominado «Censura Interna», em que se acusava o dr. Francisco de Sousa Tavares de não ter autorizado a publicação de dois anúncios de sindicatos protestando pelo regresso de Spínola.

Dois dias depois, a pedido do Conselho da Redacção do mesmo jornal, publicámos um esclarecimento que dava certas explicações mas confirmava inteiramente o documento anterior.

Limitamo-nos, pois, a reproduzir dois documentos provindos de «A Capital». Ontem, o director e administrador daquele jornal, com incompreensível ferocidade, num editorial em que reconhece os factos referidos nos documentos, acusa-nos de «infame acusação», «manobra concertada», coisa «infame». «torpe, canalha calúnia».

Isto atinge já as raias da loucura. Não acusámos coisa nenhuma, não emitimos sequer opinião alguma. Limitámo-nos a reproduzir documentos que o próprio Sousa Tavares vem confirmar na sua diatribe contra o «D. L.» O que se passa?

. A «infame acusação» contra a «Capital» partiria... da própria «Capital»...

Que faz correr Sousa Tavares?

SANEAMENTOS «DIPLOMÁTICOS»...

Dizem-nos que no Ministério dos Negócios Estrangeiros há já uma lista de 15 funcionários que, tudo indica, irão receber a nota de «cessação de comissão de serviço» — nova fórmula de saneamento utilizada pelo ministro Sottomayor Cardia. dia.

Simplesmente — dizem-nos ainda — a estratégia desta vez será diferente. As «cessações» serão graduais, uma por uma, para não dar muito nas vistas... E assim se explica já o convite a Galvão Telles para trocar Nova Iorque por Argel. Sabendo-se que o diplomata em causa (que figura em primeiro lugar na lista dos 15) não está interessado na «transferência», ter-se-á assim, pretexto para a «cessação de serviço»...

CASO LOCKHEED EM PORTUGAL?

. Corre pelo menos o boato de que haveria negociações entre responsáveis portugueses e a empresa norte-americana Lockheed para a compra de vários aparelhos para transporte de passageiros. Diz-se ainda que tais negociações terão que ver com as recentes informações sobre uma possível transferência de dois «Boeings» para a TAP.

M.E.I.C. suspende programa

Continuação da pág. 1

nas férias, perante a desmobilização das estruturas organizativas estudantis e de docentes, vai mais longe. O Secretariado para Remodelação do Ensino Secundário — que preparava o lançamento do 9.º ano da escolaridade — foi extinto; o recém-criado Instituto de Inovação Pedagógica foi liquidado; o Ensino Unificado termina no 8.º ano de escolaridade; os Centros Regionais de Apoio foram extintos. O que se segue? A alteração curricular das escolas do Magistério Primário para a formação de professores? A revisão dos programas de ensino primário? Um estatuto de privilégio do Ensino Particular para lá do consignado na Constituição que o determina como supletivo do ensino oficial?

BOMBISTAS PRESOS

Continuação da pág. 1

Estas declarações parecem, de algum modo, reflectir uma determinada perspectiva de encaminhamento das investigações que, a traduzir-se na prática, levará à travagem do desenvolvimento do processo que se afirmou seria levado «às últimas consequências».

Com efeito, estranha-se que homens como o major Mota Freitas, o comendador Abílio de Oliveira, o industrial Torres o empreiteiro «Veríssimo» tivessem sido «prejudicados profissionalmente» ou que tivessem sido saneados...

Esta nova idéia quanto às motivações dos bombistas terá que ver com a sua «estadia» em celas colectivas? Estará já montada a estratégia comum no sentido de travar as investigações e atenuar-lhe os efeitos?

Rodésia: escoamento da população branca

. SALISBURIA, 31 — (ANOP/AP) — A Rodésia sofreu o mês passado a sua mais elevada perda mensal de brancos desde que o país se proclamou independente da Grã-Bretanha.

Estatísticas hoje publicadas demonstram que durante Julho deixaram a Rodésia 1 330 brancos e entraram 484, o que significa uma perda de 846.

Durante os primeiros sete meses do ano, o país perdeu 3 120 cidadãos brancos, num balanço entre os que sairam e os que entraram.

As populações asiática e mestiça, têm igualmente tendência para deixar o país — e tudo isto devido às incertezas políticas e económicas que se vivem presentemente no território.

Eanes recebeu Eduíno Vilar

. O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu ontem em audiência particular o secretário-geral do PC de P (m-l), Eduíno Vilar. Embora se desconheça o teor das conversações efectuadas entre o Presidente da República e o dirigente de uma organização que nas últimas eleições legislativas obteve cerca de 0,5 por cento de votos, pensa-se que terão sido abordados — por Eduíno Vilar — temas ligados à «actual consolidação da democracia em Portugal» e ao «desenvolvimento notório da Independência portuguesa em relação às super potências».

Cinco petardos contra uma fábrica

. Três indivíduos, que logo se puzeram em fuga, atiraram cinco petardos para o interior das instalações fabris da «Tripal, Transformadora Industrial L.d.ª», de S. Mamede de Infesta, onde um turno noturno estava em plena laboração.

De fraca potência, os engenhos quase não causaram estragos, presumindo-se que os autores do atentado apenas pretendiam amedrontar os trabalhadores que lutam, há cerca de oito meses, para que a empresa, abandonada pelos proprietários com 12 000 contos de dívidas, veche as suas portes.

Os petardos foram lançados por uma janela, tendo algunso dos trabalhadores tido tempo var ver os indivíduos que os atiraram.

Chuvas torrenciais de ontem não beneficiaram albufeiras

Absorvida em grande parte pela terra ressequida após longos meses de estiagem, a chuva que, ontem à tarde, quase inundou Lisboa, obrigando o Batalhão de Sapadores Bombeiros e dezenas de intervenções, não chegou a provocar reflexos positivos ao nível das albufeiras, de barragens hidroeléctricas, segundo declarou, esta manhã, ao nosso jornal, um porta-voz da Secretaria de Estado da Indústria e Tecnologia.

A intensidade com que a água se abateu, durante cerca de duas horas sobre a capital, provocou várias inundações. As mais notórias aconteceram na Estação de Metropolitano do Rossio, que konduziu à paralisação daquele meio de transporte durante algum tempo, e no parque de estacionamento subterrâneo dos Restauradores, em que vários automóveis sofreram avarias. Aliás, toda a «baixa» ficou alagada com mais de meio metro de água, o que obrigou o comércio da Praça D. Pedro IV a fechar, temporariamente, as suas portas «para limpeza», tendo o próprio quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, situado por detrás do Teatro D. Maria II, ficado inundado com cerca de quarenta centímetros de água.

Na Rua das Flores, o rodado dianteiro de uma camioneta foi «engolido» pelompavimento, tendo abatido parte do passeio. A situação do veículo, pertencente a uma empresa de distribuição cder cervejas, obrigou à intervenção de uma potente grua dos bombeiros, que teve de fazer várias manobras para não ser «engolida» pela rua, dado que o empedrado assentava em terreno falso.

O lixo acumulado nas ruas durante sábado e domingo também constituiu um obstáculo, ao escoamento da enxurrada, ao formarem uma pasta lodosa e escorregadia junto das sarjetas.

De acordo com o serviço Meteorológico Nacional, que prevê aguaceiros até 5 de Setembro próximo, a altura máxima de precipitação em Lisboa foi de 26,7 mm, a mais alta registada este ano. No resto do País também choveu, mas em nenhum local com a intensidade atingida na região de Lisboa.

Kissinger na África do Sul?

Continuação da pág. 1

O secretário note-americano de Estado, Henry Kissinger, e o primeiro-ministro sul-africano John Vorster, reunir-se-ão de novo a 4 de Setembro, em Zuruque, para mais uma série de três dias de conversações sobre a escalada de violência racial na África Austral.

A reunião, anunciada em Pretória, efectuar-se-á depois de conversações preliminares em Junho, entre Kissinger e o dirigente sul-africano, na Alemanha Federal, destinadas a tentar elevitar um conflito racial na região.

LANIDOR

15 LOJAS

MALHAS — PRONTO A VESTIR

SALDA

4.ª Feira, dia 1 de Set.º, até Sábado, 4

135 416 peças (Malhas - Confecções)

DESDE 25$00

MANTEREMOS A TRADIÇÃO DOS MELHORES SALDOS DO PAÍS

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 48 601 EXS.